

PRA-8
O RÁDIO NO BRASIL

Jota Alcides

PRA-8
O RÁDIO NO BRASIL

FATORAMA
Brasília - DF
1997

Copyright by Jota Alcides - 1998

ALCIDES, Jota.

PRA-8 - O Rádio no Brasil.
Brasília, Fatorama, 1997

Síntese histórica da radiodifusão e
da primeira emissora brasileira
Rádio Clube de Pernambuco

Agradecimentos:

Doryval Gayeta (*Rádio Gazeta de São Paulo*), Fernando Guerra (*Rádio Sociedade da Bahia*), Euclies Cardoso (*Rádio Clube Paranaense*), Demétrio Luiz (*Rádio Clube de Ribeirão Preto-SP*), Aldo Paes Barreto (*Rede Manchete - Recife*), Gilberto Gomes (*Rádio Sociedade Pelotense - Rio Brande do Sul*) e Leda Rivas (*Diário de Pernambuco*).

Todos os direitos reservados ao autor

Homenagem

Ao tecnólogo, radioamador e radioeletricista pernambucano
Augusto Joaquim Pereira, fundador do *Rádio Clube de Pernambuco*
e pioneiro da radiodifusão no Brasil e na América Latina.

SUMÁRIO

Apresentação	09
Prefácio	23
1 . Brasil chega à Era do Rádio antes de quase todo o mundo	31
2. Rádio Clube de Pernambuco: primeira emissora do Brasil	47
3. Outros prefixos brasileiros pioneiros nas ondas do Rádio	115
Bibliografia.....	133

APRESENTAÇÃO

Um dos mais impressionantes flagrantes da história de comunicação de massa do século XX registrou-se numa noite de domingo em outubro de 1938 nos Estados Unidos. Foi quando o cineasta e produtor artístico Orson Welles aterrorizou a América com célebre emissão radiofônica, sempre lembrada como um episódio lendário, fantástico e antológico.

Dos 27 milhões de norte-americanos que, provavelmente, se encontravam com seus rádios ligados naquela noite, a maioria ouvia na *NBC* o programa de Charlie MacCarthy, um show de marionetes que arrebatava grandes audiências. De repente, ao final do primeiro bloco do programa, seis milhões de ouvintes mudaram o dial sintonizando a *CBS*.

Foi no exato instante em que a trupe de Orson Welles, com o programa *Mercure Theatre*, interpretando uma adaptação radiofônica da peça “Guerra dos Mundos”, do romancista inglês futurista George Wells, anunciava entre rangidos e nervosos efeitos especiais próprios de narrativa fílmica uma invasão de marcianos à Terra.

Chocados e horrorizados com o fato, em verdade uma ficção com realismo explícito, imediatamente dois milhões de norte-americanos foram tomados por frenética inquietude seguida de incontável pânico, espalhando o terror para outros milhões. Welles entrou para a história sob protesto de Wells que viu uma obra *scientific-romance* envolvida num evento de transe coletivo sem precedentes.

De acordo com o profeta da “aldeia global”, Herbert Marshall McLuhan, o filósofo canadense cujas idéias e teorizações causaram forte impacto na comunicação do mundo moderno, “a famosa emissão de Orson Welles sobre a invasão marciana foi uma pequena mostra do escopo todo-inclusivo e todo-envolvente da imagem auditiva do rádio” (1), com sua dimensão ressonadora e seu poder de transformar a sociedade numa câmara de eco.

Foi, realmente, a primeira e espantosa demonstração da capacidade do rádio de inflamar imaginações e influenciar multidões. O mundo passou a ser outro com a existência do rádio, que inaugurou o tempo onírico, assim, chamado pelo filósofo francês Adgard Morin, o primeiro período da cultura de massa.

Desde os primórdios da história da humanidade, houve extraordinária evolução dos meios e modos de comunicação das diferentes civilizações. Um dos marcos dessa evolução foi fincado por Johan Guttenberg, em Mogúncia, na Alemanha, em 1450, quando inventou os tipos móveis, proporcionando o advento da imprensa, que provocou intensa revolução cultural. Depois, com a Revolução Industrial, uma transformação radical e acelerada aconteceu, sobretudo a partir de 1832.

Uma sucessão de eventos e inventos abriu novos caminhos e novos horizontes de progresso para muitas nações. Surgiu o rádio e com ele um admirável e fascinante mundo novo, sem fronteiras, nem paroquiais, nem regionais, nem multinacionais. O rádio desencadeou uma escalada mundial de transformações culturais que marcaram o Século XX, o século dourado da comunicação eletrônica.

Muitos até hoje pensam e outros tantos acreditam que a história do rádio começou com o cientista italiano Guglielmo Marconi. Sem embargo, seu nome está definitivamente ligado ao nascimento e desenvolvimento da radiodifusão. Mas, não é bem assim como tem sido e escrito.

Poucos sabem que antes de Marconi existiram pioneiros devotados que se fizeram estranhos sonhadores com as possibilidades das ondas de rádio. E pouquíssimos têm conhecimento de que, antecedendo Marconi, houve um brasileiro pioneiríssimo que ainda não teve seu nome devidamente reconhecido, embora tenha produzido memorável página histórica.

Em sua robusta e detalhada “História das Comunicações”, dos tantãs aos satélites, Mitchell Stephens, escrevendo em 1988 como professor de comunicação de massa da Universidade de Nova Iorque, definiu o nascimento do rádio como “um ponto de encontro eletrônico”.

Um encontro de diversos avanços, destacano-se: a descoberta das ondas eletromagnéticas no ar, por James Clerk Maxwell, na Escócia, e por Henrich Hertz, na Alemanha, na segunda metade do século XIX: utilização dessas ondas por mensagens codificadas - Telegrafia Sem Fio (TSF) - por Guglielmo Marconi, na Itália, ao final do mesmo século; e transformação dessas mensagens em códigos e depois em fala - Telefonia Sem Fio (TSF) - por Lee De Forest e Reginald Fessenden, nos Estados Unidos, no começo do século XX.

Com razão, Stephens observou que essas invenções permitiram muitas e diferentes aplicações, mas, provavelmente, seus inventores não previram a mais significativa delas que foi exatamente o rádio.

E lembrou a reação do executivo da Westinghouse, Harry Davis, em 1920, por ele próprio relatada em 1928, na Universidade de Harvard, ao falar sobre a história da radiodifusão nos Estados Unidos.

Contou Davis que, ao ter sua atenção desperada por uma

transmissão de rádio a partir de uma instalação técnica feita na garagem do edifício onde trabalhava, teve o seguinte pensamento:

“Os esforços que estavam sendo despendidos para desenvolver a radiotelefonia como um sistema de comunicação confidencial estavam equivocados e que, ao invés disso, sua aplicação se dava, na realidade, no campo da ampla publicidade”.⁽²⁾ Ou seja, pensaram no rádio com uma finalidade restrita e ele estava indicando outra, muito mais atraente e poderosa.

Uma experiência antes disso, na Califórnia, em San José, mais tarde um dos principais centros da indústria eletrônica dos Estados Unidos, justificava essa suposição. Charles Herrold havia montado em 1909, uma escola de rádio com pequeno estúdio para irradiar. Denominada “San José Calling”, chegou a ser proclamada por Lee de Forest como “a mais antiga estação de rádio do mundo”.

Mas, de fato e historicamente, somente em 2 de novembro de 1920, graças ao estímulo de Davis e à iniciativa do engenheiro Frank Conrad, a Westinghouse inaugurou a *KDKA de Pittsburgh*, na Pensilvânia, primeira estação de rádio dos Estados Unidos. Era o início glorioso de uma longa história.

Infelizmente, o Brasil não aparece na história de Mitchell Stephens, que é uma estado de abrangência mundial. E muito menos na história de Harry Davis, que é um relato da experiência norte-americana.

Entretanto, o Brasil tem muito a ver com essa fascinante história cheia de personagens ávidos pela descoberta científica e movidos por sonhos de modernidade. Que dedicaram suas energias, vontades, intuições, palpitações e esperanças ao descobrimento da comunicação eletrônica.

Com suas surpreendentes e mobilizadoras criações, eles foram despontando, sequeciadamente, um após outro. Samuel Morse inventou o telégrafo para que duas pessoas se comunicassem à distância. James Maxwell descobriu a propagação do som em ondas esféricas em todas as direções.

Graham Bell criou o telefone para transmissão da voz humana através de corrente elétrica. Thomas Edison produziu uma lâmpada que se transformou em válvula. Heinrich Hertz seguiu Maxwell e encontrou as ondas de rádio. Landell de Moura conseguiu irradiar mensagens através de ondas hertzianas. Landell pôs o Brasil na história da radiodifusão mundial.

Em seguida, Aleksandr Popov inventou a antena para receber ondas de rádio. Marconi chegou também à descoberta da radiocomunicação. Fosseden descobriu a telefonia sem fio. De Forest produziu o audion, revolucionando a transmissão e recepção de mensagens. E David Sarnoff profuziu a caixa de música do rádio.

Nessa prodigiosa sequência de avanços científicos e técnicos, testados, acumulados e enriquecidos, graças ao talento criativo e ao saber produtivo de muitos pesquisadores, inquietos desconfiados nos caminhos do conhecimento humano e da investigação científica, exatamente 87 anos depois da descoberta de Morse, a partir de 1919, o rádio se instalou e se espalhou conquistando o mundo.

Oficialmente, o cientista italiano Guglielmo Marconi ganhou a condições de descobridor do rádio. Mas, em verdade, o cientista brasileiro Roberto Landell de Moura descobriu o rádio primeiro. Algo parecido com essa controvérsia na história do rádio, deu-se também com a história da aviação.

Para os norte-americanos, não foi o brasileiro de Minas

Gerais, Santos Dumont, quem inventou o avião em 1901, quando experimentou o seu 14-BIS, em Paris, e teve a glória de ser o primeiro homem a voar, seguindo a imaginação fantástica de Icaro, o mitológico voador grego.

Consideram que essa aventura foi dos irmãos Orville e Wilbur Wright em 1903. Da mesma forma, não aceitarão, se lhes disserem, que foi Santos Dumont quem inventou o relógio de pulso, desenhando-o para o relojoeiro Jaeger Lecoutre, que o industrializou. Quase automaticamente reagirão com espanto ou ironicamente.

Discórdia histórica semelhante também foi gerada, montada e propalada, internamente no Brasil, com relação aos verdadeiros pioneiros e desbravadores da radiodifusão, por segmentos do Rio e São Paulo, geradores e estimuladores de um colonialismo cultural interno brasileiro.

Esses segmentos não consideram a força criativa e produtiva da inteligência do Nordeste, nem polêmica admitem. Pelo contrário, geralmente assumem uma postura discriminatória que reproduz e amplia injustiças e indiferenças contra essa parte do Brasil.

Oficialmente, Roquette Pinto ganhou o privilégio de precursos com a *Rádio Sociedade do Rio de Janeiro* e o título de patrono da radiodifusão brasileira. Mas, de fato e historicamente, o precursor foi Augusto Joaquim Pereira, que instalou, no Recife, a primeira emissora de rádio do Brasil, *Rádio Clube de Pernambuco*. Ele fez Pernambuco pioneiro na história do rádio no Brasil.

Em setembro de 1996, o Brasil esteve de antena ligada no Recife, a encantador e cosmopolita capital de Pernambuco. durante três dias (17 a 19), a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão - Abert realizou, no Mar Hotel, o 20º Congresso Brasileiro de Radiodifusão.

Era um importante seminário técnico anual, com debates e exposição de equipamentos, preparando a radiodifusão brasileira para nova era das comunicações no Terceiro Milênio. Uma oportunidade extraordinária para Pernambuco fazer o resgate de sua grandiosa história na radiodifusão do País.

Por pouco, os próprios pernambucanos não viram seu pioneirismo sufocado pela massificação de um equívoco transformado em verdade histórica. Coube ao presidente da Abert, dinâmico e atento Joaquim Mendonça, salvar a honra pernambucana em seu discurso saudando os radiodifusores brasileiros:

“Caso os nossos encontros bienais devessem homenagear o berço da radiodifusão brasileira seriam todos realizados em Pernambuco, na cidade do Recife. Foi aqui, em 1919, que foi ao ar pela primeira vez no Brasil, talvez na América Latina, uma emissora de rádio, a *Rádio Clube de Pernambuco*, ainda hoje no ar”.

De forma alguma pretende-se encobrir, diminuir, anular ou desconhecer os méritos do professor Roquette Pinto, respeitado e admirado nacionalmente como cientista, sobretudo antropólogo e naturalista. Muito menos tirar de sua rica biografia e inegável esforço de intelectual buscando dotar o Brasil de um rádio para civilizar as populações dos mais distantes rincões do País. Foi ele, assim e sem dúvida, pioneiro do rádio-educativo.

Deseja-se, isto sim, fazer um reconhecimento público ao mérito de quem realmente foi pioneiro de primeira hora na história da radiodifusão nacional. E este mérito é do pernambucano Augusto Pereira. Pode até ser que esse reconhecimento não corresponda à sua história. Antes disso e mesmo tarde do que nada e nunca.

Considerando-se, principalmente, as condições e vantagens do Rio, como Distrito Federal e principal centro adminis-

trativo, cultural e político do País, ao final da segunda década deste século, em relação a Pernambuco, é incontestável e insuperável o valor histórico da façanha pernambucana, antecipando-se, em muito, aos empreendimentos de radiocomunicação em outros centros maiores do Brasil e do continente sul-americano.

Muitos dos registros históricos aqui contidos, obtive pessoal e diretamente em 1970, quando trabalhei no *Rádio Clube de Pernambuco*, com seu diretor Tavares Macial, e com o primeiro locutor oficial da emissora, desde 1926, Abílio de Castro.

Outros recolhi em 1971 e 1972 quando atuei na *Rádio Capibaribe do Recife*, com seu diretor Arnaldo Moreira Pinto e com seu gerente técnico Otto Schiller, ambos exercendo juntos há várias décadas importantes atividades na radiofonia de Pernambuco.

Longas conversas mantive com Moreira Pinto, que havia sido, também, por vários anos, superintendente do *Rádio Clube de Pernambuco*, reorganizado em 1923 com a participação do seu irmão oscar Moreira Pinto; e com Schiller, um alemão naturalizado brasileiro, o primeiro responsável técnico pelas operações da PRA-8, o mais famoso prefixo do Nordeste brasileiro.

E ainda outros anote durante anos, a partir de 1970, com o jornalista Antonio Camelo da Costa, saudoso diretor do *Diário de Pernambuco*, jornal mais antigo em circulação na América Latina, e um dos fundadores, em 1988, da Associação das Empresas de Radiodifusão de Pernambuco. Com sua sensibilidade para cultivar a história, Camelo tinha um carinho muito especial pelo *Rádio Clube*.

Camelo, Maciel, Castro, Pinto e Schiller, que me honraram com suas amizades nos primeiros anos de carreira no jornalismo em Pernambuco, generosamente me abasteceram com preciosas

informações que guardavam, orgulhosamente, como testemunhas ou protagonistas de momentos históricos da emissora pioneira do Brasil.

Desde então, tenho atenção especial para a história da *RPA-8* e, a partir de 1986, passei a dedicar-me ao tema, levantando registros, anotando dados e armazenando pesquisas com objetivo de contribuir para encerrar uma polêmica, em nome da verdade histórica: Pernambuco deu ao Brasil a primeira emissora de rádio da América Latina e uma das mais antigas do mundo.

Meus agradecimentos aos companheiros Jozil Barros e Gladstone Vieira Belo, vice-presidentes do *Diário de Pernambuco*, que me ajudaram na garimpagem de alguns documentos valiosos sobre a história do *Rádio Clube de Pernambuco*.

Ao diretor da sucursal do *Correio Braziliense* em São Paulo, Carlos Conde, que me auxiliou em pesquisas sobre o rádio paulista no contexto histórico nacional. E aos diretores e gerentes de importantes emissoras regionais que, gentilmente, me forneceram indicadores indispensáveis ao cotejamento da história do *Rádio Clube de Pernambuco* com a história da radiodifusão brasileira.

Um agradecimento especial, pelo prefácio, ao vice-presidente dos Diários Associados, presidente do *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro e presidente da *Rádio Tupi* do Rio, companheiro e amigo Ibanor Tartarotti.

Com 45 anos de atuação em setores administrativos de rádios, jornais e televisões dos Diários e Emissoras Associados, Tartarotti é um bem-sucedido executivo de comunicação que se orgulha de ter começado sua carreira profissional no rádio.

Dirigente empresarial de comunicação dos mais prestigiados nacionalmente, sobretudo no eixo Rio-São Paulo-Brasília,

Tartarotti lembra-se com emoção dos seus tempos de *Rádio Farroupilha* e *Rádio Difusora* de Porto Alegre.

Nelas, viveu significativos momentos da história radiofônica brasileira e também da política no Rio Grande do Sul. Seu prefácio traduz o sentimento e o reconhecimento de um sulista tradicionalista dos pampas louvando os audaciosos nortistas de Pernambuco, pioneiros do rádio.

Sem pretensão literária, mas com sentido de documentário, o propósito deste trabalho é repor os fatos em seus devidos lugares no cenário da história, brasileira e universal, numa homenagem aos bravos radioamadores e radioamantes do Recife, pesquisadores e técnicos ousados, que puseram no ar o *Rádio Clube de Pernambuco*.

Pretende ser também uma contribuição ao esforço nacional de resgate do rádio como grande meio eletrônico de comunicação das massas populares brasileiras. Sua palpitante presença na vida nacional inspirou e motivou até um fabuloso espetáculo teatral, combinando marketing cultural, comunicação e show.

Durante meses e em concorridas sessões em Belo Horizonte, em 1996, o espetáculo *Na Era do Rádio*, sob direção de Pedro Paulo Cava, teve a audiência e o aplauso de milhares de pessoas atraídas pela magia de cantores e dançarinos, atores e atrizes, com vozes primorosas e sofisticados figurinos, revivendo os anos dourados, românticos e inesquecíveis do rádio brasileiro.

Esse resgate do rádio passa, indispensavelmente, por Pernambuco. Com sua formação histórica e sua vocação histórica de fazer história, Pernambuco pôs o Brasil na vanguarda da história e do desenvolvimento da radiofonia latino-americana através do *Rádio Clube*, que chega ao final deste século operando com 100

Kws, uma das emissoras mais potentes do Norte e Nordeste do Brasil.

Seu painel histórico resume a evolução do rádio no Brasil. Desde os rudimentares transmissores por telefonia e artesanais receptores de galena até hoje com as mais modernas e avançadas tecnologias de transmissões por satélite, do rádio digital e do rádio via Internet, a maior rede de computadores do mundo, fazendo em tempo real a comunicação total da mcluhiana aldeia global. viva o Rádio!

JOTA ALCIDES

Brasília, junho de 1997



Augusto Pereira, fundador do *Rádio Clube de Pernambuco* e pioneiro da radiodifusão no Brasil

PREFÁCIL

Este século, que está terminando, é um século de ouro. Com base nos novos inventos tecnológicos, o mundo do futuro não terá mais limites e, no bojo disso tudo, estão, indiscutivelmente, as ondas do rádio, que vieram e estão acompanhando o progresso da comunicação que tanto tem beneficiado a humanidade.

Essas ondas de voz trouxeram depois as imagens, permitindo as mais longínquas explorações do Universo. Essas ondas é que transformaram o nosso planeta na aldeia global profetizada pelo professor canadense Marshall McLuhan. Com 50 anos de atividade profissional, tive a satisfação de ser uma testemunha privilegiada dessas transformações.

Sempre estive ligado aos Diários e Emissoras Associados, criados por Assis Chateaubriand. Desde 1990, tenho a honra de ser vice-presidente dessa organização, trabalhando ao lado do presidente, meu companheiro e amigo Paulo Cabral de Araújo. Nessa condição venho dedicando minha vida à indústria da comunicação, em torno de jornais, rádios e televisões no Brasil.

Não posso esconder, no entanto, que tenho uma grande paixão pelo rádio, pois foi nele que comecei no Rio Grande do Sul. Antes do rádio de verdade, nos idos de 1946, ainda na minha cidade natal, Farroupilha, então com três mil habitantes, fiz um ensaio geral montando e operando o serviço de alto-falante “A Voz da Cidade”. Eu era o locutor, o controlista, o redator, o publicitário e o gerente. Fazia tudo.

Obtido êxito em Farroupilha, tive uma chance em outra cidade, distante 20 quilômetros dali, na *Rádio Caxias do Sul*. Consegui alguns patrocinadores, comprei um horário e montei um programa (horível) de declaração de poesias. Mesmo assim, mantive no ar o “Tumultuar das Musas”. Que nome!

Como havia deficiência de energia elétrica, naquela época, em Farroupilha, a emissora não era bem sintonizada e eu perdi os patrocinadores. O programa acabou e os caxienses ficaram livres daquelas poesias com fundo musical.

Era o final dos anos 40, o rádio causava empolgação em todo o Brasil. Meu pai mandou instalar um possante modelo Westinghouse, no lugar mais destacado de nossa casa. O aparelho ficava quase o dia todo ligado nas ondas da *Rádio Farroupilha* de Porto Alegre.

Lembro que era praticamente a única que entrava na região. Outras chegavam através de ondas curtas, mas com intenso chiado. À noite, em casa, o programa da família era sintonizar a *BBC* de Londres e ouvir o noticiário sobre a segunda Guerra Mundial. com sua onda poderosa, a *Rádio Farroupilha* chegava forte à cidade do mesmo nome, emocionando os ouvintes.

Cidade e emissora tinham sido batizadas como Farroupilha porque o distrito de Nova Vicenza se emancipou de Caxias do Sul em 1935, quando era comemorado, em Porto Alegre, o centenário da histórica guerra libertadora, momento de instalação da emissora. Com 25 Kws de potência, a *Rádio Farroupilha, PRH-2*, foi inaugurada em 24 de julho de 1935. Dois meses antes da festa do centenário.

De 1942 a 1945, estudei como interno no Colégio Diocesano de Lages, Santa Catarina. Jamais esqueci que ali ouvi, pelo rádio, o anúncio do término da segunda Guerra Mundial e da

renúncia do então presidente Getúlio Vargas. Quando as rádios divulgaram o fim da guerra foi uma explosão de alegria. Chovia torrencialmente, mas pegamos tambores, clarins e fomos às ruas comemorar a Paz.

Minha chegada a Porto Alegre, com a finalidade de prosseguir os estudos, aconteceu em março de 1947. Foi quando ingressei no *Diário de Notícias* e comecei a ter participação nas administrações da *Rádio Farrroupilha* e da *Rádio Difusora*, os três veículos pertencentes aos Diários Associados.

Assim comecei minha carreira profissional na organização de Chateaubriand. Há vários anos fixado no Rio, onde sou presidente do *Jornal do Comércio*, também tenho a honra e o orgulho de ser presidente da *Rádio Tupi do Rio de Janeiro*, uma das mais famosas emissoras do Brasil. Além disso, mantenho, com meu primo Telmo Tartarotti, em Porto Alegre, a *Rádio Metropolitana* e a *Rádio Liberdade*, duas emissoras FM que fazem bastante sucesso entre os gaúchos.

Escrevo tudo isso para registrar minha intensa vinculação ao rádio. Os chamados anos dourados do rádio brasileiro eu os vivi na *Rádio Farrroupilha*. Presenciei a sua reinauguração em 24 de julho de 1950, com 50 Kws.

Lá estava Assis Chateaubriand com uma vcaravana de ilustres convidados, entre eles a madrinha da emissora, minha dileta amiga Elettra Marconi, filha do casamento de Maria Cristina com o físico italiano Guglielmo Marconi que, em 25 de setembro de 1935 havia estado no Rio inaugurando a *Rádio Rupi*, também trazido por Chateaubriand.

Com seu novo transmissor e uma torre de 198 metros de altura, a *Rádio Farrroupilha* atingia todo o Rio Grande do Sul. Exercia grande influência social, cultural e política. Podia ser ouvida

também no Rio de Janeiro. Entrava *rachando* em Montevideu e Buenos Aires.

Ela tinha maravilhosos programas e um elenco de grandes artistas. Tinha o *Reporter Esso*. Tinha a Grande Orquestra Farroupilha. Tinha o Rodeio curinga. Paixão Cortes, Darci Fagundes, dímas Costa e outros tradicionalistas que implantaram na alma do povo as tradições dos pampas, promovendo pelas ondas da *Rádio Farroupilha* o rico folclore gaúcho. A *PRH-2* era um sucesso. Era um fenômeno.

Por tudo isso é que tenho muito prazer em prefaciar este livro “PRA-8 - O Rádio no Brasil”, o quinto do companheiro nos Diários Associados, Jota Alcides. Primeiro, porque como sulista dos pampas, natural de uma cidade com o glorioso nome de Farroupilha, e plenamente consciente dos altos valores culturais e históricos do Rio Grande do Sul, tenho oportunidade de manifestar minha sincera homenagem aos valores brasileiros do Nordeste.

Sempre respeitei e admirei a inteligência e a capacidade criativa dos nordestinos. Eles estão aí, numerosos, ao longo dos cinco séculos de Brasil, sobretudo na literatura, na comunicação e nas artes, enriquecendo a cultura e a história deste País.

Confesso que essa admiração e esse respeito pelo Nordeste aumentaram ainda mais em mim com as revelações e as indicações deste trabalho de Jota Alcides, que promove um autêntico resgate do pioneirismo de Pernambuco na história da radiodifusão brasileira.

Estou certo ser um estudo que vai surpreender profissionais, pesquisadores e estudiosos da comunicação e que, como é o seu objetivo, vai contribuir para correção de um equívoco que acabou virando verdade pela sua constante repetição. Aos pernambucanos pioneiros do rádio no Brasil, minha sincera homenagem de gaúcho, daqueles bem tradicionalistas.

Segundo, porque, ao apresentar essa nova e palpitante abordagem da história da radiodifusão nacional, Jota Alcides, jornalista e escritor que enriquece a galeria dos nossos melhores profissionais nos diários Associados, demonstra-o tê-la feito com o intenso cuidado de um pesquisador atento e com fortes sentimentos de brasileiro que ama o seu País e sua gente desbravadora e empreendedora.

Com esse espírito, seu trabalho defende a tese de que, antes do cientista italiano Guglielmo Marconi, considerado “pai do rádio”, na história universal, houve um pioneiro inventor e descobridor brasileiro, meu conterrâneo roberto Landell de Moura, natural da minha querida Porto Alegre.

Creio que o Brasil precisa conhecer melhor esse pioneirismo porque representa a sua própria valorização diante da história. Como defe insistir afirmando e reafirmando a antecipação de Pernambuco na história da radiodifusão nacional.

Terceiro, porque o marco do pioneirismo radiofônico brasileiro, investigado e relatado neste “PRA-8 - O Rádio no Brasil” está representado pelo *Rádio Clube de Pernambuco*, emissora dos Diários Associados. Vou guardar, definitivamente, na minha memória essa data motivadora deste novo livro de Jota Alcides: 06 de abril de 1919, data de fundação do *Rádio Clube de Pernambuco*, primeira emissora brasileira.

Da mesma forma, também não vou mais esquecer o nome de Augusto Joaquim Pereira, o pioneiro responsável por essa proeza inacreditável quando o rádio era só experimental nos Estados Unidos e na Europa. Uma prova da garra brasileira.

E, finalmente, porque, para mim, o rádio permanece sendo um fascinante meio de comunicação. Muita coisa mudou, as novas tecnologias trouxeram o rádio digital e as transmissões em rede

por satélite, além de outras conquistas inovadoras. Nada, porém, alterou uma característica exclusiva do rádio: mexer com a imaginação e com a emoção das pessoas. Demonstração disso reproduziu-se nos estádios, onde os torcedores vibram ouvindo rádio, mesmo estando quase à beira do gramado. O rádio é emocionante.

IBANOR TARTAROTTI

Rio de Janeiro, maio de 1997

1
BRASIL CHEGA À ERA DO RÁDIO
ANTIS DE QUASE TODO O MUNDO

Com o fim da primeira Guerra Mundial, em 1919, o desenvolvimento científico e tecnológico, proporcionado pela Revolução Industrial e interrompido pelo conflito internacional, ganhou novo e forte impulso. Modernidade passou a ser a expressão-síntese da nova utopia de uma sociedade ambiciosa e próspera.

Como sinais de vitalidade e de expectativas positivas do espírito inquieto e revolucionário dessa época de mudanças, em todos os campos de atividade humana surgiram novos estudos, pesquisas, descobertas e avanços, sendo extraordinário o progresso do setor de telecomunicações, sobretudo nos Estados Unidos, Europa e Brasil.

Primeiro, apareceu o telégrafo com fio, depois o telégrafo sem fio, em seguida o telefone e na sequência o rádio. Curiosos aparelhos e instrumentos, originalmente mais parecidos com engenhocas, descobertos e desenvolvidos pela criatividade e pela audácia de alguns pesquisadores e cientistas, notáveis em genialidade.

Em busca de recursos para uso exclusivo com fins militares e ou sonhado com transmissão de mensagens para destinação coletiva, eles possibilitaram a revolução do rádio, primeiro veículo de comunicação de massa.

Tudo começou em outubro de 1832, quando o físico norte-americano de Massachussets, Samuel Morse, em viagem para Nova Iorque, imaginou e desenhou a bordo do navio Sully, um projeto

para “assombrar o mundo”. (3) Cinco anos mais tarde, em 1837, ele apresentou um aparelho chamado telégrafo, que permitia duas pessoas se comunicarem à distância.

Em seguida, em 1838, quando a repercussão de sua descoberta ainda estava envolvida por muitas interrogações, dúvidas e até mesmo ironias quanto à estranha possibilidade do novo invento. Morse conseguiu fazer a primeira transmissão de uma mensagem em tom profético: “Atenção, Universo!”. Produziu-se, então, uma escalada surpreendente de novidades, superando todos os limites do conhecimento humano.

Depois do achado de Morse, “os laços das comunicações criaram novas instituições para divulgação de informações. Os terminais de telégrafo nos Estados Unidos estendiam-se para o sul e oeste, desde Boston, Nova Iorque, Filadélfia e Washington. Uma década depois que o telégrafo atingiu Illinois, em 1845, por exemplo, inauguraram-se 30 jornais. O esquema foi imitado na Europa”.(4)

Em 1844, Morse inaugurou a primeira linha telegráfica pública, diretamente da Corte Suprema, em Washington, para Baltimore. O evento marcou também, o surgimento do Código de Morse.

Desde então as redes telegráficas se expandiram nos Estados Unidos e na Europa, nos limites das fronteiras nacionais e, em 1850, foi lançado o primeiro cabo submarino entre França e Inglaterra.

Consta que, entre 1865 e 1866, na Virgínia, o médico norte-americano Mahion Loomis conseguiu fazer transmissão de mensagens em pequenas distâncias usando sinais que seriam considerados mais tarde frequência de rádio. Seu trabalho “Melhorando a Telegrafia” chegou a ser reconhecido como prova

de transmissão inteligente entre dois pontos, através de efeitos eletromagnéticos.

Londres entrou nessa sequência de avanços científicos e técnicos em 1873. Foi quando o físico inglês James Maxwell completou seus estudos sobre fenômenos elétricos e descobriu que a luz e o som se propagam como ondas eletromagnéticas, depois utilizadas nas radiotransmissões.

ONDAS HERTZIANAS

Três anos após o êxito das experiências de Maxwell, em 1876, nos Estados Unidos, Graham Bell, físico norte-americano de origem inglesa, avançou nos estudos iniciados por Morse e descobriu o telefone. Estava com ele o mecânico Thomas Watson, que foi a primeira pessoa no mundo a ouvir a voz humana pelo novo aparelho. Eis o relato do próprio Watson:

“Na noite de 10 de março de 1876, Bell sentou-se em frente a um transmissor, no quarto dos fundos, no andar superior do nº 5 da Praça Exeter, Boston, que eu havia transformado em laboratório. Desci até o quarto da frente para ouvir os resultados com um receptor telefônico. No momento em que Bell estava pronto para falar do novo instrumento, um movimento do seu braço derrubou em suas roupas uma bateria de água acidulada. Na confusão do acidente, Bell gritou por mim: “Mr. Watson, venha aqui, preciso de sua ajuda”. O grande bocal captou seu pedido de ajuda e eu ouvi cada palavra, através do receptor em meu ouvido. O novo transmissor era melhor do que havíamos esperado ou do que havíamos ousado esperar”.⁽⁵⁾

Graham Bell ficou com a paternidade do telefone por questão de horas. Estudos sobre a história da telefonometria⁽⁶⁾ indicam que no mesmo dia em que registrou sua invenção, o engenheiro Elisha Gray, também americano, submetu ao Instituto

de Patentes um aparelho construído sob os mesmos princípios e com as mesmas finalidades.

Outros pesquisadores, como Charles Grafton (1875), Charles Bourseul (1874) e Philipp Reiss (1861) haviam tentado o mesmo caminho, mas somente Bell conseguiu transmitir a primeira mensagem telefônica em 1876.

Dois anos depois, o imperador do Brasil, dom Pedro II, foi o primeiro Chefe de Estado a falar em um telefone ao visitar, em 1878 em Filadelfia, uma exposição que tinha como atração principal o invento de Graham Bell. Entusiasmado com transformações econômicas e sociais, o imperador já havia instalado no Rio, em 1862, o primeiro telégrafo elétrico, início da história das telecomunicações no Brasil.

Com visão progressista e de futuro, dom Pedro criou, em 1879, a Companhia Telefônica do Brasil e mandou instalar, no Rio, uma pequena rede telefônica ligando o Palácio de São Cristóvão ao quartel das Forças Armadas.

Mais um avanço expressivo para as telecomunicações registrou-se em 1887, na Alemanha. Seguindo a teoria de Maxwell, o físico Heinrich Hertz, pesquisando em seu laboratório de Karlsruhe, descobriu o efeito foto-elétrico e as ondas de rádio que numa derivação do seu nome, ficaram sendo chamadas de “ondas hertzianas”. Com sua descoberta, firmou um passo fundamental e decisivo na direção da radiodifusão.

MENSAGEM NO AR

Com base nas invenções de Bell, Maxwell e Hertz, o professor americano Nathan Stubblefield tentou realizar a primeira transmissão de voz em 1892, em Murray, Kentucky. Desenvolveu até um método de transmissão, mas o resultado de sua aplicação foi insatisfatório.

Depois dos estudos e experiências de geniais pesquisadores e inventores norte-americanos, ingleses e alemães, coube, então, a um cientista do Brasil o privilégio de chegar ao rádio, como meio eletrônico de transmissão de mensagens à distância.

Em 1894, o padre Roberto Landell de Moura, gaúcho nascido em 21 de janeiro de 1862, em Porto Alegre, realizou, com sucesso, a primeira transmissão de mensagens, através de ondas hertzianas. Fez uma irradiação entre o alto da Avenida Paulista e o alto de Sant'Anna, em São Paulo, numa distância de oito quilômetros.

Apesar dessa notável e antecipadora realização, o reconhecimento público e o respeito científico às descobertas do padre Landell com seus aparelhos de nomes esquisitos - telau-xioifono, caleofono, anematofono, teletiton e edifono - somente chegaram seis anos depois, pela sua insistência com demonstrações bem sucedidas, conforme registra o *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, em sua edição de 10 de junho de 1900.

“No domingo próximo passado, no alto de Sant'Anna, de São Paulo, o padre Roberto Landell fez uma experiência particular com vários aparelhos de sua invenção, no intuito de demonstrar algumas leis por ele descobertas no estudo da propagação do som, da luz e da eletricidade, através do espaço, da terra e do elemento aquoso, as quais foram coroadas de brilhante êxito. Estes aparelhos, eminentemente práticos, são, como tantos corolários, deduzidos das leis supracitadas. Assistiram a esta prova, entre outras pessoas, o sr. P. Lupton, representante do governo Britânico e sua família”.⁽⁷⁾

Diante de notícias sobre inventos maravilhosos de telegrafia e telefonia no exterior, o direito de prioridade do padre Landell foi defendido pelo Dr. Rodrigo Botet em artigo publicado pelo jornal *La Voz de España*, em sua edição de 16 de dezembro de 1900.

“O rev. padre Landell foi o primeiro a construir seu magnífico telefônio, sem precisão de fios, para transmitir a voz, as notas musicais e os ruídos apenas sensíveis ao ouvido, tais como o tique-taque do relógio, a grandes distâncias. A telefonia aquática e subterrânea, e bem assim o Teletiton, espécie de telegrafia fonética, sem emprego de fios metálicos, são obras de imarcescível glória e a prioridade deles pertence ao referido sábio brasileiro”.⁽⁸⁾

Desse modo, foi Landell de Moura quem primeiro transmitiu, sem fios, mensagens à distância fazendo o Brasil chegar à Era do Rádio. Landell de Moura descobriu e experimentou a radiocomunicação um ano antes do físico italiano Guglielmo Marconi. Este somente em 1895, no seu laboratório de testes em Balonha, conseguiu transmitir sinais à distância de um e dois metros.

LANDELL PIONEIRO

Há quem defendeu o pioneirismo de Marconi, argumentando que a diferença entre ele e outros cientistas dessa época está no objetivo de sua experiência. Que ao contrário de outros pesquisadores, Marconi interessava-se menos nas ondas do rádio em si e mais no que elas podiam significar como meio para transmitir mensagens, com sinais confiáveis, a grandes distâncias. Ora, isso em nada diferencia Marconi de outros cientistas pioneiros da radiodifusão.

Esse também era o objetivo do brasileiro Landell de Moura, ou seja, superar os desafios da comunicação à distância, por ondas hertzianas ou por outras ondas, conforme experimentou nos aparelhos que inventou, percebendo a importância extraordinária deles para o futuro. De fato, Landell de Moura conseguiu ser o primeiro e o verdadeiro descobridor da radiofonia, então denominada TSF-Telegrafia Sem Fio.

Entretanto, Marconi obteve primeiro, na Inglaterra, a

patente de sua aplicação das ondas elétricas hertzianas. Foi em 1896, depois de muitas tentativas entre agosto de 1894 e setembro de 1895. “Durante um ano foi aprimorando o equipamento e, metro por metro, conquistou distâncias sucessivamente maiores: 200 metros, 600 metros, 1000 metros, 2500 metros... Em setembro de 1895 fez o sinal saltar uma montanha”.⁽⁹⁾ Com a patente registrada, Marconi ficou consagrado internacionalmente como o “pai da radiodifusão”, honra que, pela verdade histórica, deveria pertencer ao brasileiro Landell de Moura.

Mesmo decepcionado pela falta de apoio oficial aos seus inventos no seu próprio País, o brasileiro não desistiu. Intensificou, ampliou e aperfeiçoou seus estudos. E em 1904, Landell de Moura conseguiu, nos Estados Unidos, as patentes de seus três inventos: o transmissor de ondas hertzianas, o telefone sem fio e o telégrafo sem fio.

Dois anos mais tarde, em 1906, Lee De Forest, engenheiro norte-americano, criou um dispositivo chamado “audion”, revolucionando as técnicas de transmissão e recepção de mensagens. De Forest mostrou sua invenção em Paris, onde fez uma irradiação do alto da Torre Eiffel.

Embora comparado, nos Estados Unidos, com grandes cientistas do seu tempo, Landell de Moura não teve o merecido reconhecimento no Brasil, menos ainda no contexto internacional. Um dos mais antigos e mais completos estudos sobre a história da radiofonia internacional, “La Radiodiffusion”, do professor Arno Huth, publicado em Paris em 1937, não faz qualquer menção ao trabalho do brasileiro Landell de Moura.

Em seu amplo e profundo estudo, desde os primórdios da radiotelegrafia e radiotelefonía até o nascimento e desenvolvimento da radiodifusão, Arno Huth montou uma valiosa radiografia das primeiras experiências e explorações na Europa e nos Estados

Unidos em torno dos fenômenos eletromagnéticos e suas possibilidades de comunicação.

Até o próprio Marconi, que prefaciou a obra, mostrou-se admirado com a quantidade enorme de informações pesquisadas e registradas por Huth, abrangendo o surgimento e a evolução da radiodifusão em diversos países.

Segundo Huth, antes mesmo das descobertas de Hertz e Marconi, o telefone proporcionou a radiotelegrafia e o telefone. Em 1878, foi realizada, na Suíça, uma transmissão da ópera Don Pasquale, de Donizetti, diretamente do teatro da cidade de Bellinzona.

Em 1881, na Exposição Internacional de Eletricidade de Paris, houve uma audição telefônica de uma ópera apresentada numa sala de Champs-Élysées. Em 1883, em Frankfurt, Alemanha, uma ópera teve audição a seis quilômetros de distância. E em 1889, um concerto foi transmitido de Nova Iorque para Filadélfia.⁽¹⁰⁾

BOTÃO DA COMUNICAÇÃO

Conquanto amplo o estudo de Huth, o Brasil somente aparece nele já na fase de expansão do rádio em todo o mundo e, assim mesmo, de uma forma que não realça o seu papel de desbravador e pioneiro no continente sul-americano. Não mereceu atenção de Huth. Quanto aos precursores, todas as glórias para Marconi e nenhuma linha para Landell.

Contudo, aos poucos, o nome do cientista brasileiro, verdadeiramente pioneiro no caminho da radiodifusão, vem sendo resgatado na história. Principalmente, a partir de 06 de maio de 1967, quando surgiu, no Rio Grande do Sul, a Fundação Educacional Padre Landell de Moura tendo o objetivo principal de utilizar o rádio como instrumento de educação.

Em 1975, essa fundação publicou um trabalho, com o sugestivo título “O homem que apertou o botão da comunicação”, homenageando Landell pelo que ele fez para honra do Brasil sem ter sido reconhecido no seu próprio país e destacando as diferenças entre o brasileiro Landell e o italiano Marconi:

“Landell de Moura transmitia sons em 1893. Marconi começou a transmitir sinais em 1894. Landell de Moura fez suas primeiras transmissões a uma distância de oito quilômetros receptor-transmissor. Marconi transmitiu sinais fracos a uma distância de 100 metros. Landell de Moura no Brasil. Marconi na Europa. Guglielmo Marconi levou os louros”.⁽¹¹⁾

Marconi e De Forest ficaram, internacionalmente, como pioneiros na história da radiodifusão e da telegrafia sem fio, ainda que sejam louvadas iniciativas de outros, mas sem tanta glória. Como David Sarnoff, considerado pioneiro da radiodifusão comercial nos Estados Unidos.

Eis a observação do historiador Edwin Emery: “Enquanto o cientista italiano estava aperfeiçoando a transmissão de mensagens pelo telégrafo sem fio, outros inventores estavam procurando um meio de transmitir os sons da voz humana. O rádio foi o produto de muitos esforços individuais, mas o aperfeiçoamento introduzido pelo Dr. Lee De Forest, em 1906, com a válvula de vácuo, foi essencial ao desenvolvimento da radiodifusão. Dentro do mesmo ano, De Forest e Reginald Fessenden tiveram êxito nas transmissões da voz humana. O fato chamou a atenção pública quando De Forest irradiou a voz do tenor Enrico Caruso do palco da Ópera de Nova Iorque”.⁽¹²⁾

Contribuíram, decisivamente, para esse avanço, segundo Yves Lavoinne⁽¹³⁾, os trabalhos de Thomas Edison com o telefone e o fonógrafo, resolvendo os problemas de transmissão, reprodução e registro de sons, de John Fleming com o tubo termo-iônico,

lâmpada de dois elétrodos, e de Lee De Forest com ampliação na recepção através de lâmpada triódica combinada com oscilador e transformada em poderosa fonte de ondas magnéticas.

E Landell de Moura? Bom, é como disse o Dr. Botet: “Se o rev. Padre Landell houvesse nascido na Inglaterra, Alemanha ou Estados Unidos, tão logo as suas tentativas de telefonia sem fio demonstraram o bom caminho em que o sábio inventor havia colocado os termos resolutivos de seu grande problema, Governo, imprensa, banqueiros e o povo, como sucedeu na Espanha há alguns anos com o submarino Peral, ter-se-iam apressado em prestar-lhe todo o gênero de recursos, até que chegassem a uma feliz conclusão as suas descobertas científicas”.⁽¹⁴⁾

ERA DA RADIODIFUSÃO

Como em todas as invenções humanas de impacto, os primeiros sinais das novas descobertas científicas indicando as perspectivas da radiodifusão, provocaram em vários países, antes e depois da primeira Guerra Mundial, o surgimento de laboratórios de aplicação dos novos conhecimentos técnicos.

Em terras brasileiras, despertaram e cresceram o interesse e a pesquisa pela radiotelegrafia em Pernambuco, onde, em 1910, o contabilista e radioamador Augusto Joaquim Pereira, mantinha em sua residência, no Recife, um gabinete de estudos sobre Física e Radioeletricidade, com equipamentos de transmissão e recepção.

Enquanto nos Estados Unidos, David Sarnoff tentava ver aprovada sua idéia de produção de “caixinhas de música de rádio” para uso doméstico, no Brasil, Augusto Joaquim Pereira, ampliava os estudos e pesquisas sobre radiotelegrafia em seu laboratório na capital pernambucana.

“Peças e máquinas necessárias à atualização desse gabinete ele importava dos Estados Unidos e da Europa, contando,

para isso, com a ajuda de outro técnico e pioneiro do rádio, George Gatis, que trabalhava numa companhia de navegação inglesa”.⁽¹⁵⁾

Entusiasmado com o progresso técnico e científico, e percebendo a empolgação que a radiotelegrafia e a radiotelefonia estavam produzindo entre empresários, engenheiros, intelectuais, estudantes, inventores e artistas do Recife, Augusto Pereira adotou como idéia o projeto instalar uma estação radiotransmissora em Pernambuco até 1915. Procurou apoio de radioamadores no Rio de Janeiro, mas sua idéia era quase sempre colocada sob dúvida ou ironia e até mesmo indiferença, tachada e desprezada como “coisa de Pernambuco”.

Com a deflagração da primeira Guerra Mundial, porém, Augusto Pereira teve que adiar seu plano porque os radioamadores passaram a ser perseguidos pelo Governo, por suas atividades consideradas “clandestinas”. Mas, logo encerrada a guerra, retomou o seu projeto e, em 1919, despretenciosamente, mas apaixonadamente, fez o Brasil marcar pioneirismo na história da radiodifusão internacional com a fundação do *Rádio Clube de Pernambuco*.

Para comparação e verificação, veja-se o relato de Huth⁽¹⁶⁾ indicando o aparecimento das primeiras estações de radiotransmissão em diversos países: Holanda 1919; Estados Unidos, 1920; Austrália, 1921; França, 1922; Inglaterra, 1922; Dinamarca, 1922; Argentina, 1922; Canadá, 1922; China, 1922; Bélgica, 1923; Alemanha, 1923; Rússia, 1923; Itália, 1924; Áustria, 1924; Suécia, 1924; Japão, 1925; México, 1925; Espanha, 1925; Portugal, 1933.

Pela documentação histórica existente sobre a história da radiodifusão internacional, o Brasil chegou à Era do Rádio na frente de quase todo o mundo. São consideradas como emissoras pioneiras no mundo: *KDKA de Pittsburgh*, de 20 de novembro de 1920, *WWJ de Detroit*, de 20 de outubro de 1921, *WEAF de Nova Iorque*, de

16 de agosto de 1922, *Rádio El Espectador de Montevideú*, de 01 de outubro de 1922, *BBC de Londres*, de 14 de novembro de 1922 e *Radiola de Paris*, de 24 de novembro de 1922.

Como se pode verificar, o *Rádio Clube de Pernambuco*, fundado em 06 de abril de 1919, foi uma das primeiras instituições radiofônicas instaladas em todo o mundo e permanece como a mais antiga em operação no Brasil e na América Latina.

PRA-8
AQUI COMEÇA A HISTÓRIA
DA RADIODIFUSÃO BRASILEIRA

Emissora Pioneiras do Brasil

01. Rádio Clube de Pernambuco (PE)	06-04-1919
02. Rádio Sociedade do Rio de Janeiro (RJ)	20-04-1923
03. Rádio Educadora Paulista (SP)	30-11-1923
04. Rádio Sociedade da Bahia (BA)	23-03-1924
05. Rádio Clube de São Paulo (SP)	17-06-1924
06. Rádio Clube Paranaense (PR)	27-06-1924
07. Rádio Clube do Brasil (RJ)	25-11-1924
08. Rádio Clube de Ribeirão Preto (SP)	23-12-1924
09. Rádio Sociedade de Pelotas (RS)	06-06-1925
10. Rádio Hertz de Franca (SP)	08-11-1925

2

**RÁDIO CLUBE DE PERNAMBUCO:
PRIMEIRA EMISSORA DO BRASIL**

Esta é uma verdade histórica geradora de polêmica porque contraria historiadores e provoca estudiosos da comunicação no Brasil e no Mundo. Mas precisa ser documentada, afirmada, reafirmada e reconhecida, por uma questão de justiça e de fidelidade aos acontecimentos relativos ao desenvolvimento do pensamento humano e das invenções de nossa civilização: o rádio nasceu, aplicativamente, no Brasil e o Brasil é pioneiro na radiodifusão da América Latina.

Sua primeira aplicação feita publicamente teve como protagonista o pesquisador e cientista brasileiro do Rio Grande do Sul, Landell de Moura. Ele conseguiu, numa demonstração em São Paulo, em 1894, um ano antes do físico italiano Guglielmo Marconi, fazer irradiação de mensagens, através de ondas hertzianas.

E foi operado como meio de difusão, pioneiramente na América do Sul, precisamente no Brasil, em 1919, no Recife, numa iniciativa empreendedora do gênio inventivo, do espírito idealista e da vocação histórica antecipadora de Pernambuco.

Quando ainda não existiam transmissões radiofônicas regulares em nenhuma parte do mundo, mas apenas experiências isoladas com Telegrafia Sem Fio - TSF e Telefonia Sem Fio - TSF, um grupo de radioamadores, sob a liderança do contabilista, pesquisador e radioeletricista Augusto Pereira, fundou exatamente no dia 6 de abril de 1919 o *Rádio Clube de Pernambuco*. Assim mesmo, no masculino, porque, na sua origem, era um Clube de Rádio.

Com esse empreendimento, Pernambuco adiantou-se ao que ia se proliferar, nos anos seguintes, em todo o mundo, sob a empolgação dos radiodifusores e o impulso da indústria elétrica. E tornou-se um marco histórico: É impossível se descrever, de forma incontestável, a história da radiodifusão no Brasil sem se escrever antes a história pioneira do *Rádio Clube de Pernambuco*.

Na França, por exemplo, segundo Arno Huth, somente em 1924 foi fundada a Association Generale des Auditeurs de TSF e em 1927 foi criada a Association de Radiophonie du Nord de la France, que se agruparam na Rédération Nationale de la Radiodiffusion reunindo, ao final dos anos 20, cerca de 100 mil membros associados de radioclubes para audições por radio-telefonía.

Apesar desse pioneirismo radiofônico de Pernambuco e de Augusto Pereira, quase todos os pesquisadores, professores e escritores da história da radiodifusão brasileira defendem Edgar Roquette Pinto, fundador da *Rádio Sociedade do Rio de Janeiro*, em 20 de abril de 1923, como patrono do rádio nacional.

Saint-Clair Lopes, considerado figura de legenda do rádio brasileiro, autor de vários trabalhos dos mais consultados sobre história, técnica e jurisprudência da radiodifusão, notável professor de radiojornalismo na Pontificia Universidade Católica do Rio de Janeiro, escrevendo em 1970, resumiu, assim, o surgimento da radiofonia no Brasil:

“Em 1923, a Western Electric mandou vir dos Estados Unidos duas emisoras de 500 watts, por aquisição do Governo, para executar serviço telegráfico. Entretanto, cedendo ao que fôra exposto por um grupo de idealistas radioamadores e atendendo aos desejos da Academia Brasileira de Ciências, por inspiração dos professores Roquette Pinto e Henrique Morize, pioneiros da radiodifusão brasileira, a Administração permitiu que uma dessas emisoras fosse utilizada no serviço de broadcasting.

E assim, a 20 de abril de 1923, foi inaugurada a primeira estação de radiodifusão em nosso País, a *Rádio Sociedade do Rio de Janeiro*, com o objetivo de trabalhar “pela cultura dos que vivem em nossa terra e pelo progresso do Brasil”, divisa que ainda hoje é mencionada orgulhosamente pelo *Rádio Ministério da Educação*, na qual se transformou desde 1936”.⁽¹⁷⁾

Para Saint-Clair Lopes, que foi locutor, redator, radioator e diretor de rádio no Rio, além de ter ocupado uma cátedra universitária como professor de radiojornalismo, o que ocorreu no Recife em 1919 não passou de uma iniciativa amadora de um grupo entusiasta de jovens pernambucanos “cujo objetivo primário era incentivar a radiotelegrafia”.

Essa é uma interpretação, no mínimo, reducionista. O objetivo do grupo de Augusto Pereira, como constou da própria convocação oficial para fundação do *Rádio Clube de Pernambuco* e dos seus primeiros estatutos, era desenvolver a TSF, denominação para rádio na época, e explorar as “ondas hertzianas”.

Com a inauguração da *Rádio Sociedade do Rio de Janeiro*, o próprio Roquette Pinto fez essa declaração: “Pela TSF não haverá mais homem isolado, nem choupana perdida nas quebradas das serranias agestas para onde as vozes tentadoras dos grandes centros, vozes da ciência, da arte, do progresso, sejam coisas que se escuta falar dos recém-vindos, mas que nunca se há de ouvir por si mesmo, coisas lendárias e quase mentirosas”.⁽¹⁸⁾ Era exatamente a TSF o que a emissora de Roquette Pinto explorava seguindo os passos do *Rádio clube de Pernambuco*.

Por muito tempo o rádio no Brasil ficou sendo conhecido apenas como TSF. Ainda em 1925 a programação da terceira emissora brasileira, *Rádio Educadora Paulista*, era publicada pela imprensa, sobretudo convidando os ouvintes para irradiação de concertos, através de anúncios em jornais⁽¹⁹⁾ sob o título de “Radiotelephonia”.

Convém registrar, conforme o professor de jornalismo da Universidade de Nova Iorque, John Tebbel, que, também nos Estados, em 1919, o novo meio de comunicação, ainda sob testes, era chamado de “wireless” (sem fio).

Depois da tragédia com o supertransatlântico *Titanic*, que naufragou após choque com um iceberg, em abril de 1912, matando 1.523 pessoas, uma lei do Congresso norte-americano obrigou que todos os navios com mais de 50 passageiros em alto mar era obrigado a ser equipado com “wireless”.⁽²⁰⁾ Objetivo era usar a radiocomunicação para salvar vidas em perigo.

Somente uma década após o acidente, a Marinha dos Estados Unidos resolveu adotar a expressão “radiotelegrafia” e com pouco tempo dispensou o termo “telegrafia”, ficando apenas “rádio”, palavra mais usual e adotada definitivamente.

Como testemunha dos primeiros tempos da radiodifusão no Brasil e tendo sua vivência profissional no Rio de Janeiro, o carioca Saint-Clair manteve-se na defesa do Rio e de Roquette Pinto, resistindo ao mérito do pioneirismo radiofônico de Pernambuco e de Augusto Pereira.

Muitos ainda hoje permanecem nessa posição, ou por falta de informação ou simplesmente porque se orientam pela idéia preconceituosa e discriminatória que elege o gosto pela Ciência e pela Técnica como privilégio exclusivo do Rio ou do Sul. Desconhecem ou esquecem a trajetória de Pernambuco, ao longo da história, como um laboratório de revolução científica e social desde os tempos do império holandês de Maurício de Nassau.

Ficou o tempo encarregado de corrigir os equívocos. Em 1972, em produção editorial patrocinada pela Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (Abert), Saint-Clair Lopes admitiu:

“Os brasileiros compreenderam cedo que uma reunião de esforços vale mais do que atitudes isoladas. Observe-se que com o progresso da telegrafia nasceu o *Rádio Clube de Pernambuco*, a 06 de abril de 1919, com o objetivo de incentivar a utilização da radiotelegrafia como o meio mais revolucionário de comunicação tido pelo homem até aquela data. Essa entidade foi a raiz da *Rádio Clube de Pernambuco*, entidade pioneira da radiodifusão”.(21)

São poucos os autores que têm assumido esse reconhecimento, consagrando o empreendimento pioneiro de Pernambuco na radiodifusão nacional. Um dos primeiros a fazê-lo foi Walter Sampaio, como professor de Jornalismo da Universidade de São Paulo, em seu livro “Jornalismo Audiovisual”, lançado em 1971. Depois, também Gisela Ortrivano, com seu livro “A informação no rádio”, publicado em 1985.

Diz Walter: “O rádio, no Brasil, surgiu fazendo vibrar as agulhas que arranhavam pedrinhas de galena, informando. Isso ocorreu exatamente no dia 06 de abril de 1919, quando foi fundada a *Rádio Clube de Pernambuco*”.(22)

Comenta Gisela: “O Rio de Janeiro é considerada a primeira cidade brasileira a instalar uma emissora de rádio. Antes disso, porém, experiências eram feitas por alguns amadores, existindo documentos que provam que o rádio, no Brasil, nasceu em Recife, no dia 6 de abril de 1919, quando, com um transmissor importado da França, foi inaugurada a *Rádio Clube de Pernambuco*”.(23)

Em anos mais recentes, essa controvérsia passou a ser assunto de maior investigação e alguns setores começaram uma lenta revisão em nome da verdade histórica. A própria Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (Abert), ao comemorar o Dia Nacional da Radiodifusão, em setembro 1993, trouxe matéria

de capa sobre Roquette Pinto na sua revista institucional destacando o seguinte:

“Seu nome está indelevelmente ligado à história do rádio no Brasil. História que teve início no ano de 1919, precisamente no dia 6 de abril, quando um grupo de recepção radiotelegráfica instalou no Recife a primeira estação transmissora do País, que se denominou *Rádio Clube de Pernambuco*. O *Jornal do Recife*, edição vespertina de 7 de abril do mesmo ano, publica a notícia da inauguração dessa emissora, fundada pelo pernambucano Augusto Joaquim Pereira”.⁽²⁴⁾.

E novamente em 1996, ao celebrar meio século de existência da Associação Internacional de Radiodifusão (AIR), entidade representativa de mais de 16 mil emissoras das Americas e Europa, fundada no México em 1946, a Abert também lembrou o feito heróico de Pernambuco na trajetória histórica da radiodifusão brasileira.

Voltou ao assunto, então, em sua publicação, com matéria especial sob o título “RPA-8, a pioneira do Brasil”, trazendo o seguinte texto de abertura: “Quando Roquette Pinte e Henrique Morize fundaram a *Rádio Sociedade do Rio de Janeiro*, em abril de 1923, pouca gente sabia que, em Recife, desde abril de 1919, um grupo de entusiastas de radiotelegrafia havia criado a *Rádio Clube de Pernambuco*”.⁽²⁵⁾

Bastante objetivo e esclarecedor, rejeitando qualquer controvérsia, é o depoimento de Fernando de Azevedo em seu livro sobre os meios de expressão e expressão de cultura brasileira: “A radiodifusão, de fato, se iniciou no Brasil em 1919 com a primeira estação, a *Rádio Clube de Pernambuco*, e tomou impulso em 1923 com a *Rádio Sociedade do Rio de Janeiro*, fundada por Roquette Pinto - o pioneiro da radiocultura no país - e Henrique Morize, e transferida mais tarde para o Governo Federal”.⁽²⁶⁾

Dessa forma, em verdade, o pioneiro do rádio no Brasil não foi nem Roquette Pinto, no Rio de Janeiro, como sustenta a maioria, nem Oscar Moreira Pinto, em Pernambuco, como registram alguns, também equivocadamente, mas o pernambucano Augusto Joaquim Pereira. Este é o nome que precisa ser resgatado na história, pela sua inventividade, determinação, ousadia e realização, destinando ao Brasil a glória do pioneirismo na radiodifusão em toda a América Latina.

CHARME DO RECIFE

Grandes transformações sociais agitavam o Brasil do início do Século XX como resultado do processo civilizador de influência européia. Paris era então a capital do mundo. Os brasileiros das sociedades urbanas viviam um momento muito excitante, projetando a modernidade no futuro do novo século. O Rio, onde as pessoas circulavam nas ruas tranquilamente, exibindo as mulheres charme e elegância e os homens quase sempre de chapéu, paletó e gravata, era o cartão-postal do Brasil.

Com cerca de 240 mil habitantes, em 1919, Recife era o principal centro econômico, político e cultural do Norte e Nordeste. Pernambuco, com pouco mais de 2 milhões de habitantes, era governado por Manuel Borba em seu último ano de administração. Pernambuco mostrava sua força econômica nas operações de importações e exportações no porto do Recife, um dos mais movimentados do País.

Em 1919, segundo o historiador Leonardo Dantas, o porto do Recife registrou a entrada e a saída de 1.537 embarcações, de longo curso, proporcionando um movimento de 2.309.890 toneladas. “Foram exportadas mercadorias no valor de 103.256 contos de réis, enquanto a balança de importação acusava 99.449 contos de réis, figurando o açúcar e o algodão como os principais produtos exportados”.⁽²⁷⁾

Pernambuco possuía em 1919, nas contas do mesmo historiador, 55 usinas de açúcar, 1.035 engenhos, 809 engenhocas para fabricação de rapadura e 42 refinarias, para uma produção estimada em quatro milhões de sacos de 60 quilos. O Estado tinha, também, uma produção algodoeira de 15 mil toneladas, destinadas à exportação e ao atendimento de oito fábricas de tecidos, com 3.600 teares e sete mil operários.

Em 1919, “Pernambuco despontava como o primeiro produtor nacional de açúcar, o segundo em algodão, o terceiro em mamona e maniçoba, o sexto em café, o quarto em farinha de mandioca, o oitavo em feijão, o nono em milho e em gado de todas as espécies”, pesquisou Leonardo Dantas.

Mais importante centro comercial do Nordeste em 1919, Recife contava com 259 casas de comércio atacadista, 2.800 lojas varejistas e dez agências bancárias. A população era servida pelos bondes da Pernambuco Tramways e pelas composições da Great Western. A cidade dispunha já de abastecimento d’água e de serviço telefônico, além de serviço postal telegráfico fazendo as ligações com as demais capitais e com o exterior.

Em 1919, funcionavam no Recife os cineteatros Helvética, Ideal, Politeama, Torre e Feitosa, onde se apresentavam, além de produções do cinema mudo, que era a grande novidade da época, operetas, revistas musicais e variedades. Grandes espetáculos artísticos e musicais eram atrações no Teatro Santa Isabel, Teatro do Parque e Teatro Moderno.

Recife de 1919 era importante centro nacional de filmes mudos, com os cineastas pioneiros Jota Soares, Edison Chegas, Gentil Roriz, Ary Severo e Pedro Salgado, especialistas em documentários e dramas.

Nos esportes, de acordo com a “História do Futebol em

Pernambuco”, do cronista Givanildo Alves, já existiam e empolgavam suas torcidas o Clube Náutico Capibaribe (1901), Sport Clube do Recife (1905) e Santa Cruz Futebol Clube (1914). O futebol havia chegado ao Recife trazido “por um brasileiro que se educou na Inglaterra: o pernambucano Guilherme de Aquino Fonseca, fascinado pelo espírito esportivo dos estudantes de Hooton Lown School, onde havia passado cinco anos”.(28)

Em termos de imprensa, Recife tinha em 1919, como seu órgão mais tradicional e representativo o *Diário de Pernambuco*, fundado em 1825 por Miranda Falcão e, portanto, perto de completar seu primeiro centenário.

Em 03 de abril daquele ano começou a circular o *Jornal do Comércio*, de propriedade de João Pessoa de Queiroz, “dedicado aos interesses das classes conservadoras e do Estado em geral”. Além desses dois diários matutinos, circulavam *Jornal do Recife*, *A Província*, *Diário do Estado* e *A Noite*; os semanários *A Tribuna* e *A Gazeta*; e as revistas ilustradas *A Pihéria* e *Rua Nova*.

Em janeiro de 1919 Gilberto Freyre fez sua estréia no *Diário de Pernambuco*. Carlos Lira Filho, Aníbal Fernandes, Mário Melo, Samuel Campelo, Costa Dourado, Álvaro Lima, Alfredo de Carvalho, Horácio Saldanha, Oliveira Lima, Assis Chateaubriand, Salomão Figueira, Manuel Silva Lobato, Odilon Nestor, Eugênio Samico, Araújo Filho, Armando da Cunha, Múcio Leão, Júlio Pires Ferreira, Alfeu Domingues, Adalberto Camargo, Arnaldo Lopes, Hermógenes Viana, Manuel Gouveia Calvacanti e Bentes de Miranda eram alguns nomes em evidência, então, na imprensa do Recife.

Pelas ruas do Recife em 1919 rodavam os primeiros automóveis Ford, um luxo permitido apenas para os mais ricos. “Começava o Recife a perder sua pacata vida de província - conta Vanildo Bezerra Cavalcanti.(29) As buzinas, os roncões, os novos

barulhos dos atritos de ferra, das explosões dos motores, faziam trepidar a velha cidade como a acordá-la para uma nova vida, chamamento que ela atendeu, pois sentia um pulsar mais forte denunciando progresso”.

De acordo com vários historiadores, vinhos finos e licores importados identificavam as festas chiques da cidade. Entre as famílias mais abastadas, o piano era o instrumento que alegrava as audições ao cair da tarde e as festas dançantes. Mantinham-se, assim, os recifenses, experimentando uma realidade poética, mas sonhando com um futuro de modernidade.

Mesmo já existindo energia elétrica em muitos logradouros, os lampões davam charme e romantismo às noites do Recife. Tempo de madrugadas animadas no Café Lafayette, ponto de encontro dos intelectuais da cidade. Foi nesse cenário de sedutora belle-époque dominando o Recife de 1919 que surgiu o *Rádio Clube de Pernambuco*, primeira emissora brasileira.

CLUBE DE RADIÓFILOS

Para melhor configuração da importância dessa façanha de Pernambuco na história da comunicação no Brasil, é fundamental uma visão cronológica dos desdobramentos aplicativos e operacionais, ao final da segunda década do século XX, da sequência de descobertas e avanços técnicos e científicos que se deram a partir de 1832, nos Estados Unidos e na Europa. O Brasil se antecipou aos países que detinham o controle e a supremacia nas experiências com rádioelétricidade.

Em 01 de março de 1919, em Nova Iorque, surgiu a *Rádio Corporation of América*, instituição presidida por Owen Young e formada por consórcio da General Electric, Westinghouse e América Telephone e Telegraph.

Com objetivo de produção comercial e confiante num

mercado futuro, a RCA comprou as operações americanas da Marconi Company, contratou o operador dessa empresa, David Sarnoff, e passou a desenvolver projetos voltados para a instalação de rádio doméstico. Faltava, ainda, para os norte-americanos, uma estação transmissora, já nas previsões dos técnicos e produtores da RCA.

Quase ao mesmo tempo, no Brasil, uma iniciativa auspiciosa antecipava o futuro realizando o sonho de Morse, Maxwell, Bell, Edison, Hertz, Landell, Marconi, Forest e Sarnoff. Nos primeiros dias de abril de 1919, um edital publicado no *Diário de Pernambuco*, jornal mais antigo em circulação na América Latina, desde 1825, fez a seguinte convocação:

“São convidados os amadores de Telegrafia Sem Fio à comparecerem à sede da Escola Superior de Eletricidade (Ponte d’Uchoa) no próximo domingo, 6 do corrente, às 13hs, para fundação do *Rádio Clube*. Solicita-se a presença de todos os amadores, não só de TSF, como também de eletricidade em geral”.⁽³⁰⁾

Como previsto no edital, publicado até o dia da reunião, em 6 de abril de 1919, foi fundado, no Recife, o *Rádio Clube de Pernambuco*, sob a presidência do contabilista e radioamador Augusto Pereira, secretariado por Alexandre Braga.

Entre os sócios fundadores estavam os radiófilos Artur Coutinho, Severino Mendonça, Alfredo Watts, Ismar Just, George Gatis, João Pereira Lira, Carlos Rios, Abelardo do Rego Barros e João Lira. O evento foi registrado pelo *Jornal do Recife*, em sua edição de 07 de abril de 1919, em matéria sob o título “*Rádio Clube*”, com o seguinte texto:

“Consoante convocação anterior, realizou-se ontem na Escola Superior de Eletricidade, a fundação do *Rádio clube de Pernambuco*, sob os auspícios de uma plêiade de moços que se dedicam ao estudo da eletricidade e da telegrafia sem fio.

Ninguém desconhece a utilidade e o proveito dessa agremiação, a primeira do gênero fundada no País. Foram tomadas diversas medidas, como sejam, designações de comissões para se entenderem com as autoridades do Estado”.

Para evitar problemas administrativos, políticos e legais, visto que, então, o uso de radiotelegrafia era privativo do Governo, ainda no dia 06 de abril, logo após a sessão de instalação do *Rádio Clube de Pernambuco*, foi redigido e enviado, imediatamente, ao ministro da Viação e Obras do Governo Delfim Moreira, Afrânio de Melo Franco, o seguinte telegrama:

“Amadores telegrafia sem fio, hoje reunidos na Escola Superior de Eletricidade, fundaram *Rádio Clube* fim propagar conhecimentos técnicos associados. Confiam vosso patriótico apoio. Augusto Pereira, presidente”. O ministro respondeu, através do seu assistente Feliciano Aguiar, agradecendo a comunicação e apresentando “sinceros votos de prosperidade”.

Como Augusto Pereira queria uma sociedade legalmente organizada, em assembléia realizada 20 dias depois, em 17 de abril de 1919, foram aprovados os estatutos do *Rádio Clube*, além de um regulamento de orientação aos associados. Formou-se, assim, um clube reunindo os aficionados do rádio.

DIFUSORA PIONEIRA

De acordo com os primeiros estatutos, impressos, logo após aprovados, nas oficinas da tipografia Imprensa Industrial, que ficava na Rua Visconde de Itaparica no Recife de abril de 1919, e cujos exemplares poderão ser encontrados no Arquivo Público do Estado de Pernambuco, o *Rádio Clube de Pernambuco* foi instalado tendo, inicialmente, estes objetivos:

“Vulgarizar, entre os associados, a Telegrafia Sem Fio (TSF) e outras aplicações das ondas hertzianas, tais como a telefonia

sem fio, a rádio dinâmica, etc., tornando-se, por esta forma, úteis à sua Pátria, pois a TSF tem influente papel nos Exércitos e Marinhas das principais potências”.

E também: “montagem de uma estação experimental de primeira ordem, onde possam ser estudados e aperfeiçoados os meios de transmissão sem fios de pensamento humano, já por sinais convencionais, como os atualmente em uso pela telegrafia, já pela telefonia”.

Como se pode observar, os primeiros estatutos do *Rádio Clube de Pernambuco* não falavam em radiofonia porque, naquela época, o que era conhecido no mundo como radiodifusão chamava-se TSF.

Entretanto, os mesmos estatutos previam a exploração de “ondas hertzianas”, designando o objetivo do *Rádio Clube de Pernambuco* como estação radiodifusora para transmissões de maior amplitude, além das possibilidades que já eram oferecidas pela telegrafia e pela telefonia. Tais estatutos receberam o “visto” do chefe de Polícia do Estado de Pernambuco, desembargador Antonio Guimarães, em 12 de maio de 1919.

Três meses após a fundação do *Rádio Clube*, seu secretário, Alexandre Braga, viajou aos Estados Unidos levando uma carta do presidente Augusto Pereira que tentava uma filiação da emissora pernambucana à “Rádio League of America”.

Em sua segunda edição, em agosto de 1919, a revista recém-fundada “Rádio Amateur News”, de Nova Iorque, circulando desde julho do mesmo ano como especializada e pioneira no gênero abordando assuntos da nova tecnologia, publicou carta de Augusto Pereira sobre a estação radiofônica pernambucana: “The first, we are proud to say, which has been founded here” (a primeira, estamos orgulhosos de dizer, que foi fundada aqui”).

Outra carta de Pereira foi publicada pela mesma revista em sua terceira edição, em setembro de 1919, revelando seu persistente interesse de associação à liga americana de rádio.

Mais do que convencido e orgulhoso do seu empreendimento, Augusto Pereira estava absolutamente certo quando ao pioneirismo do *Rádio Clube de Pernambuco* na América do Sul, guardando até modéstia em relação ao que seria registrado depois pela evolução da história.

Nos Estados Unidos, conforme John Tebbel, somente em 1920 a *Rádio Corporation of América* fez o primeiro pedido de produção de “caixa de música” à Guerra Electric e o engenheiro da Westinghouse, Frank Conrad, iniciou transmissões experimentais de música num bairro na zona leste de Pittsburgh, na Pensilvânia.⁽³¹⁾

Sarnoff ajudou no negócio criando, assim, um mercado para aparelhos receptores de rádio. E no dia 2 de novembro daquele ano entrou no ar a estação *KDKA de Pittsburgh*, primeira emissora dos Estados Unidos, com um transmissor de 30 watts. Portanto, um ano e sete meses depois da fundação do *Rádio Clube de Pernambuco*.

Somente em 01 de outubro de 1922 surgiu a *Rádio El Espectador* de Montevideú, segunda emissora da América Latina, depois do *Rádio Clube de Pernambuco* e uma das estações pioneiras da radiodifusão internacional. E somente em 18 de outubro de 1922, foi fundada a British Broadcasting Company (BBC), Londres, uma das mais antigas emissoras da Europa.

PATRONO DO RÁDIO

Após o feito histórico e ousado de Pernambuco, o professor e antropólogo do Rio de Janeiro, Roquette Pinto, e outros líderes comunitários cariocas se voltaram para a nova descoberta

da ciência. Esse interesse transformou-se em paixão depois da Exposição do centenário da Independência do Brasil, realizada no Rio, em 22 de setembro de 1922, com a presença do então presidente da República, Epitácio Pessoa.

Para abrilhantar o evento, uma estação transmissora foi instalada no alto do Corcovado, pelas empresas norte-americanas Westinghouse e Western Electric. Um serviço denominado “telefone-alto falante” permitiu que o discurso do presidente Epitácio Pessoa fosse ouvido no recinto da exposição, numa área desde a Praça Paris até o Calabouço, por uma multidão atenta, incrédula e emocionada.

Sobre isso, Roquette Pinto deixou gravado o seguinte depoimento: “Durante a Exposição do Centenário da Independência, muito pouca gente se interessou pelas demonstrações experimentais da radiotelegrafia, então realizadas pelas companhias norte-americanas Westinghouse, na estação do Corcovado, e Western Electric, na Praia Vermelha. Muito pouca gente se interessou. Creio que a causa principal desse desinteresse foram os alto-falantes instalados na exposição, transmitindo discursos e músicas no meio de um barulho infernal. Tudo rangendo, distorcido, aranhando os ouvidos. Era uma curiosidade sem maiores consequências. No começo de 1923, desmontava-se a estação do Corcovado, e a da Praia Vermelha ia seguir o mesmo caminho, se o Governo não a comprasse. O Brasil ia ficar sem rádio”.⁽³²⁾

Pelo sucesso da experiência, Roquette Pinto ficou inconformado com o fato de que aqueles equipamentos tivessem que retornar para suas empresas de origem, nos Estados Unidos.

Com seu prestígio de intelectual, movimentou-se para que eles permanecessem no Brasil, atraiu apoio e recursos financeiros e, em 20 de abril de 1923, fundou a *Rádio Sociedade do Rio de Janeiro*, transformada em setembro de 1936 em *Rádio Ministério*

da Educação. Foi doada ao Governo por Roquette Pinto em consequência de dificuldades financeiras e da inviabilidade comercial da emissora.

Embora o educador Roquette Pinto tenha prestado valiosa contribuição ao desenvolvimento da radiodifusão nacional, ao lado de outros pioneiros do início do século, deve-se notar, anotar, propagar e defender, em nome da verdade histórica, documentada em jornais, revistas e outros registros preservados pelos centros de referência e memória de Pernambuco, que foi Augusto Pereira, criador do *Rádio Clube de Pernambuco*, o verdadeiro fundador do rádio brasileiro, em abril de 1919.

Por que, então, surgiu e cresceu essa controvérsia em torno da história, consagrando Roquette Pinto como “patrono do rádio brasileiro”, em detrimento de Augusto Pereira? Convém reproduzir esclarecimento do saudoso diretor *Diário de Pernambuco*, jornalista Antonio Camelo, feito em 1989 quando o *Rádio Clube de Pernambuco* comemorou 70 anos de existência:

1º) O que a princípio foi uma simples tese sustentada por veteranos do rádio carioca em depoimentos à imprensa, transformou-se depois numa espécie de verdade dogmática dos historiadores, que não se preocuparam em conferir, através de pesquisas, a exatidão dessas fontes;

2º) O cientista e escritor Roquette Pinto nunca se arvorou de “pai do rádio”. Pelo contrário, desde 1923, quando fundou a *Rádio Sociedade do Rio de Janeiro*, reconheceu sempre que a emissora recifense era a decana das sociedades brasileiras de rádio; e

3º) Os amadores recifenses que se reuniram em 1919 para fundar o *Rádio Clube*, estes sim levaram avante sua iniciativa plenamente convencidos de que estavam a criar a primeira empresa do gênero no Brasil.⁽³³⁾

Ainda segundo Camelo, um apaixonado pela história do *Rádio Clube de Pernambuco*, para quem dedicou especial carinho

e atenção como administrador dos Diários Associados no Estado, o pioneirismo de Augusto Pereira “foi lançado na berlinda do esquecimento não só por obra desses pseudopesquisadores cariocas. Influuiu também nisso uma certa confusão que se estabeleceu no Recife, partida de antigos radialistas profissionais, que fizeram pegar a idéia de que teria sido Oscar Moreira Pinto o fundador do *Rádio Clube*”.

Tal confusão foi propositadamente alimentada por radialistas e pesquisadores cariocas que, consagrando Oscar como organizador do Rádio Clube em outubro de 1923, tiravam de Pernambuco a glória do pioneirismo nacional em radiodifusão que dedicavam a Roquette Pinto, fundador da *Rádio Sociedade do Rio de Janeiro*, em abril do mesmo ano. O efeito repetitivo dessa controvérsia, no entanto, não destruiu os registros e documentos que provam e comprovam o pioneirismo do pernambucano Augusto Pereira.

QUEM FOI QUEM

“Um homem de ciência por vocação e um idealista cheio de entusiasmo”. Assim foi definido Augusto Pereira, o homem que deu a arrancada pioneira para a radiodifusão no Brasil, em perfil levantado por Antonio Camelo e publicado no diário de Pernambuco enfocando os primeiros dias do *Rádio clube de Pernambuco*.

Competente contabilista, radioamador e pesquisador de radioeletricidade, Pereira era um tecnólogo, um estudioso do seu tempo, permanentemente atualizado com as inovações da ciência e da técnica no âmbito internacional. Falando e escrevendo bem o inglês e o francês, aprofundava seus estudos com livros e revistas especializados.

Segundo Camelo apurou, Augusto Pereira exercitava seus conhecimentos e aperfeiçoava suas pesquisas no gabinete que mantinha em sua própria residência, na antiga rua das Mangueiras, depois rua Leão Coroado, no bairro da Boa Vista, onde a grande

atração era um laboratório com equipamentos de transmissão e recepção.

Como contabilista de conceituada empresa exportadora do Recife, de propriedade do empresário Antonio Jovino fonseca, Pereira conseguia importar peças e equipamentos sem maiores entraves burocráticos, mantendo constante intercâmbio com radioamadores norte-americanos e europeus.

Dessa forma, com a participação de seus colegas pioneiros recifenses, conseguiu construir e operar no Recife aparelhos transmissores e receptores de voz e música colocados à disposição dos interessados.

Em depoimento que prestou e foi publicado sobre os primeiros instantes do *Rádio Clube de Pernambuco*, quando seus fundadores tinham que distribuir equipamentos receptores para garantir audiência, Augusto Pereira recordou:

“Afoitamente usávamos nossos transmissores de telegrafia e telefonia *home-made* e, aos poucos, impondo-nos à boa vontade de profissionais, oferecíamos para escuta aparelhos feitos por nós, melhores e mais eficientes do que os existentes nas estações de Telefones Sem Fio, já obsoletos”.⁽³⁴⁾

De fato, era um afoitamento. Com o *Rádio Clube de Pernambuco*, no início de 1919, Pereira reproduziu, aperfeiçoou, consolidou e regularizou, no Recife, as experiências de transmissão feitas por Reginald Fesseden e Eernerst Alexanderson, nos Estados Unidos, em 1906, quando conseguiram irradiar dois discursos e um número musical, e as experiências de Lee De Forest, em Paris, em 1908, quando fez uma irradiação de mensagem do alto da Torre Eiffel até a cidade de Marselha.

Pereira seguiu, também, os passos de David Sarnoff,

acreditando, firmemente, no sucesso da “caixa de música do rádio”. Como um explorador confiante diante do desafio para alcançar o sonho possível, dedicou-se obstinadamente ao seu ideal até transformá-lo em realidade e firmar-se para sempre entre os pioneiros na aventura da comunicação moderna.

GALENA MARAVILHA

Em seu estudo reunindo importantes fragmentos históricos do *Rádio clube de Pernambuco*, o pesquisador da Fundação Joaquim Nabuco, no Recife, Renato Phaelante, indica qual foi a primeira grande preocupação dos fundadores da emissora pioneira:

“Encontrar um local adequado para ser sede da associação. Uma solicitação é enviada ao Governo do Estado e dias depois, na Imprensa Oficial de Pernambuco, datada de 12 de setembro de 1919, há um despacho do Senhor Governador do Estado nos seguintes termos: “*Rádio Clube*, representado por seu presidente, solicitando a cessão de um pequeno pavilhão existente no Jardim Treze de Maio, para o referido clube. Sim, de acordo com os pareceres”.⁽³⁵⁾

Conforme Phaelante, os pareceres a que se referiu o despacho do Governador de Pernambuco, exigiam uma caução de 200\$000 (duzentos mil Réis). Como os sócios do clube de rádio não tinham desse dinheiro pediram, formalmente, dispensa da caução, o que, também formalmente, foi negado através da mesma Imprensa Oficial em 02 de outubro.

Sem outra alternativa, os associados fundadores e outros que acreditavam no empreendimento se cotizaram e, finalmente, em 14 de novembro de 1919, o *Rádio Clube de Pernambuco* se instalou em sua primeira sede oficial, um pequeno pavilhão no Jardim Treze de Maio, bairro da Boa Vista, centro do Recife.

Entre 1920 e 1921, um jovem pesquisador pernambucano,

Oscar Dubeux Pinto, despertou curiosidade e interesse dos fundadores do *Rádio Clube* com sua dedicação ao trabalho de construir aparelhos receptores de radiotelegrafia aproveitando equipamentos ainda da primeira Guerra Mundial.

Pelo seu talento, passou a integrar o corpo técnico do *Rádio Clube*. De acordo com depoimento de Oscar Dubeux Pinto guardado pela Fundação Joaquim Nabuco, Augusto Pereira foi o verdadeiro idealizador, criador, articulador e fundador do *Rádio Clube de Pernambuco*.

Oscar Dubeux Pinto, aliás, foi de fundamental importância para o projeto de Augusto Pereira preocupado em consolidar o *Rádio Clube de Pernambuco*, tecnicamente, logo nos seus primeiros dois anos de existência.

Sem qualquer ajuda financeira oficial e apenas com as contribuições dos associados, os dois instalaram um verdadeiro laboratório eletrotécnico no Recife, com equipamentos de transmissão e recepção, onde se construíam e se montavam também aparelhos de rádio. Além da fabricação doméstica, colocaram à disposição da comunidade pequenos receptores importados.

Apesar das dificuldades - segundo apurou Phaelante - no início dos anos 20, na fase experimental do *Rádio Clube de Pernambuco*, “transmitem-se óperas, suítes, obras clássicas em geral, tudo isso sendo feito através de discos emprestados pelos associados, que servem e programas eventuais para novos adeptos que crescem em número, gradativamente, com seus receptores de rádio galena, acompanhados de fones de ouvido”.

Como galena é um termo pouco conhecido e não consta de todos os dicionários, convém explicar: era um receptor de rádio construído artesanalmente e constituído, basicamente, de uma bobina, uma barra de ferro, um fio terra e uma agulha de cristal.

Mais detalhadamente, Augusto Vampré revela, em sua pesquisa sobre raízes da radiodifusão no Brasil⁽³⁶⁾, que o aparelho consistia de um fragmento de galena (sulfeto de chumbo natural) ligado a uma antena por um arame fino. O som vindo do transmissor era captado pela antena, passava pelo cristal e podia ser ouvido através de um par de fones. Ou seja, uma autêntica gerigonça. Tempos heróicos, tempos de idealismo, tempos criativos, tempos de sonhos. Muitos sonhos.

SOM DE 10 WATTS

Em fins de 1922, juntou-se ao grupo pioneiro liderado por Augusto Pereira no *Rádio Clube de Pernambuco* o jovem radiotelegrafista da Marinha Mercante do Brasil, Oscar Moreira Pinto. Ao regressar ao Recife de uma longa viagem pela Europa, tomou conhecimento da iniciativa dos pioneiros pernambucanos em radiotelefonia.

Com problemas de saúde para permanecer navegando mar a fora, resolveu licenciar-se da Marinha e dedicar-se à nova atividade. Recebido com simpatia pelos radiófilos pioneiros, Oscar teve como primeira missão uma viagem ao Rio de Janeiro.

Foi manter contatos com Roquette Pinto, Henrique Morizze e Elba Dias sobre os equipamentos utilizados pela Westinghouse e Western Electric nas transmissões experimentais na exposição de 22 de setembro de 1922, no Rio, comemorativa do Centenário da Independência.

De acordo com depoimento de Arnaldo Moreira Pinto, seu irmão e sucessor do *Rádio Clube de Pernambuco*, como resultado de seus contatos no Rio, Oscar adquiriu um pequeno transmissor de 10 watts, de fabricação Westinghouse.

Com esse equipamento instalado no Recife, em fevereiro de 1923 foi possível ser ouvido o som da emissora pioneira no

centro e alguns subúrbios da capital pernambucana. Um acontecimento que deixou todo mundo orgulhoso e entusiasmado.

Para Arnaldo Pinto, do ponto de vista histórico, esse evento de transmissão e recepção da emissora pioneira em fevereiro de 1923 deve ser considerado até mais importante que o de sua própria reorganização institucional em 17 de outubro de 1923, o que teve apenas caráter administrativo, tendo em vista a consolidação do empreendimento.

Em termos operacionais, o novo equipamento permitiu ao *Rádio Clube de Pernambuco* ser sintonizado no centro e alguns subúrbios do Recife. Marcou, definitivamente, a antecipação de Pernambuco na história da radiodifusão nacional.

Somente dois meses depois, em 20 de abril de 1923, ocorreu a fundação da *Rádio Sociedade do Rio de Janeiro* e suas operações se iniciaram apenas em 07 de setembro do mesmo ano quando a emissora carioca passou a dispor de um transmissor Pekam com 10 watts na antena.

Em edição de setembro de 1923, o *Diário de Pernambuco* publicou uma nota afirmando que “essa maravilhosa conquista da ciência moderna, que está destinada a operar uma extraordinária transformação no atual sistema de comunicações telegráficas e telefônicas, tem entre nós cultores apaixonados”.

Destacou, entre esses, Augusto Pereira, Oscar Moreira Pinto e João Cardoso Ayres Filho, à frente do *Rádio Clube de Pernambuco*. E a nota trouxe ainda o seguinte convite para uma audição especial:

“Agora, aprovada a estada entre nós da companhia de Operetas Clara Weiss, os organizadores do *Rádio Clube* tiveram a louvável lembrança de fazer irradiar radiotelefonicamente os

espetáculos que vão ser a delícia dos frequentadores do Teatro Santa Isabel. Sobre o assunto, aqueles esforçados entusiastas da radioeletricidade tiveram ontem um feliz entendimento com o Sr. Governador do Estado, de quem obtiveram que, de acordo com a lei, telegrafasse ao Sr. Ministro de Viação solicitando a título precário, a respectiva licença. Acedendo a um pedido dos diretores do *Rádio Clube*, o *Diário de Pernambuco* cedeu o seu salão de concertos e conferências para as respectivas audições”.⁽³⁷⁾

Das suas primeiras transmissões até 1930, o prefixo do *Rádio Clube de Pernambuco* foi *SQI-C*, de acordo com referência da Confederação Sul-Americana de Radiodifusão. Mudou em 1931 para *PRA-P*, depois que o controle das emissoras passou a ser feito no Brasil pelo Ministério de Viação e Obras Públicas, permanecendo até 1936 quando ganhou a definição de *PRA-8*, transformado no prefixo mais popular do Nordeste.

Desde o início, envolvidos e animados com o progresso técnico e científico almejado por todos, os pioneiros fundadores da emissora vislumbravam o funcionamento do *Rádio Clube* como um poderoso e indispensável instrumento de difusão e promoção social, reforçando a curva cultural ascendente de Pernambuco. Como arautos da modernidade, colocaram seus espíritos de idealismo e de fantasia a serviço da transformação da realidade.

EMISSORA COMERCIAL

Com a presença de Oscar Moreira Pinto, os fundadores do *Rádio de Pernambuco* perceberam e assumiram a necessidade de uma reestruturação da entidade para seguir os novos rumos com segurança administrativa e financeira.

Pelo interesse público despertado e pela ausência de recursos, tornou-se necessária uma organização de empresa comercial para evitar o fracasso do projeto. Depois de duas convocações, finalmente em 17 de outubro de 1923 foi realizado o

ato solene de reorganização da emissora e que ocupou a primeira página do *Diário de Pernambuco*, edição do dia seguinte, com o seguinte relato:

Atendendo ao desenvolvimento que há tomado a radiotelegrafia e a radiotelefonia, em todo o mundo, o *Rádio Clube de Pernambuco*, organizado em 1919, procurou, para dar maior elasticidade à sua ação, reorganizar-se com elementos que possam levá-lo ao bom termo.

Assim, foi largamente publicado pela imprensa um convite às pessoas a quem possa interessar o assunto, para uma reunião, ontem, às 20hs, no salão nobre do *Diário de Pernambuco*.

Presente grande número de cavalheiros de conceito do nosso meio social, foi, pelo Sr. Augusto Pereira - um dos principais fundadores do *Rádio Clube* em sua primeira fase - aberta a sessão, com ligeiro discurso, após o qual convidou o Sr. Oscar Moreira Pinto, propagandista de radioeletricidade, para presidir os trabalhos.

Após a reunião, de que foi lavrada a ata abaixo, transcrita, o que recebeu animador número de assinaturas das pessoas presentes, foi feita, com pleno êxito, uma demonstração prática com um aparelho receptor de radiotelefonia, através do qual, pôde o auditório ouvir um discurso de saudação aos reinstaladores do *Rádio Clube*, diversos números de canto irradiados pelo aparelho transmissor posto na rua da Aurora e sinasi radiotelegráficos de estações que, na ocasião, se comunicavam com Olinda.

Tudo faz crer que, da ação do *Rádio Clube*, advirá uma época de desenvolvimento para Pernambuco, da maravilhosa invenção de Marconi. Eis a ata da reinstalação:

“Às 20 horas do dia 17 de outubro de 1923, presentes os abaixo assinados, sócios reorganizadores do *Rádio Clube de*

Pernambuco, foi reaberta a sessão pelo Sr. Augusto Pereira, que convidou o Sr. Oscar Pinto para presidir e o Sr. Dr. Mário Lacombe para secretário. Assumidas a presidência e a secretaria, usou da palavra o Sr. Oscar Pinto, demonstrando o alto valor patriótico, político e social do *Rádio Clube de Pernambuco* como instituição para incentivar a vulgarização da magna utilidade; após curta preleção, apresentou à consideração da assembléia a seguinte chapa para constituir a comissão-diretora que será encarregada de confeccionar a reforma dos estatutos e tomar as demais deliberações.

Dr. Carlos de Lyra Filho, João Cardozo Ayres Filho, Oscar Moreira Pinto, Fernando Pedrosa, Augusto Pereira, Floriano Costa, Dr. Jáder de Andrade, Carlos Lacombe, Antonio Costa, George Gatis, Raymond Gatis, Thomaz Comber, Manoel Roberto da Costa, Tito Xavier e Amadeu Coimbra.

Posta em votação, foi sem discussão aclamada a referida comissão-diretora. Em seguida, foi feita uma audição radiotelefônica irradiada pelo *Rádio Clube de Pernambuco* desde a estação da rua da Aurora. Foi encerrada a sessão às 21hs10min. Recife, 17 de outubro de 1923”.

Assinaram a ata as seguintes pessoas presentes à reunião: Augusto Joaquim Pereira, Oscar Moreira Pinto, João Cardozo Ayres Filho, Domingos Medeiros, Luiz Carneiro de Souza, Georges Carpentier, Stanley Millen, Manoel Roberto da Costa, Felipe Xavier de Albuquerque, Raymond Gatis, Mário Jovino da Fonseca, George Gatis, José Ernesto de Campos, Odilon Amyntas de Barros, Matos Simões, Clion Coutinho, Eduardo Guimarães, José de Sá Carneiro, Tito de Araújo Firmo Xavier, Lino Marquinho Cerqueira, Luiza Novaes, Mário Burle, Ângelo Mignel Souza, Nestor Vieira Silva, Eloy Rôxo, José de Almeida, Anselmo Costa, Oscar Dubeux Pinto, Octávio Moraes, Edgar Amorim, Luiz de Almeida, Luiz Temporal, Amadeu Coimbra, João Tavares, Luiz Carneiro de Souza, João Alves Pereira de Lyra, H. Edwards, Antonio Ramiro Costa, Mário

Melo, Fileno de Miranda, Oscar Berardo, Ulpiano Ventura e José dos Anjos (representando o deputado Jáder de Andrade). Foi designado para representar o *Rádio Clube* no Rio de Janeiro o Sr. Carlos Lacombe”.⁽³⁸⁾

SALVE RÁDIO CLUBE!

Dois dias depois da sessão de reorganização do *Rádio Clube de Pernambuco*, o *Diário de Pernambuco* completou a cobertura do evento publicando a íntegra do discurso que foi irradiado, como prova do êxito de transmissão e recepção por radiotelegrafia. Eis a saudação que foi ouvida naquela noite memorável no centro do Recife:

“Exmas. Senhoras e senhores!

O *Rádio Clube de Pernambuco*, reconstituindo-se hoje, com o forte e incontestável apoio moral de homens como Carlos Lyra Filho, João Cardozo Ayres Filho, Antonio Ramiro Costa, Augusto Pereira e outros vultos, assinala mais um feito glorioso na história deste abençoado torrão do Nordeste brasileiro, que, pela bravura de seus filhos, foi cognominado *Leão do Norte*.

Conhecidos são os benefícios proporcionados pela moderna ciência radioelétrica, cuja aplicação assombrosa, imprevista e fecunda, foi legada ao século XX pelo século XIX, impondo-se a tarefa de desenvolvê-la para suavizar os males da humanidade.

Entretanto, como tudo que é humano, as ondas eletromagnéticas, classificadas pelo imortal Maxwell e demonstradas pelo benfeitor da humanidade Hertz, têm o seu paradoxo na arte de guerra, constituindo a mais terrível e pérfida arma de destruição.

Não será para vulgarizar e desenvolver este ramo da misteriosa ciência que o *Rádio Clube de Pernambuco* se reorganiza e, sim, para, como instituição patriótica e humanitária, desenvolver a aplicação da radiotelegrafia, da radiotelegrafia, da radiogonio-

metria, da televisão e outras modalidades benéficas, como veículos da civilização nos nossos sertões, das comunicações rápidas, seguras e eficientes para o governo, o comércio, a indústria e a agricultura; para suavizar os sofrimentos morais dos nossos infelizes doentes e detentos, para alegrar o lar após a árdua tarefa diurna, penetrando em todos os lares, desde o palácio majesto do Chefe da Nação até a choupana humilde do trabalhador rural; enfim, para unificar o Brasil coadjuvando no seu progresso econômico, político e social.

O *Rádio Clube de Pernambuco*, afastando-se de todos os credos políticos e religiosos, terá por fim vulgarizar o culto da ciência radioelétrica em todas as suas modalidades úteis ao bem estar da humanidade e pelo progresso e interesses da sagrada defesa da República brasileira.

Unindo-se ao *Rádio Clube* se tem realizado um ato patriótico que pode alcançar uma instituição moderna.

Salve Pernambuco! Salva o *Rádio Clube de Pernambuco!*

Viva a República dos Estados Unidos do Brasil!”⁽³⁹⁾

Com essa confiante mensagem pública, o *Rádio Clube* confirmou seu objetivo e sua disposição de cumprir seu papel histórico, como dinâmico meio de comunicação efetivamente integrado à sociedade de Pernambuco e do Brasil, exprimindo, dramatizando, transmitindo e promovendo os padrões culturais tradicionais, bem como disseminando e apoiando novas idéias e valores de mutação e progresso da moderna sociedade brasileira.

RADIOFONIA LEGAL

Durante quase 15 anos, desde a fundação do *Rádio Clube de Pernambuco* em 1919 até 1934, todas as primeiras emissoras

brasileiras funcionaram sem regulamentação oficial da atividade pelo Governo Federal. Os serviços de radiocomunicação no Brasil somente foram regularizados com os decretos nº 20.047, de 27 de maio de 1931, nº 21.111, de 01 de março de 1932, e nº 24.655, de 11 de julho de 1934.

Pelo decreto de 1931, o Governo criou uma Comissão Técnica do Rádio para examinar os assuntos relativos à radiodifusão que se expandia no Brasil, sem controle oficial. O resultado foi o decreto de 1932, que definiu o rádio como “serviço de interesse nacional e de finalidade educativa” e autorizou a publicidade radiofônica permitida no espaço de até 10% da programação das estações. Aprovado o uso de propaganda, o rádio tornou-se um empreendimento comercial de entretenimento de massas, passando a ter participação e influência na vida nacional.

Com o decreto de 1934 completou-se a regulamentação dos serviços de radiodifusão no Brasil, ficando a Comissão Técnica do Rádio vinculada ao Ministério de Viação e Obras Públicas, responsável por exame, fiscalização e decisões envolvendo as questões de radiocomunicação no País. Chegou, então, o momento de formalização das atividades da emissora pioneira de Pernambuco e do Brasil.

Exatamente no dia 09 de novembro de 1935, o *Diário Oficial da União*, edição nº 24.740, publicou o decreto nº 402, de 31 de outubro de 1935, assinado pelo presidente Getúlio Vargas e pelo ministro de Viação e Obras Públicas, João Marques dos Reis, oficializando as operações do *Rádio Clube de Pernambuco*:

“O Presidente da República Federativa dos Estados Unidos do Brasil, atendendo ao que requereu o *Rádio Clube de Pernambuco*, com sede na cidade do Recife (Estado de

Pernambuco), de acordo com o estabelecido no decreto nº 20.047, de 27 de maio de 1931, no regulamento aprovado pelo decreto nº 21.111, de 01 de março de 1932, e no decreto nº 24.655, de 11 de julho de 1934, decreta:

Artigo Único. Fica concedida ao *Rádio Clube de Pernambuco*, com sede na cidade do Recife (Estado de Pernambuco), permissão para estabelecer, sem direito de exclusividade, uma estação destinada a executar o serviço de radiodifusão nos termos das cláusulas que com este baixam, assinadas pelo Ministro de Viação e Obras Públicas.

Parágrafo Único. O contrato desta concessão deverá ser assinado dentro do prazo de 30 (trinta) dias, a contar da data da publicação deste decreto no *Diário Oficial*, sob pena de ser, desde logo considerada nula a concessão.

Rio de Janeiro, 31 de outubro de 1935, 114^a da Independência e 47^a da República. Presidente Getúlio Vargas. Ministro Marques dos Reis”.⁽⁴⁰⁾

Pelas cláusulas a que se refere o decreto 402, foram fixadas outras determinações. Cláusula I: “Fica assegurado ao *Rádio Clube de Pernambuco* o direito de estabelecer, na cidade do Recife (Estado de Pernambuco), uma estação de ondas médias, destinada a executar serviço de radiodifusão, com finalidade e orientação intelectual e instrutiva e com subordinação a todas as obrigações e exigências instituídas neste ato de concessão”.

Cláusula II: “A presente concessão é outorgada pelo prazo de 10 (dez) anos, a contar da data do registro do respectivo contrato pelo Tribunal de Contas e renovável, por igual período, a juízo do Governo, sem prejuízo da faculdade que lhe assegura a legislação vigente de, em qualquer tempo, desqualificar, no interesse geral, o serviço outorgado”.

NOVAS INSTALAÇÕES

Um ano depois, o *Diário Oficial* de 08 de dezembro de 1936 publicou a portaria nº 758, assinada pelo ministro de Viação e Obras Públicas, João Marques dos Reis, aprovando as instalações do *Rádio Clube de Pernambuco*, no bairro recifense de Casa Amarela:

“O Ministro de Estado dos Negócios da Viação e Obras Públicas, em nome do Presidente da República, atendendo ao que requereu o *Rádio Clube de Pernambuco*, resolve aprovar o local onde está instalada a estação radiodifusora da referida sociedade, situado à Estrada do Arraial, nº 3.014, na cidade do Recife (Estado de Pernambuco) e indicado na planta que com esta baixa, subscreita pelo diretor geral de Expediente da Secretaria de Estado da Viação e Obras Públicas.

Rio de Janeiro, 12 de novembro de 1936. Ministro Marques dos Reis”.(41)

Menos de dez anos depois de suas operações oficialmente regulamentadas, o *Rádio Clube de Pernambuco* obteve autorização do Governo para aumentar sua potência para 50 kws passando a cobrir todo o Nordeste. Foi através da portaria nº 645, assinada pelo ministro de Viação e Obras Públicas, João de Mendonça Lima, e publicada pelo *Diário Oficial*, edição de 04 de julho de 1944, nos seguintes termos:

“O ministro de Estado, atendendo ao que solicitou o *Rádio Clube de Pernambuco* e tendo em vista o parecer da Comissão Técnica de Rádio, nº 129, de 05 de junho de 1944, resolve conceder permissão à requerente para fábrica RCA, idêntica a da *Rádio Nacional*, com a ressalva porém de que este Ministério não se responsabiliza pela eficiência das frequências que venham ser atribuídas à solicitante e de não caber à mesma direito de reclamar prejuízos que venha a sofrer nas irradiações por motivo de interferências.

Rio de Janeiro, 22 de junho de 1944, Ministro João de Mendonça Lima”.(42)

FALANDO MAIS ALTO

Em seus primeiros anos de funcionamento, o *Rádio Clube de Pernambuco* utilizou um pequeno transmissor de 10 watts de potência, de fabricação Westinghouse. Desde 1924, porém conforme relato do seu primeiro responsável técnico, Otto Schiller, a emissora passou a contar com um transmissor de 250 watts.

Equipamento foi adquirido nos laboratórios da fábrica Lucien Levy, de Paris. Segundo Schiller, o grupo pioneiro estava sempre atento às novas tecnologias, procurando melhor aparelhar o *Rádio Clube* e buscando o aumento de sua potência.

Com transmissor de baixa capacidade, a emissora pioneira não podia oferecer uma programação regular ao longo do dia. Fatos piotescos assinalavam a rotina diária daqueles primeiros anos heróicos, segundo as lembranças de Arnaldo Pinto e Otto Schiller. Eles nunca esqueceram de um vigia que também era operador e locutor, exageradamente zeloso.

Com mais de 20 anos dedicados à produção artística e tendo trabalhado no *Rádio Clube de Pernambuco* na década de 40, Luiz Maranhão Filho, cujo pai, Luiz Maranhão, foi um dos pioneiros do radioteatro na PRA-8, sintetiza em seu livro “Memória do Rádio”, como esse vigia entrou para a história:

“O transmissor era ligado de uma a duas horas pela manhã; voltava a ser acionado em igual período à noite. No fim da noite, após os pianíssimos, havia a ordem dos donos para “seu” Chico - servente e vigia, morador dos fundos do prédio - desligar o botão de energia. Ele o fazia, após chegar diante do microfone, por sua conta e risco e pronunciar com voz engasgada: - Amanhã tem mais e mió”.(43)

Apesar das dificuldades financeiras, o avanço técnico era inevitável. Em fevereiro de 1931, a Siemens do Brasil anunciou⁽⁴⁴⁾, oficialmente, no Rio de Janeiro, que “em breves dias serão iniciadas, no Recife, as provas do novo transmissor de radiodifusão do *Rádio Clube de Pernambuco*”.

Explicava a Siemens que o novo equipamento tinha sido fornecido pela Companhia Telefunken de Berlim e, montado pela Companhia Brasileira de Eletricidade Siemens-Schuckert S.A., sediada no Rio. Era um transmissor de 1 kw.

Através de sua publicação institucional, a Siemens forneceu detalhes sobre o transmissor adquirido pela emissora pioneira do Brasil, aqui reproduzidos porque representam o estágio técnico de uma época: um transmissor de válvulas, com válvula de comando e circuito intermediário; dimensões de 1m70 de altura, 1m70 de largura, 80cm de profundidade e 500 quilos de peso; capacidade de fornecer na antena energia máxima em alta frequência de 3kws, correspondendo a uma energia média modulada de 800 a 900 watts; armação construída de cantoneiras de ferro, revestida de todos os lados por chapas de cobre; e proteção de materiais isolantes da melhor qualidade.

Conforme, ainda, o anúncio da Siemens, o novo transmissor do *Rádio Clube de Pernambuco*, instalado em 1931, dividia-se, essencialmente, em quatro partes: transmissor de comando, transmissor principal, dispositivo de sintonização da antena e dispositivo de modulação.

Pelos detalhes técnicos divulgados, o transmissor de comando tinha uma válvula osciladora marca Telefunken, com potência de 400 watts para atuar sobre um circuito oscilante, o circuito oscilante era composto de um condensador adequado, de capacidade invariável, de uma bobina osciladora e de um variômetro para permitir a variação das ondas;

E mais: o transmissor principal era provido de duas válvulas emissoras marca Telefunken para atuar sobre um circuito oscilante e aplicar com sua energia a corrente alternada de alta frequência fornecida pelo transmissor de comando; com o auxílio do variômetro, podia-se sintonizar a antena, acoplada individualmente ao transmissor principal, para a onda de emissão, com o máximo de corrente; um comutador permitia o uso do transmissor para fins de telefonia; e pela comutação da chave “telefonia-sintonização” para “sintonização” eram ligadas as válvulas moduladoras em curto circuito.

Com o apoio desse transmissor Telefunken, segundo ainda Otto Schiller, foi possível ao *Rádio Clube de Pernambuco* fazer uma experiência pioneira em 1931, quando teve autorização para funcionar, mesmo a título precário, com ondas curtas.

Para isso, foi adicionado ao transmissor um estágio de potência ampliando a energia na antena para 3,8 kws. Era uma grande novidade no Brasil que, até então, somente conhecia as ondas curtas através de algumas potentes emissoras estrangeiras. Essas ondas curtas da *PRA-8* foram suspensas em 1935, por exigências de nova legislação federal e depois reativadas.

FALANDO MAIS LONGE

Em 1936, os dirigentes da *PRA-8* adquiriram junto à empresa Rádio Cinephon Brasileira S.A., do Rio de Janeiro, duas novas emissoras, sendo uma de 25 kws. Suas características, pesquisada e registradas por Luiz Maranhão, merecem ser lembradas aqui: um transmissor, canal exclusivo, 720 kws; potência da onda portadora sem modulação - 25.000 watts; capacidade de modulação - 100%; valor instantâneo da potência modulada máxima - 100.000 watts.

Pelas especificações técnicas, o novo transmissor era

oscilador controlado a cristal, seguido de etapas sucessivas de separação e ampliação, com modulação no circuito de placa do amplificador final, ou seja, modulação em alto nível.

“A potência eficaz na antena, nos instantes em que a modulação atinge o seu valor máximo de 100% é de 1,5 vezes maior do que a potência da onda portadora não modulada, correspondendo, no caso deste transmissor, a 37.500 watts, enquanto que a potência máxima (valor instantâneo) nas mesmas condições, atinge um valor quatro vezes maior do que o da onda portadora não modulada, ou seja, para este transmissor, uma energia instantânea máxima de 100.000 watts ou 100 kilowatts”.⁽⁴⁵⁾

Com essa evolução técnica, de acordo com a história de Arno Huth, em 1936, o *Rádio Clube de Pernambuco* era uma das 11 principais emissoras brasileiras, pela potência e pelo prestígio. O Brasil tinha, então, apenas duas estações com ondas curtas. Uma era a *RPA-8*, do Recife, e a outra era a *PRF-5 - Rádio Internacional do Brasil*, do Rio de Janeiro.

Demais emissoras brasileiras mais importantes naquele ano eram as seguintes: *PRA-E - Rádio Clube do Brasil*, *PRA-6 - Rádio Educadora de São Paulo*, *PRB-9 - Rádio Record de São Paulo*, *PRE-3 - Rádio Transmissora Brasileira*, *PRF-E - Rádio Difusora de São Paulo*, *PRF-4 - Rádio Jornal do Brasil*, *PRG-2 - Rádio Tupi de São Paulo*, *PRG-3 - Rádio Tupi do Rio de Janeiro* e *PRH-8 - Rádio América do Rio*.⁽⁴⁶⁾

Pode-se afirmar, com segurança, que a década de 20 funcionou como o período de implantação do rádio no Brasil. A fase de consolidação veio na década de 30, quando os programas de um rádio tipicamente de elite deixaram de satisfazer uma classe média em formação com o surto de desenvolvimento industrial e passou a exibir novos hábitos e interesses de entretenimento e consumo.

Em suas pesquisas sobre o rádio dessa época em São Paulo, Elyzabeth Carmona⁽⁴⁷⁾ descobriu que “os insatisfeitos com a situação eram não só os intelectuais, defensores da programação dita cultural e educativa, mas também a própria imprensa que, de forma velada, mostrava as suas preocupações em relação ao novo mídia, que surgia para roubar-lhe espaço”. Sob pressão, o rádio começou a contratar instrumentistas, atores e cantores, tomando, finalmente, o caminho da programação popular.

Ao final da década de 30, com os serviços de radiodifusão já regulamentados no Brasil, muitas estações transmissoras surgiram em várias regiões. Em dezembro de 1939, o país já contava com 64 estações de rádio, sendo 39 somente no Estado de São Paulo (10 na capital e 29 no interior). Os aparelhos de rádio já eram 357.921 no país, sendo 115.042 em São Paulo, portanto quase um terço dos receptores existentes.⁽⁴⁸⁾

Por três décadas, até 1948, os ouvintes de rádio no Brasil eram obrigados a permanecer em determinado local para acompanhar as transmissões, porque dependiam de bateria, de tomada e de corrente elétrica. Somente em 1948 apareceram os primeiros aparelhos transistores. O invento do físico norte-americano Johan Bardeen permitiu que o rádio chegasse, por meio de receptores portáteis de pilha, aos mais distantes e pequenos lugares do mundo. E atingisse o seu auge em repercussão e popularidade.

ANTENA AOS CÉUS

Como primeira emissora de rádio do Brasil, o *Rádio Clube de Pernambuco* exerceu enorme influência social e cultural no Nordeste, sobretudo nas três primeiras décadas de sua existência, entre 1920 e 1950. Simbolizou o avanço da ciência e da técnica, expressando um novo tempo, um tempo de progresso.

Emissora deu uma nova dimensão às aspirações da

sociedade de Pernambuco e do Nordeste, principalmente nos anos seguintes aos desafios de renovação material e espiritual impostos pelo fim da primeira Guerra Mundial. Desempenhou papel significativo de catalisador de opinião e de canalizador de sentimentos do povo nordestino.

Surgiu , cresceu e evoluiu como um meio de comunicação de massa e de comunicação com as massas do Nordeste. Sua audiência, quase cativa, de milhares de nordestinos esteve sempre diretamente relacionada com grande penetração proporcionada pela sua potência na antena, uma das mais fortes do País. Mas, sem dúvida, sempre teve relação direta com sua capacidade de captar e reproduzir os sentimentos populares.

Uma prova disso foi a introdução que fez em sua programação de uma produção que, pela sua longevidade e pela sua inspiração, tornou-se uma das mais marcantes e copiadas do rádio brasileiro.

Trata-se de uma célebre “Ave Maria” feita especialmente para o *Rádio Clube de Pernambuco* e transmitida, às 18hs, na chamada “Hora do Ângelus”, desde 08 de setembro de 1939. Uma prece fervorosa bem ao gosto do sentimento religioso do Nordeste.

Essa oração foi introduzida na programação da *RPA-8* por decisão do seu diretor, em 1939, Oscar Moreira Pinto, aproveitando a realização no Recife do IV Congresso Eucarístico Nacional, sob a presidência do cardeal dom Sebastião Leme. Ele queria um texto bem elaborado, de poesia e sensibilidade, que passasse a ser uma característica especial do *Rádio Clube de Pernambuco*. Uns dizem que o texto aprovado foi de autoria do jornalista da emissora, Mário Libânio. Outros dizem que foi do jornalista Carlos Rios, intelectual também atuante na *RPA-8*.

Único intérprete dessa “Ave Maria” durante longos anos

foi o primeiro locutor oficial do *Rádio Clube de Pernambuco*, Abílio de Castro, depois substituído por Adelmo Cunha. Castro aprovado em concurso realizado em 1926 e lançador da palavra *locutor* em substituição a usada no meio radiofônico até então em inglês *speaker*, sempre fez questão de dizer que testemunhou o nascimento do texto da “Ave Maria” para o qual deu colaboração na redação final, garantindo que o autor da prece foi Mário Libânio.

Muito mais importante do que essa polêmica sobre autoria, no entanto, é a sua essência. Pela sua original e singela composição, como mensagem de fé, e pela sua tradição de várias décadas, como marca inconfundível da emissora pioneira perante os ouvintes do Nordeste, vai reproduzida aqui a oração da “Ave Maria” da *PRA-8*:

“Ave Maria! Rainha pura e ditosa dos homens pecadores. Santa radiosa do céu! Hora doce e emocionante entre o dia que morre e a noite que surge. As criaturas, perdidas na inquietação que enche a terra, olham o firmamento, ansiosas pela luz das estrelas que começam a inundar a imensidão.

Ave Maria! Paz e recolhimento para os espíritos, conforto e esperança para as almas! O homem dobra os joelhos, abrandando sua ira, esquece os sofrimentos e abre o seu coração, nesta hora terna de piedade e de recolhimento. O seu pensamento voa para o céu, qual gigantesco pássaro audacioso que soltasse, na amplidão, as suas asas doiradas.

Ave Maria! As catedrais e as capelas humildes entoam, ao mesmo tempo, a sua oração que o bronze secular cobre de sons divinos, encenando o espaço de harmonias inefáveis.

Ave Maria! Hora de grandiosa de Deus! Traço de união divina entre a criatura e o Criador. Hora mágica da humanidade que abre um doirado caminho de luz entre a terra angustiada e o céu bendito. Ave Maria!”

Transmitida diariamente pelas ondas do *Rádio Clube de Pernambuco*, essa oração transformou-se numa espécie de momento mágico de audição e contemplação para várias gerações de ouvintes do Nordeste brasileiro, região de densa religiosidade e forte sentimento cristão.

Popularizou-se especialmente entre as massas sertanejas nordestinas, como uma mensagem de refrigério e de esperança renovando-lhes a força espiritual diante das persistentes adversidades. Consagrou-se, pelas antes da *PRA-8*, como um momento de louvor e clamor aos Céus.

EMISSORA ASSOCIADA

Depois de ter realizado, em 1931, um dos seus maiores sonhos, que foi a incorporação do *Diário de Pernambuco*, jornal mais antigo da América Latina, fundado em 1825, aos Diários Associados, o jornalista e empresário Assis Chateaubriand passou a dedicar-se a uma outra opção histórica: adquirir o *Rádio Clube de Pernambuco*, mais antiga emissora do Brasil.

Desde 1924, quando fundou os Diários Associados, a partir de *O Jornal*, no Rio de Janeiro, Chateaubriand vinha formando uma grande rede de jornais e rádio cobrindo todo o Brasil. Já contava com emissoras no Rio, São Paulo, Salvador e Porto Alegre e queria integrando ao seu conglomerado a *PRA-8*, verdadeiro símbolo da radiodifusão nacional. “Era a grande obsessão de Chateaubriand”, segundo Arnaldo Moreira Pinto.

Com sua trans-racionalidade, sempre aberto aos novos empreendimentos independentemente de circunstância, Chateaubriand iniciou as negociações para comprar o *Rádio Clube* em plena turbulência da segunda Guerra Mundial e em tempo de agitação política no Brasil. Não foi fácil. Teve que enfrentar a resistência dos herdeiros da emissora pioneira e problemas sérios de natureza política.

“O desenvolvimento democrático no Brasil, frustrado pelo golpe militar de outubro de 1945, trazendo ao poder o general Eurico Gaspar Dutra, pilar do Estado Novo, transformar-se-ia em simples continuação da ditadura, agora com fachada legal”, lembra Nelson Werneck Sodré, em sua *História da Imprensa no Brasil*⁽⁴⁹⁾, explicando porque a Constituição de 1946 foi elaborada “sob terror policial”.

Pelo artigo 160 daquela Constituição, ficou vedada a propriedade de empresas jornalísticas, sejam políticas ou simplesmente noticiosas, assim como a de radiodifusão, às sociedades anônimas ao portador ou a estrangeiros. Além disso, nem pessoas jurídicas, excetuando-se os partidos políticos, poderiam ser acionistas de sociedades anônimas proprietários dessas empresas.

Sob forte influência no modelo autoritário estadonovista do Governo Getúlio Vargas, o governador de Pernambuco, Agamenon Magalhães, desapropriou as ações do *Rádio Clube* para evitar sua venda, alegando defesa do patrimônio público estadual. Com essa medida, Agamenon criou um grande obstáculo ao intento de Chateaubriand que havia iniciado negociações com o irmão de Oscar e Arnaldo, Fernando Moreira Pinto, representant ecomercial da *RPA-8* no Rio de Janeiro.

Esse obstáculo só foi superado quando o problema chegou ao presidente Eurico Gaspar Dutra, que anulou a desapropriação. Sobrou a resistência dos herdeiros abalados com morte de Oscar Moreira Pinto. Seguiu-se tremenda batalha judicial envolvendo os advogados Nehemias Gueiros, pelos Diários Associados, e Phaelante Câmara, pela família de Oscar. Arnaldo Moreira Pinto era, então, o superintendente do Rádio Clube de Pernambuco.

Em 27 de março de 1947, o *Diário de Pernambuco* trouxe ao público a posição de Chateaubriand e de sua organização no negócio: “Mais uma vez é preciso que se diga e repita que os Diários

Associados tinham sido solicitados e instados mesmo para adquirir a emissora de Pernambuco. Um representante do falecido Oscar Moreira Pinto abordara o assunto no Rio de Janeiro, ficando a negociação em estudo. Morto o Sr. Oscar, os herdeiros voltaram a ocupar-se do caso porque, no seu entender, somente os Diários e Emissoras Associados poderiam tomar conta da estação”.⁽⁵⁰⁾

Embora Fernando Moreira Pinto estivesse participando diretamente das negociações com os Diários Associados, seu irmão Arnaldo tinha dificuldade de assimilar a decisão. “Menos pelo valor financeiro e muito mais pelo valor sentimental e histórico porque a *RPA-8* era nossas vidas”, justificaria Arnaldo mais tarde, reconhecendo, porém, que naquela época enfrentava mais dificuldades.

Além dos investimentos que haviam sido feitos na construção do Palácio do Rádio, nova sede da emissora na avenida Cruz Cabugá, próximo ao centro do Recife, o baixo faturamento publicitário tornava difícil a manutenção da *PRA-8*, então com 175 funcionários, entre músicos, técnicos, locutores, cantores, radioatores, produtores, corretores e pessoal de apoio administrativo.⁽⁵¹⁾

Chateaubriand manteve firme o negócio fechado e deixou seguir a batalha judicial, que se prolongou até 1952, quando o *Rádio Clube de Pernambuco* teve sua incorporação definitiva aos Diários Associados. Chateaubriand já havia inaugurado no Recife o *Rádio Tamandaré*, terceira emissora de Pernambuco, depois do *Rádio Jornal do Commercio*, inaugurado em 1948. Mas, a conquista da *PRA-8* foi, para ele, a realização de mais um grande sonho na formação de sua rede nacional de comunicação.

ASTROS & ESTRELAS

Além de manter-se fiel às suas origens, como emissora profundamente identificada com os sentimentos e as aspirações de Pernambuco, o *Rádio Clube de Pernambuco* credenciou-se, ao longo das décadas, como termômetro da produção radiofônica no

Nordeste, uma autêntica escola, descobrindo, produzindo e projetando valores artísticos regionais e nacionais.

Muitos dos seus profissionais nos diversos tempos de sua história, formaram-se em medicina, engenharia, advocacia e passaram a exercer seus talentos em novos campos de atividade humana, em Pernambuco e outras regiões do País.

Entretanto, numerosos, entre eles, permaneceram no meio artístico e conquistaram prestígio e sucesso, no Brasil e no exterior, preservando o orgulho de um dia ter trabalhado na primeira emissora brasileira. Formam uma imensa galeria de jornalistas, cronistas, músicos, cantores, compositores, produtores, humoristas e radioatores.

Brilharam no radiojornalismo da *PRA-8* os pioneiros Mário Libânio, Carlos Rios, Abílio de Castro, Aníbel Fernandes, Valdemar de Oliveira, Mário Sett, Valter de Oliviera, Fernando Lobo, Mário Melo, Eugênio Coimbra, Fernando Pio e Célio Meira. Em décadas mais recentes; Tavares Macial, João Costa, Stèlio Gonçalves, Osório Romero, Ricardo Carvalho, Rivaldo Ferreira, José Uchoa, Teófilo Silva, Adjaci Soares, Edilson Torres, Tadeu Nascimento.

Como locutores noticiaristas, fizeram sucesso: Jomeri Posolli, Ernani Seve (“Repórter Esso”) Uchoa Cavalcanti, Mário Teixeira (“Repórter Klasse”), Edson de Almeida, Brim Filho (“A Especialista Informa”), Geraldo Liberal, Albéres Pimentel, Renato Phaelante, Marcos Macena, Almeida e Silva, Fernando Freitas, Gilberto Carvalho e Walter Cartaxo, nomes que guardam referência direta ao prefixo pioneiro de Pernambuco.

Consagrados popularmente no radioesportivo da *PRA-8*, além dos pioneiros Abílio de Castro, Antonio Maria, José Renato e Carlos Brasil, muitos se destacaram no longo das décadas de vibrantes jornadas cobrindo o futebol e outros esportes no Nordeste

e no País: Itamar Pereira, Ari Santa Cruz, Renato Silva, Laudenor Pereira, Brim Filho, Tavares Maciel, Ivan Lima (“o mais premiado locutor esportivo do Norte e Nordeste”, Barbosa Filho, José Santana (“o comentarista da palavra abalizada”), Audir Dúdiman, João Batista (“o diamante negro do rádio”), Edvaldo Moraes, Ivo Sütter, Júlio José, Antonio Torres, Haroldo Rômulo, Paulo Moraes, Robson Sampaio, Ralph de Carvalho, Roberto Queiroz (“garganta de aço”) e tantos outros.

Grande elenco fez da *PRA-8* uma estação especializada em radiovariedades, sobretudo nos anos 40 e 50, uma época cheia de glamour, na qual cantores e artistas do rádio fascinavam multidões que os transformavam, com entusiasmo e paixão, em ídolos generosamente reconhecidos e aplaudidos.

Como produtores e animadores de programas musicais, humorísticos, novelísticos, de estúdio e de auditório, além de Abelardo Barbosa - Chacrinha, Severino Dias - Sivuca, Hermeto Paschoal e Nelson Ferreira, que ganharam fama nacional e até internacional, serão sempre reverenciados em Pernambuco, numerosos astros e estrelas da emissora pioneira:

Valdemar de Oliveira (autor da opereta “A Rosa Vermelha” - 1932), Samuel Campelo, A. G. Melo Júnior, Lourenço Barbosa - Capiba (fundador da Jazz Band Acadêmica - 1931), Levino Ferreira, Renato Camplo, Alberto Figueiredo, Aristides Cabral, Luiz Barbosa, Mário Sette (“Hora da Saudade”), Arlete Sales, Walfredo dos Santos, Thomaz Babine, Antonio Medeiros, Lourival de Oliveira, Luiz Bandeira, Luiz Maranhão, Ziul Matos (“A Hora Azul das Senhorinhas”), Mário Tavares, Osmundo Soares, Mercedes del Prado, Carlos Furetti, Severino Revoredo, Vicente Lacerda, Clóvis Paiva, Mayerber de Carvalho, Claudionor Germano, Jota Austregésilo, Almeida Filho (“A Taba se Diverte”), June Sarita, Luiz Queiroga, Tavares Maciel (“Quem Manda é o Freguês”), Flávio Moreira, Gildo Moreno, Maria Celeste, Walter Levita, Esmeralda

Ribeiro, Arnaldo Melo, Alaíde Parísio, Sebastião Lopes (“Mosaicos Folclóricos”), Aline Branco, José Santa Cruz (“Pensão Paraiso”) e Aldemar Paiva (“Festa no Varandão” e “Pernambuco Você é Meu”).

Dessa notável legião, ainda: Waldeck Macedo - Gordurinha (autor de “Súplica Cearense”), Antonio Hugo, Canelinha, Gertrudes Pombo, Hélio Peixoto, Wellington Botelho (“PRK-Prata”), Ernani Dantas, Dorinha Peixoto, Carlos Bastos, Sônia Fernandes, Selma Lopes, Zael Pontes, Eric de Castro, Luiz de Oliveira, Fernando Castelão, Liane Gouveia, Carmen Silva, Rosa Maria Rattes (“Programa Rosa Maria”), Rudy Barbosa, César Brasil (“Parque Recreio”), Antenor Arôxa, José Edson (“Miscelânea Sonora”), Walter Lins (“Carrossel” e “Caixinha de Pedidos”), Paulo Marques e outros criadores e inovadores, cujos nomes estão na imaginação popular como expressões dos melhores momentos do rádio no Nordeste.

Com atuações em tempos diferentes, esses profissionais, que marcaram e influenciaram gerações, serão lembrados como astros e estrelas que exerceram e exibiram o brilho de seus talentos criativos e de suas potencialidades artísticas com energia, dedicação e domínio da linguagem do rádio, mantendo, valorizando e promovendo o prestígio, a força e a credibilidade que fazem o legado histórico da *PRA-8*, emissora guardiã das tradições de bravura e de cultura da gente de Pernambuco.

NAS ONDAS DO FREVO

Rádio clube de Pernambuco, Frevo, Nelson Ferreira, Capiba. Eles formam uma sequência evocatória. Não dá para pensar no Recife sem *Rádio Clube de Pernambuco*. Não dá para pensar em *Rádio Clube de Pernambuco* sem frevo. E não dá para pensar em frevo sem Nelson Ferreira e Capiba. Os quatro têm história e estão, definitivamente, marcados na história como símbolos de expressão dos mais fortes sentimentos e tradições do vibrante e apaixonante povo de Pernambuco.

Nascido pernambucano no Bonito, em 9 de dezembro de 1902, Nelson transferiu-se ainda menino, com os pais Luís Ferreira e Flora Ferreira, para o Recife. Herdou do pai, tocador de violão, o gosto e o interesse pela música e cedo começou seus estudos de piano.

Conforme o historiador Silva, “já aos 13 anos, ajudava na renda familiar tocando nas pensões alegres: *Chantecler*, *Mimi*, *Bohemia* e a famosa *Júlia Peixe-Boi*. Pensões boêmias, frequentadas por usineiros e senhores de engenho, cheias de mulheres brancas, cujos corpos de há muito não sabiam o que era a luz do Sol, e animadas por polcas, valsas, maxixes, tidadas do piano por aquelele meninote”.⁽⁵²⁾

Forçado a deixar as pensões alegres, por decisão do pai, que não gostava de ver seu filho ainda menino tocando naqueles locais de boemia, Nelson Ferreira passou a se apresentar nos mais badalados cafés do Recife de então: Café Chile e Café Chileno, no centro do Recife. Dos cafés, chegou aos cinemas, a partir de 1917, como pianista das orquestras do Pathé, Moderno e Helvética.

Segundo ainda o mesmo historiador, em 1º de julho de 1931, Nelson Ferreira entrou para o *Rádio Clube de Pernambuco*, levado pelo diretor Oscar Moreira Pinto. Na PRA-8, atuou como pianista, regente dfe orquestra, produtor e ator de radionovelas, e diretor artístico.

Tornou-se uma das mais expressivas personalidades do mundo artístico do Nordeste na primeira metade deste século, como maestro e compositor. Deixou uma produção enorme de músicas, destacando-se valsas, marchas, frevos-de-rua e frevos-canção, que até hoje fazem a maior animação do carnaval de Pernambuco.

Dele são alguns dos frevos que mais identificam o carnaval pernambucano: *Barboleta não é ave*, *Pra você meu bem*, *O dia*

vem raiando, A canoa virou, Nada faz mal, Veneza americana, Vamos começar de novo, Casá-casá, Come e dorme, Boca de forno, Vem fervendo, Gostosura, Gostosinha, Gostosão, Bloco da vitória, Minha fantasia, Cordão das vassourinhas, Evocação, Frevo no bairro do Recife, Pernambuco você é Meu e muitos outros, muitíssimos sucessos memoráveis.

“Nelson Ferreira - ressalta Leonardo - foi a grande mola mestra de animação do Carnaval, não só do Recife, como de toda a região, graças à sua participação na direção artística do *Rádio Clube de Pernambuco*, onde era responsável pelas chamadas *Revistas Carnavalescas* e pela importância de sua grande orquestra de ritmos carnavalescos, que contava com o concurso dos mais importantes instrumentistas da região”.

Sua presença no *Rádio Clube*, como maestro e diretor artístico, é assim destacada por Phaelante: “O intercâmbio artístico, com a vinda permanente dos maiores astros da canção no Brasil e o grande e indiscutível talento de Nelson Ferreira são fundamentais no desenvolvimento da carreira do maestro, permitindo-lhe projetar com mais vigor sua criação musical de 1931 a 1947, gravando as suas músicas com ídolos tais como Francisco Alves, Carlos Galhardo, Aracy de Almeida, Almirante, Dircinha Batista, Minona Carneiro, Augusto Calheiros, Joel e Gaúcho, Gilberto Alves e com as maiores orquestras brasileiras, que divulgam no País a produção musical do ilustre maestro da *PRA-8*.⁽⁵³⁾

Compositor, pianista e maestro, Nelson Ferreira popularizou-se em Pernambuco e alcançou prestígio nacional com suas belas valsas e os mais vibrantes frevos do Carnaval brasileiro. Em 1973, dentro das comemorações dos seus 50 anos, suas composições de maior sucesso foram reunidas pela gravadora Mocambo, do Recife, numa coleção dos seguintes LPs *Meio Século de Valsas*, *Meio Século de Frevo-de-Rua*, *Meio Século de Frevo-de-Bloco* e *Meio Século de Frevo-Canção*. Permaneceu

atuando no cast da *PRA-8* até 1971. Faleceu em 21 de dezembro de 1976.

TITULARES DA INFORMAÇÃO

“Pernambuco detém o pioneirismo dos jornais falados no Brasil, lançados pela emissora *PRA-8* do Recife, em fins de 1926, sob a orientação dos jornalistas Mário Libânio e Carlos Rios”. Sempre garantiu isso o saudoso jornalista e escritor Luiz Beltrão⁽⁵⁴⁾, durante vários anos professor de jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB) e da Faculdade de Comunicação do Centro de Estudos Universitários de Brasília (Ceub).

Até então, segundo ele, não houve registro de experiência igual na radiodifusão brasileira em seus primeiros sete anos de existência. Há indicações de que nos últimos anos da década de 20 algo parecido com radiojornalismo foi inserido pelo *Rádio Sociedade do Rio de Janeiro* em sua programação voltada para educação e cultura.

De acordo com Saint-Clair Lopes, o próprio fundador daquela emissora, Roquette Pinto, chegou a apresentar um programa denominado *Jornal da Manhã*. Nele, “apreciava os acontecimentos aparecidos nos noticiários dos jornais, lendo-lhe as manchetes e oferecendo um panorama inigualável de concisão, de realidade e de objetividade, como somente ele poderia fazê-lo”.⁽⁵⁵⁾

Consta, também, da história dos primeiros anos do rádio, conforme relato de Walter Sampaio, uma experiência pioneira de radiojornalismo no interior de São Paulo. Provavelmente em 1931, a *Rádio Sociedade de Sorocaba - PRD9* começou a transmitir notícias e entrevistas em sua programação diária.

Outro fato relevante para a história do radiojornalismo brasileiro ocorreu em 1932. “São Paulo iniciava sua experiência

radiojornalística, mais em termos editoriais do que propriamente informativos” pela *Rádio Record*, apoiando a Revolução Constitucionalista.⁽⁵⁶⁾

Em Pernambuco, brilharam nos primeiros anos de radiojornalismo da *PRA-8*, além dos noticiaristas Abílio de Castro e Uchoa Cavalcanti, vários nomes de prestígio da imprensa local, como Mário Libânio, Célio Meira, Aníbal Fernandes, Carlos Rios, Valdemar de Oliveira, Fernando Pio, Mário Sette, Valter de Oliveira, Fernando Lobo, Mário Melo e Eugênio Coimbra Júnior.⁽⁵⁷⁾

Festejados expoentes da cultura pernambucana, eles enriqueceram de talento, prestígio e credibilidade o radiojornalismo da *PRA-8* com suas crônicas, análises e comentários sobre atualidades. Ficaram na história da radiodifusão de Pernambuco e na memória popular os programas “Comentário do Dia”, de Valdemar de Oliveira, médico, jornalista, escritor, teatrólogo e educador, “Café da Manhã”, do jornalista Mário Libânio, e “Praça do Diário”, do jornalista Aníbal Fernandes.

Como intelectuais respeitados em Pernambuco, tinham suas crônicas publicadas no *Diário de Pernambuco* transmitidas, diariamente, pelo *Rádio Clube de Pernambuco*. Agregaram-se também a esse elenco formidável de cronistas da emissora Antonio Maria e Costa Porto.

Até 1940, registra Luiz Maranhão Filho, o *Rádio Clube* mantinha na sua programação jornalística o informativo “Jornal Lavolho” (identificado pelo nome do seu patrocinador) em quatro edições diárias. Havia também, diariamente, um boletim de informações telegráficas com notícias nacionais e internacionais recebidas através de radiotelegrafia, serviço que permaneceu funcionando até o início da década de 70.

Em 1941, diante da necessidade de o Brasil acompanhar

os acontecimentos da segunda Guerra Mundial, surgiu o “*Reporter Esso*”, patrocinado pela Esso Standard of Brazil, extensão brasileira da empresa norte-americana Standard Oil Company, com sua primeira edição indo ao ar exatamente às 21h55min., do dia 28 de agosto, pelas ondas da *Rádio Nacional* do Rio de Janeiro.

Criado por Moraes Sarmiento, diretor da Esso, com assistência direta de Emil Farah, diretor no Brasil da McCann Erickson, agência sediada em Nova Iorque e dona da conta da distribuidora de combustíveis, o informativo teve como primeiros locutores Romeu Fernandes, Celso Guimarães, Jorge Curi, Aurélio de Andrade, Saint-Clair Lopes, Reinaldo Costa, César de Alencar e Rubens do Amaral.

Em 1944, por concurso nacional, Heron Domingues foi escolhido locutor titular do informativo da Esso Standard of Brazil e produzido com notícias da United Press. Depois de Heron Domingues, vieram os apresentadores Roberto Figueiredo e Gilberto Amaral, este último transformado depois no principal cronista social de Brasília. Ficou na memória deles e do público ouvinte, para sempre, a fanfarra criada pelo maestro Carioca como característica inconfundível do informativo.

Com uma seleção criteriosa de notícias e informando somente o que era realmente importante, o *Repórter Esso* cresceu rapidamente de conceito e audiência atingindo outras regiões do País. Assim, em 1942, passou a ser transmitido também no Nordeste, através do *Rádio Clube de Pernambuco*. No Rio Grande do Sul, pela *Rádio Farroupinha* de Porto Alegre e em Minas Gerais pela *Rádio Inconfidência* de Belo Horizonte.

Marco expressivo na história do jornalismo radiofônico nacional, o *Repórter Esso* foi apresentado no *Rádio clube* por Ernani Seve e Mário Teixeira. Fez sucesso na pioneira PRA-8 durante sete anos, na fase de apogeu do rádio brasileiro, até 1948, quando o

noticiário passou a ser transmitido pela nova emissora inaugurada no Recife, *Rádio Jornal do Comércio*.

Como substituto do informativo da Esso, o *Rádio Clube* lançou o *Repórter Klasse*, patrocinado por uma indústria de confecções qualidade. Lançou também o noticioso “A Especialista Informa” e entrou na década de 50 ampliando os seus jornais falados, valorizando a cobertura dos acontecimentos locais e regionais e ganhando o crescente apoio dos serviços de agências internacionais.

Entre os anos 60 e 70, o jornalismo da *PRA-8* marcou sua atuação com uma equipe de excelentes profissionais. Entre eles, Tavares Macial, João Costa, Stélio Gonçalves, Osório Romero, Teófilo Silva, José Uchoa, Tadeu Nascimento, Ricardo Carvalho, Edilson Torres e Adjaci Soares. Permaneceu sendo uma importante escola de referência do radiojornalismo no Nordeste, reunindo, ao mesmo tempo, nomes conceituados e novos talentos saídos das Faculdades de Comunicação.

Ganharam prestígio e audiência os informativos “No Mundo da Notícia”, com apresentação de Renato Phaelante, Albéres Pimentel e Walter Cartaxo, o “Correspondente A-8”, com Fernando Freitas e o “Mundo em suas Mãos”, com Gilberto Carvalho. Eram as principais produções diárias da equipe cujos integrantes ficaram famosos e consagrados no Nordeste como “Titulares da Informação”.

CRÔNISTA MAIOR

Entre os muitos artistas do estelato radiofônico da *PRA-8* em suas primeiras décadas de existência e que se projetaram com sucesso no Brasil, destacou-se o nome de Antonio Maria Araújo de Moraes, pernambucano nascido em 17 de março de 1921. Extrovertido, arrojado, bem humorado, talentoso, crítico, poeta, boêmio e irreverente, fez sucesso no Recife e no Rio. Entrou em cena como astro iluminado e saiu de cena como mito.

Foi jornalista, cronista, narrador esportivo, produtor musical, e compositor, sobretudo cronista e compositor, especialidades que lhe deram fama nacional. Trabalhou ao lado do diretor artístico da *PRA-8*, maestro Nelson Ferreira, compositor e arranjador de numerosos frevos e nome inesquecível na história musical de Pernambuco.

Depois de estudar nos melhores colégios do Recife, tendo recebido aulas particulares de francês e piano, Antonio Maria viu, de repente, seus pais Inocêncio Ferreira de Moraes e Diva Araújo de Moraes sem condições financeiras para mantê-lo num padrão de vida próprio de família abastada, favorecida pela riqueza dos engenhos de açúcar, e foi obrigado a trabalhar. Assim, ainda muito jovem, quase adolescente, chegou ao *Rádio Clube de Pernambuco*.

Quem conheceu Antonio Maria jura que ele, pela sua aparência física, enganava completamente. Corpulento, 1,80m, 120 quilos, mãos enormes, entroncado, cabeça arredondada, vozeirão, cheio de molecagem, ninguém podia imaginar, num primeiro contato, que ele fosse um homem de profunda sensibilidade poética.

Personagem de genialidade criativa, romântico radical e amante compulsivo, o incrível Antonio Maria compôs belas músicas poéticas, apaixonadas e maravilhosas, sobretudo de romântica melancolia, como “Ninguém me ama” (1952), em parceria com Fernando Lobo, e imortalizada por Nora Ney. Fez também as letras para duas canções que se tornaram clássicos: “Valsa de uma Cidade”, com Ismael Neto, e “Manhã de Carnaval”, com Luis Bonfá.

Dono do vozeirão privilegiado, logo mostrou competência e talento para abrilhantar transmissões de futebol, produções musicais e programas de auditório. Nessa condição recebeu e acolheu novos valores artísticos que procuravam projetar-se através do *Rádio Clube de Pernambuco*.

Em 1940, com apenas 19 anos, Antonio Maria resolveu deixar a *PRA-8* e tentar o sucesso no Sul do Brasil, estimulado por seu companheiro e parceiro de música Fernando Lobo, outro pernambucano do Recife, que se tornou famoso no Rio como compositor, jornalista e homem de rádio e televisão, tendo inclusive trabalhado por quatro anos nos Estados Unidos, nas redes de televisão *CBS* e *NBC*.

Cheio de sonhos, o jornalista, cronista e compositor chegou ao Rio, a bordo do Almirante Jaceguai, desejando seguir a profissão de locutor esportivo e disposto a conquistar fama. Em seu “Noites de Copacabana”, lembra Joaqui Ferreira dos Santos.

“Maria queria continuar narrando futebol porque fazia esse trabalho com algum destaque na *Rádio Clube de Pernambuco*. Não era pouca pretensão. Aquele tinha sido um dos primeiros gêneros a se solidificar no rádio brasileiro com as transmissões feitas, no início dos anos 30, pelos paulistas José Siqueira, Nicolau Tuma e Armando Pamplona. Agora já surgiam as bossas de Ary Barroso, Valdo Abreu, Geraldo José de Almeida e Oduvaldo Cozzi.

Este último logo daria contornos para uma boa transmissão: tinha boa expressão verbal, bom texto, criatividade (apelidou Danilo de *Príncipe*, Orlando de *Pingo de Ouro* e Nilton Santos de *A Enciclopédia do Futebol*) e inventaria seus partners para o grande espetáculo radiofônico do esporte bretão: o repórter de campo, o repórter atrás do gol e os comentaristas nos intervalos”.⁽⁵⁸⁾

Determinado a conquistar o Rio e repetir o mesmo sucesso feito no Recife, Antonio Maria ingressou como locutor esportivo na *Rádio Ipanema*, então dirigida por Carlos Frias. Com seu estilo inusitado de narração, usando expressões de sua criação, quase sempre com sentido humorístico e de enorme apelo popular, causou estranheza aos donos da *Rádio Ipanema* e acabou sendo dispensado.

Mesmo já com amigos na vida carioca, atraídos pela sua irreverência e jeitão de boêmio incorrigível, decidiu retornar ao Recife, cidade que ele amava intensamente. Além de se dedicar às transmissões de futebol, passou a atuar, também, como cronista na imprensa de Pernambuco.

Era um radialista completo, que fazia tudo no rádio, conforme depoimento de Luiz Bandeira: “Antonio Maria, surgiu com aquela vitalidade, aquela mentalidade e a capacidade de escrever para jornal, para rádio, de ler, de ser um locutor de uma desenvoltura maravilhosa! Transmitindo futebol, Maria era de uma versatilidade a toda prova”.⁽⁵⁹⁾

Descoberto pelo presidente e fundador dos Diários Associados, Assis Chateaubriand, foi nomeado diretor da *Rádio Sociedade da Bahia*, em Salvador. Mas, em 1948, com saudade do Rio, voltou à então capital federal. Dedicou-se inteiramente ao jornalismo, como diretor da *Rádio Tupi* e colunista de *O Jornal*, órgão dos Diários Associados.

Como colunista de *O Jornal* ganhou fama de cronista maior do Rio de Janeiro. Em suas rondas noturnas por bares da cidade e distritos policiais, encontrando colegas, renovando amizades e observando variadas cenas humanas, tanto de festa como de tragédia, Antonio Maria abastecia-se de farta inspiração para escrever crônicas comoventes. Como cronista, compositor e boêmio tornou-se amigo de Fernando Lobo, Sérgio Porto, Millor Fernandes e outros intelectuais de brilho na vida do Rio.

Em 1952, transferiu-se para a *Rádio Mayrink Veiga*. Seu salário de C\$ 50 mil causou verdadeiro escândalo no mercado radiofônico da época. Antonio Maria justificou com seus programas de sucesso “Alegria de Rua” e “Musical Antártica”. Depois, foi para a *Rádio Nacional*, mais prestigiada emissora do Brasil, então líder absoluta em audiência. Morreu de enfarte, no

Rio, em 15 de outubro de 1964, após uma noite de boemia em Copacabana.

Em sua produção musical, Antonio Maria gravou a marca dos seus tempos do Recife e do *Rádio Clube de Pernambuco*. O *Frevo número 1 do Recife* revela seu sentimento de saudade da capital pernambucana. Algumas de suas cações, como “Quando tu passas por mim”, em parceria com Vinícius de Moraes. “Se eu morresse amanhã”, “Canção da Volta”, em parceria com Edvaldo Gouveia, “Manhã de Carnaval”, com Luis Bonfá, “Vem hoje”, com Moacyr Silva, deixaram seu nome imortalizado na história da música popular brasileira.

Maria era cidadão extraordinário, rico, comovido e comovente, como mostra seu biógrafo Joaquim Ferreira dos Santos. Numa de suas crônicas, no *Jornal de Antonio Maria*, que ele escreveu de 1951 a 1955, em *O Jornal*, apresentou o ser humano em seus 10 mandamentos mais comoventes:

“01. Criança fantasiada, principalmente na idade dos seis meses aos três anos; 02. Moça de carro alegórico jogando beijos; 03. Homem velho contando que deu soco em alguém e, fazendo gesto (aí é que comove), mostrando como foi o soco; 04. Preto de óculos ray-ban (sábados e domingos); 05. Violinista de casa de chá tocando Toseil; 06. Retrato de primeira comunhão; 07. Criança tocando acordeão na televisão; 08. Fotografia de índio em pose perto de avião; 09. goleiro de time de morro com uma joelheira só; e 10. O bilhete que a empregada deixa sobre a mesa da cozinha (muito mais pela caligrafia do que pela ortografia): “pesso deichar a xave”.

Foi Antonio Maria, um imensíssimo personagem, segundo Ivan Lessa:⁽⁶⁰⁾ “Locutor esportivo, apresentador, produtor, redator de rádio e TV, diretor artístico de show de boate, publicitário, letrista, músico, cantor, cartunista, jornalista, cronista

e, finalmente, porque afinal de contas ninguém é de ferro - conforme observou outro esplêndido pernambucano, Ascenso Ferreira - um imen-síssimo morto que merece um pouco mais de atenção por parte dos brasileiros que se acreditam vivos neste final de milênio”.

ESCRETE DE OURO

Em 1º de outubro de 1922, com um pequeno transmissor de 10 watts, importado de Buenos Aires, instalado provisoriamente no Teatro Urquiza, em Montevideú, a *Rádio El Espectador*, então com o nome de *Rádio General Electric*, inaugurou a história da radiodifusão nacional no Uruguai exatamente com uma transmissão de futebol!, para muitos cronistas, a primeira em todo o mundo. E no Brasil, internacionalmente conhecido como o país do futebol, quando começaram as transmissões esportivas?

Também aqui Pernambuco tem a marca do seu pioneirismo, em dois momentos. Primeiro com o *Diário de Pernambuco* que, seguindo o exemplo de grandes jornais norte-americanos no início dos anos 20, realizou uma transmissão esportiva pioneira no Brasil. Foi no dia 30 de dezembro de 1924.

Segundo o cronista esportivo Givanildo Alves,(61) cerca de duas mil pessoas, “nervosas e expectantes”, se concentraram, naquele dia, em frente ao prédio do jornal, na Praça da Independência, no centro do Recife, para ouvir a transmissão do jogo entre as seleções de Pernambuco e da Bahia, em Salvador, valendo pelo Campeonato Brasileiro de 1924.

Numa operação apoiada e supervisionada pela Pernambuco Telephone Company, por meio de ligações telefônicas diretas com as estações da Western Telegraph no Recife e em Salvador, o *Diário de Pernambuco* recebia as informações do jogo no estádio da Graça, na capital baiana, e as transmitia, de três em três minutos, para a multidão em frente ao seu edifício, através de um “altofalante

Gaumont, da Casa do Rádio, o mais poderoso da América do Sul, nitidamente audível num rádio maior de 200 metros”.

Conforme Givanildo Alves, foi quase um dia inteiro de transmissão esportiva. Uma jornada que começou às 9h55m, diante do grande interesse despertando entre os recifenses, que acompanharam toda a movimentação da Seleção de Pernambuco em Salvador, desde a concentração no Hotel Meridional, o deslocamento para o estádio da Graça e o jogo contra a Seleção da Bahia. A transmissão só não foi comemorada delirantemente pela multidão porque Pernambuco foi derrotado por 7x2. Mas, ficou na história.

Quanto ao rádio, pesquisas e registros de diversos autores confirmam que as irradiações esportivas no Brasil tiveram início no começo da década de 30, quando o futebol se tornou oficialmente profissional. Apesar de haver certas imprecisões e até confusão com datas, a indicação mais aceita é feita por Edileuza Soares, em seu trabalho investigativo sobre a história do rádio esportivo em São Paulo.⁽⁶²⁾

Verificando edições da época dos jornais *A Gazeta Esportiva*, *O Estado de São Paulo* e o *Diário Popular*, Edileuza encontrou a data do jogo, da primeira transmissão pelo rádio e do início do radiojornalismo esportivo no Brasil: 19 de julho de 1931. Nicolau Tuma, speaker concursado da *Rádio Educadora Paulista* desde 1929, gritou “Gol” pela primeira vez transmitindo o jogo entre as seleções de São Paulo e Paraná. Realizado no campo da Chácara da Floresta, numa tarde de domingo em São Paulo, o jogo terminou em 6x4 para os paulistas.

De acordo com Edileuza Soares, como não havia comentarista nem repórteres para auxiliar na transmissão, nem também existia publicidade, ainda proibida oficialmente no rádio, Nicolau Tuma se viu obrigado a narrar o jogo em alta velocidade, “enun-

ciando os detalhes como uma metralhadora de palavras”. Segundo confessou, temia que se os ouvintes ficassem sem som poderiam mudar de estação.

Menos de dois meses apenas depois do extraordinário evento em São Paulo, o *Rádio Clube de Pernambuco* entrou também para a história da radiofonia brasileira, marcando pioneirismo no Norte e Nordeste com irradiações esportivas. Seu primeiro locutor oficial, Abílio de Castro, depois de enfrentar muitas dificuldades, conseguiu transmitir o jogo entre as seleções de Pernambuco e da Paraíba, também pelo Campeonato Brasileiro, diretamente do estádio do Sport Clube do Recife.

Por relato do próprio Abílio de Castro, ele transmitiu o jogo da varanda da casa de um amigo, vizinho ao estádio, com uma boa visão do campo do Sport, e não teve permissão para entrar com seu precário equipamento. Essa transmissão de futebol pioneira foi uma experiência de grande emoção para a equipe da *PRA-8* e para os recifenses, porque, além da novidade do radioesportivo, Pernambuco deu um show de bola vencendo a Paraíba por 6x2.

Está anotado no relatório no centro de documentação da CBF (Confederação Brasileira de Futebol), sucessora em 1979 da CBD (Confederação Brasileira de Desportos), criada em 08 de junho de 1914, que Pernambuco ganhou o jogo com a seguinte escalação: Valença, Fernando I, Sherlock, Fernando II, Sebastião, Julinho, Faustino, Aluísio, Marcelino, Oswaldo e Jubal.

E a Paraíba perdeu com: Zoroastro, Capelinha, Zé Pedro, Lemos, Tota, Zé Reis, Amaral, Hermes, Pitota e Roberto. Faltou um jogador na equipe paraibana, mas isso não impediu a realização da partida, nem diminuiu a vitória pernambucana.

Data do jogo: 13 de setembro de 1931. Com sua transmissão direta e ao vivo, o *Rádio Clube de Pernambuco* fixou seu

nome como um marco pioneiro na história do radioesportivo brasileiro. Uma data memorável para a *PRA-8*, com motivos de sobra para grande comemoração. Que se prolongou por noite e dias seguidos, em clima de carnaval.

Desde então, o *Rádio Clube de Pernambuco* passou a dedicar espaço às notícias dos esportes, sobretudo futebol. Os programas esportivos ganharam reforço na década de 30, com a emissora dispondo de melhor aparelhagem técnica e maior potência na antena. E na década de 40, começaram as chamadas “grandes jornadas esportivas”.

Nesse período, três nomes fizeram sucesso no radioesportivo de Pernambuco: José Renato, Carlos Brasil e Antonio Maria. Mas, foi este último, locutor, narrador, cronista, compositor e poeta, quem ganhou maior notoriedade, porque adotou um estilo humorado na transmissão do futebol.

Como ilustração de criatividade e espíritosidade, Renato Phaelante.⁽⁶³⁾ lembra que quando um jogador dava um chute errado para o gol, Antonio Maria gritava “vibrante e irritado ao microfone”:
- Eu sei onde é a barra, mas não digo.

Durante as décadas de 60 e 70, o *Rádio Clube de Pernambuco* manteve liderança absoluta em transmissões esportivas no Nordeste. Principalmente entre os aficionados do futebol, era difícil encontrar alguém que não fosse ouvinte das “Jornadas Esportivas A-8” e, diariamente, às 12h30min., do favorito e tradicional “Bola ao Centro”, primeiro programa radioesportivo do Nordeste, criado por Antonio Maria.

Com sua equipe esportiva especializada, competente e vibrante, o sinal sonoro da emissora pioneira, indicativo para os locutores anunciarem o tempo de jogo, fazia eco dentro dos estádios, confirmando a liderança de audiência.

Ouvida em todo o Nordeste, a *PRA-8* chegou aos anos 80 sustentando sua enorme e fiel audiência com o famoso e eletrizante “escrete de ouro do rádio”, sob a liderança do saudoso Ivan Lima (“o mais premiado narrador esportivo do Norte e Nordeste”).

Foi pelas mãos de Aldemar Paiva, como diretor artístico do *Rádio Clube de Pernambuco*, que o baiano Ivan Lima ingressou no cast da emissora pioneira ainda no início dos anos 50. Com ele, José Santana, Barbosa Filho, Rubens Souza Audir Dúdiman, Edvaldo Moraes, Ivo Sütter, Haroldo Rômulo, Robson Sampaio e outros nomes entraram para a galeria de astros da crônica esportiva radiofônica do Nordeste.

PERNAMBUCO VOCÊ É MEU

Um dos programas de maior sucesso do rádio brasileiro e da história da radiofonia no Nordeste permaneceu no ar durante 25 anos, 16 deles nas ondass do *Rádio Clube de Pernambuco*. Produzi-do e apresentado pelo jornalista, escritor, cronista, dramaturgo e poeta Aldemar Paiva, era um programa de estúdio em clima alto astral com repertório envolvente, força de linguagem, densidade regionalista, tom romântico, imaginação narrativa e show de otimismo.

Maravilhosos frevos agitavam as manhãs brasileiras do Nordeste através desse programa que tinha, entre suas marcantes características musicais, *Vassourinhas*, autêntico hino de Pernambuco e expressão inconfundível do seu carnaval, o mais animado do Brasil, e *Pernambuco Você é Meu*, com música de Nelson Ferreira e letra do próprio Aldemar Paiva:

“Terra boa, meu Pernambuco, que faz frevo bom e maracatu! Tem mais: banho em Beberibe... cachaça gostosa... mangaba cheioirsa... Ai! Ai! Ai! Tudo isso minha terra tem! Tem rede macia p’ra gente sonhar, buchada... peixada... Bate-bate p’ra enganchar! Tem morena formosa que seu coração não me deu... Mas porisso não choro, porque Pernambuco, Você é Meu!”.

Com seu estilo personalíssimo, timbre de voz agradável, invejável comunicabilidade, jeitão festivo e papo descontraído, quase interativo, Aldemar Paiva escreveu com *Pernambuco Você é Meu* uma das mais bonitas e inesquecíveis páginas do rádio no Nordeste. Seu sucesso na *PRA-8* começou em 1951, quando João Calmon era superintendente regional dos Diários Associados e do *Rádio Clube*, esta ainda sob a direção de Arnaldo Pinto.

Convidado pelos dois dirigentes, por intermédio do locutor e produtor artístico José Renato, também fundador da Agência Norte, primeira agência publicitária do Recife, Aldemar deixou Maceió, onde era diretor artístico, produtor e apresentador de programas da *Rádio Difusora de Alagoas*, desde 1948.

Desembarcou no Recife em 29 de junho de 1951 com a missão de substituir Chico Anysio, então produtor artístico e apresentador da *PRA-8*, que estava indo para a *Rádio Mayrink Veiga*, no Rio de Janeiro. Em seu primeiro ano no *Rádio Clube*, Aldemar fez alguns programas com Nelson Ferreira (“Jardim de Rosas Raras”) e com o próprio chico Anysio (“Dona Pinóia e seus brotinhos” - este serviu de inspiração ao humorista cearense para a produção décadas mais tarde, de sua “Escolinha do Professor Raimundo” na *Rede Globo de Televisão*).

Popularidade mesmo, no entanto, Aldemar Paiva conseguiu em dezembro de 1951, quando produziu e apresentou, sob aprovação de Arnaldo Pinto, um programa denominado *Pastoril da PRA-8*, baseado no folclore regional do Nordeste. Foi um sucesso enorme de audiência e de patrocínio. O próprio Aldemar confessaria depois: “Passei anos contando o dinheiro que me rendeu aquele pastoril”.

Em 1952, convidado por João Calmon e Arnaldo Pinto, assumiu o cargo de diretor artístico da emissora pioneira do Brasil, substituindo o maestro Nelson Ferreira. Foi nessa condição que

criou e lançou duas atrações: “*Festa no Varandão*”, mais tarde coitado por Abelardo Barbosa - Chacrinha na televisão e “*Pernambuco você é Meu*”, este transformado em sua marca registrada de sucesso. Em seu próprio título, o programa refletia, afirmativa e poeticamente, o sentimento do alagoano Aldemar Paiva por Pernambuco.

Em “*Pernambuco você é Meu*”, Aldemar abria uma janela para o mundo comentando atualidades de interesse público, despertava a atenção para eventos culturais, pontuava o dia na história, contava “causos” de arrepiar, interpretava relíquias da literatura de cordel, ressaltava a riqueza e a beleza da paisagem humana no cenário cosmopolitano do Recife, promovia a culinária regional e vendia os sabores tropicais irresistíveis de Pernambuco quase colocando no ar o cheiro de manga rosa, caju, pitanga e graviola. E tudo isso em ritmo coloquial atraente e ao som acelerado e esfuziante do frevo pernambucano.

Com charme, graça, prosa, espirituosidade, simpatia e empatia, Aldemar enchia as ondas das PRA-8 de pernambucanidade explícita tal qual contida em Gilberto Freyre, Mauro Mota e Marcos Vilaça. Os três, certamente, o definiriam como pernambucaníssimo. Após 16 anos no *Rádio Clube*, em 1968, Aldemar transferiu-se com seu programa para o *Rádio Jornal do Comércio*, atendendo convite do então superintendente Paulo Pessoa de Queiroz, filho de F. Pessoa de Queiroz, fundador da Empresa Jornal do Comércio.

Pelas ondas do *Rádio Jornal* - “Pernambuco falando para o Mundo” - Aldemar manteve o mesmo sucesso de “*Pernambuco você é Meu*” por mais nove anos. Mas, em 1977, como que por ironia do destino, o então superintendente Ivan Lima lhe impôs modificações contratuais em vigor desde o tempo de Paulo Pessoa de Queiroz, deixando Aldemar em situação funcionalmente desconfortável e financeiramente inviável. O programa foi ao ar pela última vez em 28 de outubro de 1977, sem comemorar seus 25

anos em festa que estava sendo preparada caprichosamente com a participação de renomados artistas nacionais.

Foi, sem nenhuma dúvida, o mais eficiente relações públicas de Pernambuco no rádio de Pernambuco. Combinando informação, diversão, tradição e cultura, “*Pernambuco você é Meu*” era uma magnífica revista radiofônica carnavalesca, deixando o frevo rolar e propagando além-fronteiras admirável imagem auditiva e cromática de Pernambuco.

De todo o Brasil e até do exterior a *PRA-8* recebia, regularmente, uma quantidade enorme de cartas de ouvintes cativos do “*Pernambuco você é Meu*”. Não seria exagero afirmar que o programa de Aldemar Paiva influenciou muitos nordestinos na decisão de migrar para o Recife, buscando os encantos de sua versão apaixonada e apaixonante sobre a Veneza Brasileira.

BUZINA DO CHACRINHA

“Alô, alô, seu Chacrinha, aquele abraço!”, “Na televisão nada se cria, tudo se copia”, “Alô seu Juvenal, lá vai bacalhau”, “Teresinnnnnnnnnnhhhhhaaaaaa”, “Quem não se comunica se trumbica”.

Durante quase três décadas, 60, 70 e 80, Abelardo Barbosa de Medeiros, sempre vestido como um grande palhaço e esbanjando alegria celebrizou esses bordões na televisão brasileira. Fez sucesso nacional com sua irreverência, criatividade, simpatia e alegria, sendo festejado pela crítica como “o papa da comunicação” no Brasil.

Esse Abelardo Barbosa, que conquistou prestígio nacional, é o Chacrinha admirado e consagrado pela sua originalidade apresentando alguns programas de maior audiência na história da televisão brasileira. É o mesmo Chacrinha que começou sua carreira artística em 1935, aos 18 anos, como locutor do *Rádio Clube de Pernambuco*.

Nascido pernambucano, em 30 de setembro de 1917, na cidade de Surubim, 140 quilômetros do Recife, filho de Antonio do Rego Medeiros e Amélia Barbosa de Medeiros, Abelardo Barbosa tornou-se famoso em todo o Brasil com seus programas *Cassino do Chacrinha*, *Bizina do Chacrinha* e *Discoteca do Chacrinha* na televisão brasileira a partir de 1957, quando estreou na *TV Tupi* do Rio de Janeiro.

Chacrinha deixou o Nordeste para tentar o sucesso no Rio em 1940, encorajado pela experiência no *Rádio Clube de Pernambuco*, espécie de escola indispensável para todos os nordestinos que sonhavam com a fama no meio artístico e sobretudo radiofônico, pois o rádio vivia os seus dias de glória.

Exatamente aos 23 anos, ingressou na *Rádio Vera Cruz*, onde começou sua jornada no Rio. Em seguida foi para a *Rádio Clube de Niterói*, despertando a atenção com seu programa *Cassino do Chacrinha*.

Durante 20 anos, de 1968 a 1988, seus programas na televisão brasileira serviram para revelar muitos jovens talentosos para a vida artística, entre eles o cantor Jerry Adriani, a jurada Elke Maravilha e a bailarina Rita Cadillac. Esta, com sua plasticidade e sua sensualidade, mexeu com a fantasia de milhões de telespectadores em todo o Brasil e tornou-se uma espécie de símbolo dos programas do Chacrinha.

Como autêntico pernambucano, nunca esqueceu sua terra, Surubim, nem o Recife de sua juventude e, principalmente, o início de sua trajetória profissional na *PRA-8*, o prefixo mais popular da radiofonia no Nordeste. Dizia que seu programa de sucesso nacional “Buzina do Chacrinha” era inspirado no programa “Festa no Varandão”, uma das produções vitoriosas de Aldemar Paiva no *Rádio Clube de Pernambuco*.

Em 1972, em homenagem ao seu querido Pernambuco e com apoio total da *Rede Globo*, transmitiu um de seus programas, a *Discoteca do Chacrinha*, diretamente do Recife para todo o Brasil. Foi uma grande, concorrida e barulhenta festa com muito frevo no Ginásio da Imbiribeira.

Setentão ainda irreverente, mesmo demonstrando algum cansaço, Chacrinha fez sucesso até 1988, quando morreu. Deixou gravados na história da televisão brasileira e na memória dos seus milhões de fiéis telespectadores inconfundíveis shows de muita fantasia, brilho, cor, chacretes, calouros, jurados, buzina, casacos, coletes, gravatonas, faixas, bonecos, brincadeiras, troféus, bacalhau, abacaxi e loucuras de sua admirável criação artística.

Além de “papa da comunicação de massa” no Brasil, ficou famoso também como “Velho Guerreiro” e projetou o nome de sua terra natal, sendo frequentemente reverenciado e homenageado como o “Conde de Surubim”. Que começou buzinando o sucesso no *Rádio Clube de Pernambuco*.

“DOUTOR PRA-8”

Entre os artistas consagrados no Brasil e até no exterior, que tiveram início de carreira no *Rádio Clube de Pernambuco*, ressalta-se o nome de Severino Dias de Oliveira. Famoso no mundo inteiro como acordeonista, ele sempre preferiu ser chamado de sanfoneiro porque o instrumento que toca é conhecido como sanfona entre seus conterrâneos de Itabaiana, interior da Paraíba, assim como entre 45 milhões de nordestinos.

Nascido em 1930, aos três anos já gostava de ouvir o maracatu tocando em Itabaiana. Aos 10 anos, ganhou sua primeira sanfona e passou a tocar em bailes da região. De tanto ouvir rádio para aprender novas músicas, decidiu procurar uma emissora. Naquela época, o rádio era o meio mais rápido para conquistar o sucesso popular.

No final de 1944, Severino Dias de Oliveira foi para João Pessoa. Procurou emprego na *Rádio Tabajara*. Quem queria fazer sucesso, na época, tinha que tocar em rádio. Levava consigo uma sanfona de 24 baixos, com teclado de piano, que havia comprado com seu próprio trabalho nos bailes e festas em Itabaiana.

Seu sonho era mostrar sua habilidade acompanhando a orquestra da emissora pioneira da Paraíba. Ele não esquecia a banda do Ingá, cidade vizinha de Itabaiana, na qual tocavam Severino Araújo e o irmão dele, Zé Bodega, filhos do mestre Cazuzinha. Era uma banda considerada excelente, que interpretava no rádio principalmente clássicos de Glenn Miller.

Criativo e ansioso, e criativo, Severino Dias de Oliveira queria transportar o arranjo para a sanfona e queria cantar junto. Foi assim que começou a tocar, cantando e solfejando, fazendo a voz de falsete imitando os trompetes. Tudo sonho. Em João Pessoa não deu certo. Deixou de ser contratado pela *Rádio Tabajara* por falta de dinheiro. Então, mudou o rumo de sua vida e de sua história, conforme seu próprio relato:

“Fui para o Recife. Eu tinha um amigo em Itabaiana, um parente longe, Landinho, que a mãe dele era do Recife. Ele me convidou. “Vamos para o Recife que eu te arranjo um emprego”. Fomos numa terça-feira à tarde à *Rádio Clube*. Fui falar com a recepcionista. Vindo do interior, achava que ela era a dona da rádio. Mas, ela me mandou falar com Nelson Ferreira. Toquei para ele. Nelson mandou chamar Antonio Maria. “Ouça aqui, Antonio Maria, vem ver uma coisa aqui”. Ele me mandou tocar *Tico-tico no Fubá* e depois eu toquei *In the Moon* e frevos como *Cobra Fumando*, de Levino Ferreira, *Picarinho*, de Arthur Gabriel. Ele não me deixou tocar no programa de calouros. E me ofereceu um programa no mesmo dia”.⁽⁶⁴⁾

Contratado para integrar a orquestra do *Rádio Clube de*

Pernambuco, após ser aprovado pelo diretor artístico, Nelson Ferreira, e pelo produtor musical e cronista Antonio Maria, Severino Dias de Oliveira teve que adotar um nome artístico e sonoro, por decisão do diretor da emissora, Arnaldo Moreira Pinto. Para este, Severino Dias de Oliveira, além de mito extenso, parecia mais com nome de firma comercial. Assim, Arnaldo Pinto batizou novo músico com o nome de Sivuca.

É inevitável no registro histórico do início de carreira de Sivuca o seu pitoresco ingresso no *Rádio Clube de Pernambuco*, entre as muitas recordações que gostava de reproduzir saudosamente o diretor Arnaldo Pinto nos momentos de maior descontração.

Episódio foi testemunhado e contado depois, repetida e intensamente ao longo dos anos, pelo locutor Abílio de Castro, que se encontrava com alguns colegas na portaria da emissora, quando o músico chegou vindo do interior da Paraíba: “Eu quero falar com o doutor *PRA-8*”, disse, segurando a sanfona debaixo do braço e pensando que o famoso prefixo da emissora era o nome do diretor da estação pioneira.

Como contratado do *Rádio Clube de Pernambuco*, Sivuca deixou de ser autodidata. Ele ouvia os violinos, os sopros e os instrumentos da orquestra da *PRA-8* e sentia necessidade de aprender e aprofundar seus conhecimentos. Seu primeiro professor foi o clarinetista Lourival de Oliveira, que integrava a orquestra da emissora pioneira.

Depois, ampliou sua formação com o maestro Guerra Peixe, de quem recebeu ensinamentos de harmonia, orquestração, contraponto e composição. Em 1950, preparado pelos maestros e arrajadores do *Rádio Clube de Pernambuco* e pela influência das orquestras sinfônicas que movimentavam o Recife como grande centro cultural, Sivuca partiu para São Paulo, convidado pela *Rádio Record*.

Daí em diante, tornou-se músico aclamado até internacionalmente, sendo o preferido em arranjos sinfônicos por muitas orquestras eruditas da Europa. Seu nome brilha entre tantos astros e estrelas da constelação artística nacional que despontaram e se projetaram a partir dos estúdios da pioneira *PRA-8* de Pernambuco, prefixo emblemático da radiodifusão brasileira e forte expressão da própria jornada histórica, artística e emocional do Brasil do Século XX.

3

**OUTROS PREFIXOS BRASILEIROS
PIONEIROS NAS ONDAS DO RÁDIO**

Quando o Brasil completou exatos 30 anos de história da radiodifusão, em 1949, existiam no mundo, de acordo com dados da Unesco, 4.870 emissoras e 18 milhões 849 mil aparelhos receptores de rádio.

No Brasil, em 1949, oficialmente, operavam 233 emissoras e 2 milhões 500 mil aparelhos receptores de rádio. Como em todo o mundo, o rádio brasileiro tinha alcançado o seu apogeu, encerrando com a década de 40 os chamados “anos dourados”.

Eram 30 anos de história, mas com regulamentação oficial somente a partir de 1931, portanto com apenas 18 anos de existência legalizada pelo Governo brasileiro. Por isso, são escassos os documentos preservados sobre a história dos primeiros 12 anos marcados por desbravamento e pioneirismo.

Até mesmo no Ministério das Comunicações, os registros mais antigos refere-se aos processos de outorgas a partir de 1935. Antes, os canais e difusão sonora eram concedidos pelo Conselho Sul-Americano de Radiodifusão.

Das 233 emissoras que operavam no Brasil em 1949, completados 30 anos da história radiofônica nacional, a partir do *Rádio Clube de Pernambuco*, fundado em 1919, algumas das estações pioneiras tinham desaparecido ou sido incorporadas.

Foi o que aconteceu com a *Rádio Sociedade do Rio de Janeiro*, primeira emissora carioca, transformada em *Rádio Minis-*

tério da Educação, e a *Rádio Educadora Paulista*, primeira emissora de São Paulo, transformada em *Rádio Gazeta*. Das três pioneiras, somente o *Rádio Clube de Pernambuco* mantém-se firme com sua original e genuína história.

Em maior ou menor intensidade, de alguma forma, ao final da década de 40, todas experimentavam a fama e a glória dos “anos dourados do rádio”. Antes da segunda Guerra Mundial, os prefixos traziam as iniciais PR que, depois do conflito, foram substituídas pelas iniciais ZY.

Com base em quadro sintético da radiodifusão nacional publicado em 1936 pela revista *Carioca*,⁽⁶⁵⁾ ampliado com informações de documentos oficiais, revistas especializadas, arquivos de várias estações e pesquisas históricas sobre a radiodifusão brasileira, foi possível montar a relação seguinte de 95 prefixos pioneiros com suas respectivas localidades e datas de fundação, sem ordem cronológica.

Prefixos	Emissoras	Estado	Fundação
PRA-2	Rádio Sociedade do Rio (MEC)	RJ	20-04-1923
PRA-3	Rádio Clube do Brasil (Mundial)	RJ	25-11-1924
PRA-4	Rádio Sociedade da Bahia	BA	23-03-1924
PRA-5	Rádio Clube de São Paulo	SP	17-06-1924
PRA-6	Rádio Educadora Paulista (Gazeta)	SP	30-11-1923
PRA-7	Rádio Clube de Ribeirão Preto	SP	23-12-1924
PRA-8	Rádio Clube de Pernambuco	PE	06-04-1919
PRA-9	Rádio Mayrink Veiga	RJ	20-05-1926
PRB-2	Rádio Clube Paranaense	PR	27-06-1924
PRB-3	Rádio Sociedade de Juiz de Fora	MG	01-01-1926
PRB-4	Rádio Clube de Santos	SP	17-12-1927
PRB-5	Rádio Hertz de Franca	SP	08-11-1925
PRB-6	Rádio Cruzeiro do Sul	SP	02-05-1927
PRB-7	Rádio Educador do Brasil (Tamoio)	RJ	29-06-1935
PRB-8	Rádio Rio Preto	SP	02-04-1928
PRB-9	Rádio Record de São Paulo	SP	23-10-1928
PRC-2	Rádio Gaúcha de Porto Alegre	RS	08-02-1927
PRC-3	Rádio Sociedade Pelotense	RS	06-06-1925

PRC-4	Rádio Clube de Blumenau	SC	19-03-1936
PRC-5	Rádio Clube do Pará	PA	18-04-1941
PRC-6	Rádio Phillips do Brasil	RJ	04-10-1930
PRC-7	Rádio Sociedade Mineira	MG	06-02-1927
PRC-8	Rádio Guanabara	RJ	01-09-1932
PRC-9	Rádio Educadora de Campinas	SP	07-12-1933
PRD-2	Rádio Cruzeiro do Rio	RJ	00-00-1932
PRD-3	Rádio Difusora de Petrópolis	RJ	00-00-1932
PRD-4	Rádio Cultura de Araraquara	SP	05-08-1932
PRD-5	Rádio Roquette Pinto	RJ	06-01-1934
PRD-6	Rádio Clube de Piracicaba	SP	12-10-1933
PRD-7	Rádio Clube de Sorocaba	SP	15-08-1933
PRD-8	Rádio Fluminense	RJ	00-00-1933
PRD-9	Rádio Sociedade de Sorocaba	SP	00-00-1934
PRE-2	Rádio Sociedade Cajuti	RJ	00-00-1934
PRE-3	Rádio Transmissora Brasileira	RJ	00-00-1934
PRE-4	Rádio Cultura de São Paulo	SP	16-06-1934
PRE-5	Rádio Triângulo Mineiro	MG	25-03-1933
PRE-6	Rádio Sociedade Fluminense	RJ	00-00-1933
PRE-7	Rádio Cosmos de São Paulo	SP	15-10-1934
PRE-8	Rádio Nacional do Rio	RJ	12-09-1936
PRE-9	Ceará Rádio Clube	CE	28-08-1931
PRF-2	Rádio Clube de Rio Claro	SP	24-06-1934
PRF-3	Rádio Divusora de São Paulo	SP	20-11-1934
PRF-4	Rádio Jornal do Brasil	RJ	01-05-1935
PRF-5	Rádio Internacional do Brasil	RJ	31-05-1934
PRF-6	Rádio Clube da Bahia	BA	00-00-1935
PRF-7	Rádio Cultura de Campos	RJ	11-11-1933
PRF-8	Rádio Comercial da Bahia	BA	00-00-1935
PRF-9	Rádio Difusora Portoalegrense	PS	00-00-1936
PRG-2	Rádio Tupi de São Paulo	SP	03-09-1937
PRG-3	Rádio Tupi do Rio de Janeiro	RJ	25-09-1935
PRG-4	Rádio Clube de Jaboticabal	SP	18-05-1936
PRG-5	Rádio Atlântica de Santos	SP	26-04-1935
PRG-6	Rádio Mantiqueira de Cruzeiro	SP	24-08-1936
PRG-7	Rádio Clube Jauense	SP	15-05-1934
PRG-8	Baurú Rádio Clube	SP	08-03-1934
PRG-9	Rádio Excelsior de São Paulo	SP	11-11-1934
PRH-2	Rádio Farroupilha de Porto Alegre	RS	24-07-1935
PRH-3	Rádio Voz do Oeste de Cuiabá	MT	21-09-1936
PRH-4	Rádio Cultura de Pelotas	MS	07-09-1934
PRH-5	Rádio Cultura de Poços de Caldas	MG	09-10-1933

PRH-6	Rádio Guarani de Minas	MG	10-08-1936
PRA-7	Rádio Panamericana de São Paulo	SP	01-05-1944
PRH-8	Rádio América do Rio	RJ	03-11-1936
PRH-9	Rádio Bandeirantes de São Paulo	SP	06-05-1937
PRI-2	Rádio Clube de Marília	SP	20-06-1936
PRI-3	Rádio Inconfidência de Minas	MG	03-09-1936
PRI-4	Rádio Rabajara da Paraíba	PB	25-01-1937
PRI-5	Rádio Difusora de Campo Grande	MT	26-08-1939
PRI-6	Rádio Espírito Santo	ES	12-10-1937
PRI-7	Rádio Clube Pontagrossense	PR	15-09-1939
PRI-8	Rádio Educadora de Parnaíba	PI	13-01-1940
PRJ-6	Rádio Difusora de Sergipe	SE	00-00-1938
PRJ-9	Rádio Difusora do Maranhão	MA	15-08-1940
PRL-6	Rádio Jornal do Comércio	PE	03-07-1948
ZYA-4	Rádio Difusora Paraisense	MG	18-11-1939
ZYA-5	Rádio Difusora de Joinvile	SC	17-02-1940
ZYB-4	Rádio Clube de Patos	MG	20-11-1940
ZYB-5	Rádio Poti de Natal	RN	18-04-1940
ZYC-6	Rádio Charrua de Uruguaiana	RS	20-09-1936
ZYD-7	Rádio Relógio Federal	RJ	11-07-1934
ZYF-5	Rádio Passo Fundo	RS	00-00-1946
ZYG-3	Rádio Clube de Goiânia	GO	12-08-1943
ZYH-6	Rádio Difusora de Laguna	RS	22-01-1946
ZYI-3	Rádio Difusora de Pirassununga	SP	00-00-1940
ZYI-5	Rádio Itajubá de Minas	MG	08-07-1946
ZYJ-3	Rádio Carajás de Anápolis	GO	17-07-1945
ZYJ-7	Rádio Guarujá de Florianópolis	SC	00-00-1943
ZYR-7	Rádio Iracema de Fortaleza	CE	09-10-1946
ZYO-4	Rádio Difusora de Alagoas	AL	00-00-1948
ZYQ-3	Rádio Difusora de Teresina	PI	00-00-1940
ZYB-57	Rádio Sul Fluminense	RJ	17-06-1945
ZYD-53	Rádio Difusora Fluminense	RJ	31-05-1940
ZYD-65	Rádio Globo do Rio	RJ	02-03-1949
ZYI-20	Rádio Difusora de Mossoró	RN	24-09-1949
ZYV-78	Rádio Clube de Curvelo	MG	08-08-1948

De acordo com a ordem cronológica dessa listagem, as 10 primeiras estações de rádio do Brasil foram as seguintes: Rádio Clube de Pernambuco (PE), Rádio Sociedade do Rio de Janeiro (RJ), Rádio Educadora Paulista (SP), Rádio Sociedade da Bahia (BA), Rádio Clube de São Paulo (SP), Rádio Clube Paranaense (PR), Rádio Clube

do Brasil (RJ), Rádio Clube de Ribeirão Preto (SP), Rádio Sociedade de Pelotas (RS) e Rádio Hertz de Franca (SP).

PRA-6 - RÁDIOP EDUCADORA PAULISTA

Primeira emissora do Estado de São Paulo e terceira do Brasil, depois do *Rádio Clube de Pernambuco* e da *Rádio Sociedade do Rio de Janeiro*. Fundada em 30 de novembro de 1923, graças à iniciativa dos pioneiros Luiz Ferraz de Mesquita, Leonardo Jones e Luiz Amaral César. Mais tarde, como propriedade do Grupo Gazeta, criado pelo jornalista Cásper Líbero, tornou-se a *Rádio Gazeta de São Paulo*.

Com o apoio do líder político paulista Frederico Vergueiro Steidel, o grupo fundador da emissora conseguiu fazer sua instalação provisória em dependências do Palácio das Indústrias, no Parque Dom Pedro II.

Seu primeiro prefixo foi *SQI-G* na denominação internacional, depois *PRA-E*. consta que as primeiras transmissões da emissora pioneira de São Paulo realizaram-se diretamente da residência dos fundadores, com uma programação erudita, ao gosto da família, sempre acompanhada de leitura de poemas.

Seus transmissores foram instalados inicialmente na rua Francisco Morato, no Caxinguy. Em seus primeiros anos de existência, a *Rádio Educadora Paulista* especializou-se em música clássica. Sua programação constava basicamente de música clássica, hora certa e informação de interesse público. Um dos seus primeiros locutores foi Mário Ferraz Sampaio.

Mesmo sem os necessários recursos financeiros, seus diretores resolveram construir uma sede própria na rua Carlos Sampaio, no Bairro do Paraíso. Isso foi possível com um movimento de arrecadação de doações, que recebeu a adesão de vários empresários paulistas.

Ao final da década de 30, por dificuldades financeiras, saiu do ar. Voltou a funcionar como *Rádio Gazeta de São Paulo*, a partir de 16 de março de 1943, adquirida por Cásper Líbero, dono do jornal *A Gazeta*.

Nascido em 02 de março de 1889, em Bragança Paulista, e formado pela Faculdade de Direito do Largo São Francisco, em 1918 comprou o jornal que havia sido fundado em 16 de maio de 1916 por Adolfo Araújo e o transferiu para a rua Líbero Badaró, 628.

Depois de liderar várias iniciativas de natureza popular, como a Corrida de São Silvestre, desde 1925, fazer de *A Gazeta* o primeiro jornal brasileiro a ser impresso em cores, a partir de 1930, sofrer atentados e ser exilado nos Estados Unidos, Cásper Líbero imprimiu novo ritmo aos seus negócios em 1943, quando foi anistiado pelo Governo. Em março daquele ano, adquiriu a *Rádio Educadora Paulista* e transformou a PRA-6 em *Rádio Gazeta de São Paulo*, “emissora de elite”.

Cinco meses depois, em agosto de 1943, Cásper Líbero morreu, juntamente com o arcebispo de São Paulo, dom José Gaspar, num acidente de avião no Rio de Janeiro. O avião em que viajavam de São Paulo para o Rio bateu na torre da Escola Naval e caiu no mar. Cásper Líbero deixou para seus sucessores lições de entusiasmo e determinação em defesa da comunicação.

Em 16 de maio de 1947 nasceu a Faculdade de Jornalismo Cásper Líbero e em 25 de janeiro de 1970 foi inaugurada a *TV Gazeta de São Paulo*. Quanto à *Rádio Gazeta de São Paulo*, permanece fiel às inspirações do seu fundador.

Seus estúdios passaram a funcionar na rua da Conceição, hoje avenida Cásper Líbero, cujo nome também foi dado à organização que mantém jornal, rádio, televisão e escola de jornalismo.

Nos anos dourados do rádio, ficaram famosos os concertos da *Rádio Gazeta*, com sua própria orquestra, dirigida por Armando Belardi, que também era maestro do Teatro Municipal de São Paulo.

PRA-4 - RÁDIO SOCIEDADE DA BAHIA

Emissora pioneira do Estado da Bahia e quarta mais antiga do Brasil. Foi fundada em 23 de março de 1924 pelo radiotelegrafista Lívio Gomes Moreira, então chefe de comunicação dos Correios e Telégrafos no Paraná e grande batalhador pela radiodifusão no Estado.

Para instalação da *Rádio Clube Paranaense - PRB-2*, Lívio contou com o apoio e o entusiasmo de amigos e sócios no empreendimento: Ludovico Joubert, Fido Santana, Euclides Requião, Barholdo Houer, João Alfredo Silva, Gabriel Leão da Veiga, Olavo Borio, Alberto Xavier de Miranda e Plácido e Silva.

Emissora começou operando com 10 watts e teve seus primeiros e modestos estúdios na residência do próprio Lívio Moreira, localizada na rua do Murici, no centro de Curitiba. Depois, passou a operar com instalações na casa de Fido Santana e mais tarde ocupou prédio na Barão do Rio Branco, no centro de Curitiba, onde teve seus estúdios mais frequentados nos anos dourados do rádio.

Finalmente, a emissora foi transferida para a rua Rockfeller, no Prado Velho, em Curitiba. Pertence à Fundação Nossa Senhora do Rocio, vinculada à Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

Em 2 de setembro de 1934, a *Rádio Clube Paranaense* realizou a primeira transmissão esportiva no Paraná e uma das primeiras do Brasil, focalizando um jogo entre Atlético e Curitiba.

Em 1935, a *PRB-2* produziu e apresentou um dos trabalhos

pioneiros no Brasil sob a forma de rádioteatro com a peça “A Ceia dos Cardeais”, de Júlio Dantas. Em 1969 foi a primeira emissora do Paraná a realizar cobertura internacional, acompanhando o time do Coritiba em excursão pela Europa.

Ainda em 1969, a *Rádio Clube Paranaense* transmitiu, ao vivo, diretamente de Cabo Kennedy, nos Estados Unidos, a histórica descida do homem na Lua. Foi a primeira emissora paranaense a liderar uma rede, via satélite, com outras 25 emissoras do Estado.

Essa marca de pioneirismo da *Rádio Clube Paranaense* tem aberto espaço e oportunidades para o lançamento de grandes orquestras, produções de novelas, jornalismo e entretenimento, destacando-se os programas de auditório e as transmissões esportivas.

É considerada uma escola que projetou célebres talentos artísticos no cenário nacional com suas presenças em horários nobres no rádio brasileiro. Em 1996, com 50 kilowatts de potencial, operava em AM e FM e três ondas curtas, cobrindo todo o Estado do Paraná.

PRA-7 - RÁDIO CLUBE DE RIBEIRÃO PRETO

Primeira emissora de rádio instalada no interior do Brasil e oitava na história da radiofonia nacional. Foi inaugurada em 23 de dezembro de 1924 com ondas médias e 250 watts de potência. Seus diretores-fundadores foram José da Silva Buerno e José Cláudio Louzada. Após o afastamento de Louzada, Buerno permaneceu na direção da empresa, sendo mais tarde auxiliado por seus filhos Rubens Ribeiro Bueno e Jayme Silva Bueno.

Em novembro de 1951 a *Rádio Clube de Ribeirão Preto* iniciou operações de transmissão em FM, com 250 watts, programação simultânea à da AM, sendo desativada em 1958. Em maio

de 1956 começou as transmissões em ondas curtas, com potência de 1 kw.

Em junho de 1956, com muita festa, foi inaugurada a nova sede da *PRA-7* na rua Barão do Amazonas, 35. Com três pavimentos era, na época, o único construído exclusivamente para abrigar uma emissora de rádio no interior do País.

Com grandes estúdios, salas para cada departamento e toda uma estrutura técnica adequada, a *Rádio Clube de Ribeirão Preto* passou a dispor também de um auditório com capacidade para 350 pessoas, por onde desfilaram grandes astros da música, nacionais e internacionais.

Nos anos dourados do rádio, a *PRA-7* possuía grandes profissionais que produziam radionovelas, programas de auditório, jornalismo, programas de debates, etc. Tinha um total aproximado de 130 funcionários incluindo os componentes da orquestra da emissora.

Muitos desses artistas da *Clube de Ribeirão* despontaram para o estrelado nacional nos grandes centros, Rio e São Paulo. Fez tanto sucesso sua produção de radionovelas que a estação passou a elaborar séries para algumas das principais emissoras do País. Em 1962, o controle societário foi transferido para a Cruzada Mundial Evangélica, tendo como diretor Adauto Araújo Dourado.

Sua onda média ganhou mais potência em 1965 com novo transmissor de 1 kw. Em 1967, o controle societário passou para Ticiano Mazzato, sob cuja direção, teve início a recuperação financeira da empresa e da audiência perdida desde 1963.

Em agosto de 1976 passou a operar em FM com programação independente e com transmissor de 250 watts. Em junho de 1978 a onda média ganhou condições de Onda Média

Regional, com mudanças no sistema irradiante e potência aumentada para 5 kw, atingindo maior número de cidades.

Em agosto de 1978, a *Rádio Clube de Ribeirão Preto* instalou nova emissora FM com som estereofônico, a primeira da cidade e uma das primeiras do Estado de São Paulo, tendo potência de 2,5 kws e cobrindo toda a região em torno de Ribeirão.

Em janeiro de 1980, o controle societário e a direção da veterana *PRA-7* foram transferidos para José Inácio Gennari Pizzani, Paulo de Tarso Gennari Pizzanni, Demétrio Luiz Pedroo Bom e José Roberto Villella.

Sua nova administração promoveu uma reformulação total da empresa, criando o Sistema Clube de Comunicação, com objetivo de ampliar suas atividades como grandes empresas de mídia eletrônica.

Em janeiro de 1982, a Onda Média da *PRA-7* ganhou novo sistema irradiante com modernos padrões tecnológicos e aumento de potência para 10 kws, passando a atingir grande região no interior de São Paulo.

Ainda em 1982, atendendo às novas necessidades de crescimento da empresa e de expansão no mercado, a *Rádio Clube de Ribeirão Preto* transferiu sua administração, estúdios e toda estrutura operacional para a avenida 9 de julho, nos altos da cidade.

Conforme seu plano de expansão, em 1985 iniciou gestões para conseguir um canal de televisão, que entrou em operação em maio de 1988 com a denominação de *TV Rádio Clube de Ribeirão Preto*.

Nesse mesmo ano, foi implantada a produtora de vídeo da pioneira *PRA-7*, com equipamentos de última geração e tecno-

logia avançada. Empresa genuinamente ribeiropretana, emissora pioneira no interior de São Paulo faz parte do patrimônio histórico da radiodifusão brasileira.

PRC-3 - RÁDIO SOCIEDADE PELOTENSE

Primeira emissora do Rio Grande do Sul e nona instalada no Brasil. Foi fundada em 06 de junho de 1925, em reunião ocorrida no Palácio dos Cristais com a participação dos seguintes idealizadores: Carlos Sica, Alexandre Gastaud, João Abrantes, José Luis Pinto da Silva, Antonio Nogueira Filho, Tobias Sica e Baldomero Trapaga.

Gastaud ficou responsável pela organização técnica e os demais pela conquista de adesão da comunidade ao empreendimento. Estava todos entusiasmados, com o poder da radiodifusão a partir de anúncios que eram publicados nos jornais da época que circulavam em Pelotas. O rádio era destacado como fator mais poderoso para a cultura dos povos com esmerados programas musicais e culturais para audições especiais.

Nessa época, os habitantes de Pelotas se divertiam com exibição de filmes nos cinemas Ponto Chic, Popular, Coliseu, Arco-Íris e espetáculos nos teatros Sete de Abril e Guarani, ou então, os que já tinham aparelhos receptores de rádio, ouvindo a *Rádio Sociedade do Rio de Janeiro* e também a *Rádio El Espectador de Montevideú*.

Foi sob essa influência que Carlos Sica, dono de um estabelecimento comercial denominado Palácio dos Cristais, no centro comercial de Pelotas, começou a sonhar com uma emissora de rádio em conversas diárias com seus amigos do grupo pioneiro.

Exatamente um mês depois da fundação da *Rádio Sociedade Pelotense*, o jornal *Opinião Pública* divulgava a seguinte notícia: “Sabemos que o senhor Dr. Augusto Simões Lopes, ilustre

intendente do município, cedeu uma das salas da Escola de Agronomia para a instalação da estação transmissora e receptora da Sociedade Pelotense, recentemente fundada nesta cidade e que já conta com grande número de sócios”.

Desde que foi pela primeira vez ao ar, em 1925, aos tempos atuais, muitas transformações se registraram na *PRC-3*, acompanhando a evolução da radiodifusão brasileira. Em seus primeiros anos de operação, teve sede nas dependências do Clube Comercial e mais tarde no casarão da Félix da Cunha. Depois passou a funcionar em sua sede própria atual, em amplo edifício no centro da cidade, e parque técnico no Laranjal onde se localizam seus transmissores de 10 kws, os mais potentes da região.

Sob a direção de Paulo Goz, a *Rádio Sociedade Pelotense* mantém a filosofia dos seus fundadores e pioneiros, procurando sempre servir à comunidade de Pelotas com informação, entretenimento e cultura. Evoluída em suas condições técnicas, a *PRC-3* desempenha também o seu expressivo papel de instrumento de conexão de Pelotas com o Brasil e o mundo.

PRB-5 - RÁDIO CLUBE HERTZ DE FRANCA

Terceira emissora mais antiga no interior do País e décima instalada no Brasil. Criada em 8 de novembro de 1925, como *Rádio Clube Hertz de Franca*, teve como fundadores os professores Pascoal Salgado e José Pires Monteiro com o apoio de José da Silva Bueno, Oscar de Oliveira Ramos, Henrique Moraes, Alfredo Lopes Pinto, Homero Pacheco Alves e Antonio Constantino.

Foi na Escola Profissional Dr. Júlio Cardoso que os pioneiros radiófilos fizeram a reunião de instalação do *Rádio Clube Hertz de Franca*. Nova estação, uma das primeiras do Brasil, ganhou, inicialmente, o prefixo *PRA-Z*. Mais tarde, cumprindo exigências da Convenção Sul-Americana de Rádio, de Buenos Aires, teve registrado o prefixo *PRB-5*, que lhe deu glória e fama.

Em 1940, exatamente 15 anos depois de sua fundação, o *Rádio Clube Hertz de Franca* já contava com instalações e estúdios considerados bastante modernos, no Palacete Fênix. Um auditório com excelentes acomodações para o público oferecia também as adequadas condições técnicas para transmissões radiofônicas. Seus transmissores já funcionavam em prédio próprio na avenida Bom Jardim, fora do perímetro urbano.

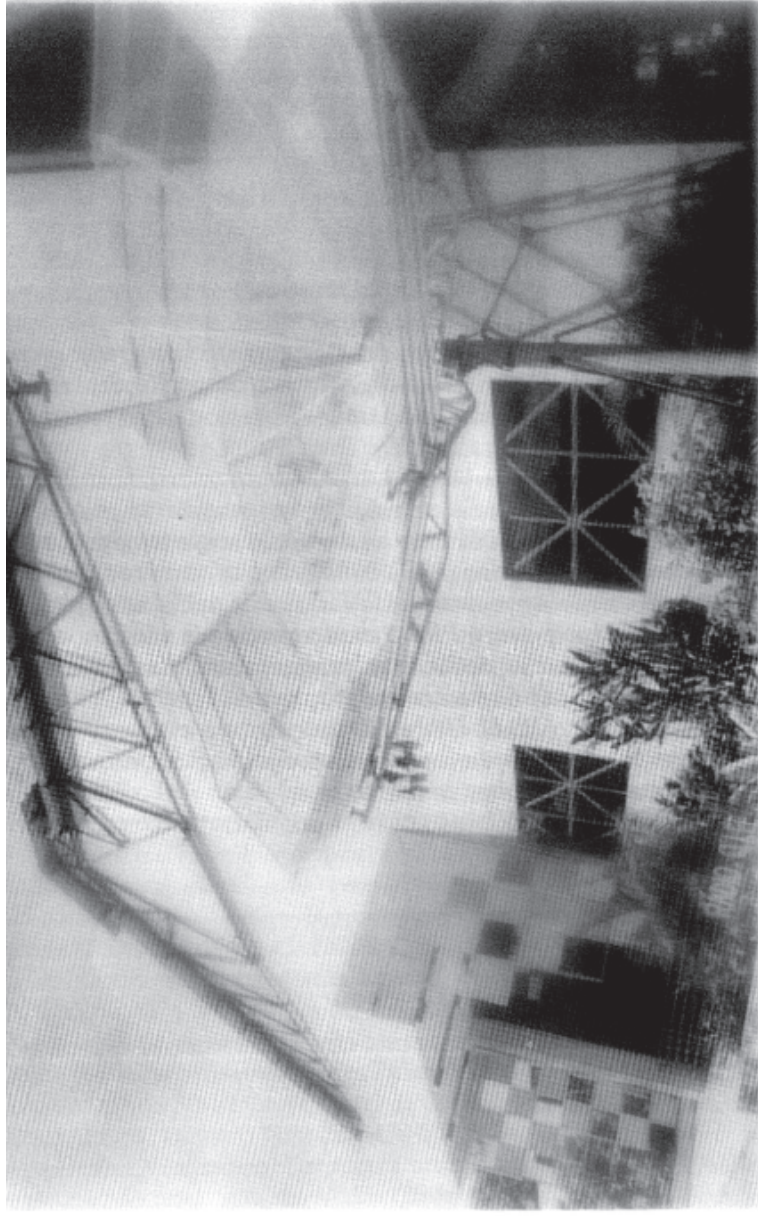
Escrevia Guerrieri de Rezende, em 1942, para o Almanaque Histórico de Franca, sobre a PRB-5: “*O Rádio Clube Hertz de Franca* acompanhou o constante progresso da radiodifusão brasileira. Assim, tem realizado vertiginoso progresso e, levado pelas circunstâncias desse mesmo progresso, tem melhorado de forma considerável suas transmissões e suas instalações, equipando-se às demais emissoras do País - guardando-se, neste caso, a relativa distância a que está sujeito como emissora do interior”.

E fazia ainda a seguinte observação: “Sua programação melhora dia a dia e seus diretores, cada vez mais, se esforçam no sentido de proporcionar aos ouvintes programas de acordo com a evolução do nosso tempo. Claro está que a parte comercial é fator principal da emissora, que outra renda não tem para sua manutenção senão o produto que lhe advém da publicidade para que realiza. Também nesta parte, tem a *PRB-5* modernizado sua atuação, concordando publicidade e programação, de forma a satisfazer o anunciante e interessando o ouvinte a quem vai bater diretamente a propaganda feita”.

Desde o início, o *Rádio Clube Hertz de Franca* esteve sempre renovando e melhorando seus equipamentos e sua programação, procurando seguir o exemplo das mais importantes emissoras brasileiras.

Pelo seu pioneirismo, sendo um dos primeiros marcos da história da radiodifusão nacional, o *Rádio Clube Hertz* é conside-

rado um referencial valioso de sua comunidade, além de patrimônio e orgulho da população de Franca. Sua denominação é uma homenagem brasileira ao físico Henrich Hertz, inventor das ondas hertzianas, que possibilitaram o nascimento da radiodifusão mundial, responsáveis por transformações memoráveis no Século XX, o século dourado da comunicação eletrônica.



Fachada da sede do *Rádio Clube de Pernambuco*, primeira emissora brasileira instalada no Recife e pioneira da radiodifusão na América Latina

BIBLIOGRAFIA

- 01) McLUHAN, Marshal. Os meios de comunicação. São Paulo, Cultrix, 1974, p. 336
- 02) STEPHENS, Mitchell. História das Comunicações. Rio de Janeiro, civilização Brasileira, 1993, p. 613
- 03) PASTORE, John. A História das Comunicações. São Paulo, cultrix, 1966, p. 31
- 04) BAGDIKIAN, Ben. As máquinas de informar. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1973, p. 45
- 05) BOLGER, Thomas, in O Telefone, ontem, hoje e sempre. Brasília, Telebrás, 1979, p. 2
- 06) TOLEDO, Adalton Pereira. Telefonometria. São Paulo, McGraw-hill, 1975, p. 3
- 07) FORNARI, Ernani. o incrível padre Landell. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1984, p. 25
- 08) FORNARI, Ernani. Op. cit. p. 20
- 09) COSTELA, Antonio. Comunicação - Do Grito ao Satélite. São Paulo, Mantiqueira, 1978, p. 151
- 10) HUTH, Arno. La Radiodiffusion. Paris, Librairie Gallimard, 1937, p. 33
- 11) CAUDURO, Fernando. O homem que apertou o botão da comunicação. Porto Alegre, Feplan, 1975, p. 10
- 12) EMERY, Edwin. História da Imprensa nos Estados Unidos. Rio de Janeiro, 1965, p. 700
- 13) LAVOINNE, Yves. A Rádio. Lisboa, Vega, S/D, p. 158
- 14) FORNARI, Ernani. Op. cit. p. 23
- 15) Diário de Pernambuco, Recife, 19 de junho de 1984
- 16) HUTH, Arno. Op. cit. p. 109
- 17) LOPES, Saint-Clair. Radiodifusão Hoje. Rio de Janeiro, Temário, 1970, p. 33

- 18) SALGADO, Álvaro. A radiodifusão, educativa no Brasil. Rio de Janeiro, Ministério da Educação, 1946, p. 25
- 19) TEBBEL, John William. Os meios de comunicação nos Estados Unidos. São Paulo, Cultrix, 1978, p. 414
- 20) O Estado de São Paulo, 02 de abril de 1925
- 21) LOPES, Saint-Clair. Radiodifusão - Meio século a serviço da integração nacional. Rio, Abert, 1972, p. 35
- 22) SAMPAIO, Walter - Jornalismo Audiovisual. Petrópolis, Vozes; Eusp. São Paulo, 1971, p. 19
- 23) ORTRIWANO, Gisela. A Informação no Rádio. São Paulo, Summus, 1985, p. 13
- 24) Revista ABERT, nº 87, Brasília, setembro de 1993
- 25) Revista ABERT, nº 108, Brasília, janeiro/fevereiro de 1996
- 26) AZEVEDO, Fernando de. Cultura Brasileira. São Paulo, Melhoramentos, 1958, p. 208
- 27) Jornal do Comércio, Recife, 04 de abril de 1994
- 28) ALVES, Givanildo. História do futebol de Pernambuco. Recife, Cepe, 1978, p. 15
- 29) CAVALCANTE, Vanildo. Recife de Corpo Santo. Recife, Cepe, 1977, p. 301
- 30) Diário de Pernambuco, Recife, 06 de abril de 1919
- 31) TEBBEL, John William. op. cit. p. 416
- 32) Revista Comunicação, nº 33, Rio de Janeiro, outubro/novembro de 1984
- 33) Diário de Pernambuco, Recife, 06 de abril de 1989
- 34) Diário de Pernambuco, Recife, 19 de julho de 1984
- 35) PHAELANTE, Renato. Fragmentos da História do Rádio Clube de Pernambuco. Recife, Cepe, 1994, p. 18
- 36) VAMPRÉ, Otávio Augusto. Porto Alegre, Feplan, 1979, p.24
- 37) Diário de Pernambuco, Recife, 28 de setembro de 1923
- 38) Diário de Pernambuco, 18 de outubro de 1923
- 39) Diário de Pernambuco 19 de outubro de 1923
- 40) Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, 09 de novembro de 1935
- 41) Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, 08 de dezembro de 1936
- 42) Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, 04 de julho de 1944

- 43) FILHO, Luiz Maranhão. Memória do Rádio. Recife, Jangada, 1991, p. 12
- 44) Revista Siemens, nº 05, Rio de Janeiro, fevereiro/março de 1931
- 45) FILHO, Luiz Maranhão. Op. cit, p. 17
- 46) HUTH, Arno. Op. cit. p. 286
- 47) CARMONA, Elyzabeth. Momentos expressivos do rádio paulista. São Paulo, CCSP, 1984, p. 25
- 48) AZEVEDO, Fernando de. Op. cit. p. 108
- 49) SODRÉ, Nelson Werneck. História da Imprensa no Brasil. Rio de Janeiro, Graal, 1977. p. 455
- 50) FILHO, Luiz Maranhão. Op. cit. p. 58
- 51) PHAELANTE, Renato. Op. cit. p. 64
- 52) Diário de Pernambuco, 21 de dezembro de 1996
- 53) PHAELANTE, Renato. Op. cit. p. 80
- 54) BELTRÃO, Luiz. Introdução à Filosofia do Jornalismo. Rio de Janeiro, Agir, 1960, p. 37
- 55) LOPES, Saint-Calir. Op. cit. p. 41
- 56) SAMPAIO, Walter. Op. cit. p. 20
- 57) PHAELANTE, Renato. Op. cit. p. 50
- 58) SANTOS, Joaquim Ferreira. Antonio Maria, Noite de Copacabana. Rio, Relume-Dumará, 1996, p. 16 e 17
- 59) PHAELANTE, Renato. Op. cit. p. 74
- 60) Revista VEJA, São Paulo, 11 de setembro de 1996
- 61) ALVES, Givanildo. Op. cit. p. 119
- 62) SOARES, Edileuza. A bola no ar - O rádio esportivo em São Paulo. São Paulo, Summus, 1994, p. 30 e 31
- 63) PHALANTE, Renato. Op. cit. p. 38
- 64) O Estado de São Paulo, São Paulo, 11 de maio de 1996
- 65) Revista Carioca, Rio de Janeiro, 19 de janeiro de 1936

FATORAMA
Brasília-DF - 1997
Fax: (61) 3368-3482